

أنتن بو شفق
و من للعواقل و
ة . و اذ ذاك
س آية كليا و السك
بمشهور الوفي و
شروا لك . و ك
س . لاجت انه
س . بن انرا جاء
عتكك و خياك
و الان نية بال
في الساء لوه
لر لؤيدري البت
من القيام بتك
لك . بن حركه
و كل كلمه من
تتخذ بها و
برق لبراعه
عصر في جسم
مصادر ك



O Livro de Mirdad

Mikhail Naimy

O LIVRO DE MIRDAD

Um Farol e um Refúgio

Mikhail Naimy

Índice

A História do Livro

O abade prisioneiro

A escarpa rochosa

O guardião do livro

O LIVRO DE MIRDAD

Mirdad se revela e fala de véus e selos.

Acerca da Palavra Criadora.

O eu é a fonte e o centro de todas as coisas.

A Trindade Sagrada e o Perfeito Equilíbrio.

O homem é um deus enfaixado.

Cadinho e peneiras.

A Palavra de Deus e a do homem.

Acerca de mestres e servo.

Os Companheiros dão sua opinião a respeito de Mirdad

Micayon e Naronda mantêm uma palestra noturna com

Mirdad e este os avisa do dilúvio que está para vir,

rogando-lhes que estejam prontos.

Os Sete buscam Mirdad no Ninho da Águia.

Ele os adverte de nada fazerem no escuro caminho para uma vida sem sofrimento.

Os Companheiros querem saber se Mirdad é o Clandestino.

Acerca do julgamento e o dia do juízo.

Amor é a lei de Deus.

Mirdad adivinha uma inimizade entre dois Companheiros, pede a harpa e canta o hino da nova Arca.

Acerca do Silêncio Criador.

O falar é, na melhor das hipóteses, uma mentira honesta.

Da oração.

Colóquio entre dois arcanjos e entre dois arqui-demônios na ocasião, independente do tempo, em que nasceu o homem.

Shamadam faz um esforço para expulsar Mirdad da Arca.

O Mestre fala acerca de insultar e ser insultado, e de encarar o mundo com a Sagrada Compreensão.

Acerca de credores.

Que é o dinheiro?

Rustidion é perdoado de sua dívida para com a Arca.

Shamadam recorre ao suborno na sua luta contra Mirdad.

Mirdad adivinha a morte do pai de Himbal e as circunstâncias em que se dera. O Mestre fala da morte.

O Tempo é o maior embusteiro.

A roda do Tempo, o seu aro e o seu eixo.

Lógica e Fé.

Negação do eu e afirmação do eu.

Como fazer parar a roda do Tempo. Chorando e rindo.

Para onde iremos depois de morrermos.

Do arrependimento.

A Sagrada Vontade Total.

Porque as coisas ocorrem de certa forma e quando isso se dá.

Mirdad alivia Zamora do seu segredo e fala do homem e da mulher, do casamento e do celibato daquele que se libertou.

Mirdad cura Sim-Sim e fala acerca da velhice.

Não é correto matar para comer?

Dia da Videira e a preparação para ele.

Mirdad desaparece na sua véspera.

Mirdad fala aos peregrinos acerca do Dia da Videira e liberta a Arca de um peso morto.

A Verdade deve ser pregada a todos, ou somente a uns poucos escolhidos? Mirdad revela o segredo do seu desaparecimento na véspera do Dia da Videira e fala da falsa autoridade.

Príncipe de Bethar aparece com Shamadam no Ninho da Águia.

O colóquio entre o príncipe e Mirdad acerca de guerra e paz.

Mirdad é aprisionado por Shamadam.

Shamadam em vão tenta reconquistar os Companheiros.

Mirdad retorna miraculosamente e dá a todos os Companheiros, exceto a Shamadam, o beijo da Fé.

Mestre revela o sonho de Micayon

A Grande Nostalgia

Acerca do pecado e da retirada dos aventais de folha de figueira.

Acerca da noite – a cantora incomparável.

Acercas do Ovum materno.

Centelhas no caminho que conduz a Deus.

Dia da Arca e os seus rituais.

A mensagem do príncipe de Bethar a respeito da lâmpada viva.

Mestre avisa à multidão sobre o dilúvio de fogo e sangue, ensina o caminho de salvação e lança a sua arca.

A História do Livro O Abade Prisioneiro

No mais alto cume das Montanhas Alvas, conhecido como o Pico do Altar, jazem as vastas e sombrias ruínas de mosteiro, outrora famoso, com o nome de A ARCA. A tradição o ligava a uma antiguidade, tão venerável quanto à do Dilúvio.

Várias lendas se teceram a respeito da Arca; porém, a que mais se espalhava na boca dos montanheses, entre os quais tive oportunidade de passar um verão, à sombra do Pico do Altar, é a seguinte:

Muitos anos após o grande Dilúvio, Noé, sua família e seus afins, arribaram às Montanhas Alvas, onde encontraram vales férteis, rios caudalosos e um clima extraordinariamente ameno. E ali resolveram fixar-se.

Tendo Noé percebido que seus dias se aproximavam do fim, chamou para junto de si seu filho Sem, que era, como ele, um sonhador e tinha visões, e lhe falou:

Repara, filho meu, quão rica foi a colheita de anos de teu pai. Agora o último molho está pronto para a segadeira. Tu e teus irmãos e teus filhos e os filhos de teus filhos repovoareis a Terra desolada, e a tua semente será como a areia do mar, segundo a promessa que Deus me fez.

No entanto, assalta-me um receio nestes dias bruxuleantes que me restam. É o de que os homens, com o tempo, se esqueçam do Dilúvio e da luxúria e maldade que o provocaram; de que também se esqueçam da Arca e da Fé que a susteve em triunfo, durante cento e cinquenta dias sobre a fúria dos abismos vingadores e de que nem sem

lembrem da Nova Vida que surgiu dessa Fé da qual eles são o fruto. Para que eles não esqueçam, eu te peço, filho meu, que levantes um altar sobre o mais alto pico destas montanhas, o qual, daí por diante, será chamado o Pico do Altar. E rogo-te que construas, à volta desse altar, uma casa que em todos os pormenores corresponda à Arca e que, sendo embora de menores dimensões, será chamada “Arca”.

Sobre esse altar eu me proponho a fazer minha última oferenda. E o fogo que eu ali acender, peço-te que o conserves constantemente aceso. Quando à casa, dela farás um santuário, onde viverá uma pequena comunidade de pessoas escolhidas, cujo número nunca será nem mais, nem menos que nove. Serão conhecidas como os Companheiros da Arca. Quando uma delas falecer, Deus imediatamente proverá outra que a substitua. Estas pessoas jamais deixarão o santuário, onde viverão uma vida de claustro pelo resto de seus dias, praticando toda a austeridade da Arca-Mãe e conservando aceso o fogo da fé, pedindo ao Altíssimo que as guie, bem como aos seus companheiros. As suas necessidades materiais serão providas pela caridade dos que tiverem fé.

Sem, que estivera bebendo, sílaba por sílaba, as palavras de seu pai, o interrompeu para saber o motivo do número nove, nem mais nem menos. E o patriarca, castigado pela idade propecta, explicou:

“Porque foi esse o número dos que viveram na Arca.”

Mas Sem não conseguia contar mais do que oito: seu pai e sua mãe, ele próprio e sua esposa, seus dois irmãos e as respectivas esposas. E conseqüentemente, ficou perplexo diante das palavras de seu pai. Noé, percebendo a perplexidade de seu filho, explicou ainda:

“Guarda silêncio, que te vou revelar um grande segredo, meu filho. A nona pessoa era um clandestino, que somente eu vi e conheci. Era meu constante companheiro e meu homem do leme. Nada mais me perguntes sobre ele, mas não deixes de lhe guardar um lugar no teu Santuário. Esta é a minha vontade, Sem, meu filho. Providencia para que seja executada.”

E assim foi que Sem fez o que seu pai lhe havia ordenado. Quando Noé se foi juntar aos seus antepassados, seus filhos lhe enterraram o corpo debaixo do altar, na Arca, que por muitos e muitos anos continuou a ser, de fato e em espírito, o verdadeiro santuário idealizado pelo venerável conquistador do Dilúvio.

Com o passar dos séculos, porém, a Arca principiou, pouco a pouco, a receber dos fiéis, donativos muito além do que realmente necessitava. De tal fato resultou que se foi tornando, de ano para ano, mais rica em terras, prata, ouro e pedras preciosas.

Um dia, há algumas gerações, tendo falecido um dos Nove, apresentou-se um estranho aos portões do mosteiro, solicitando sua admissão na comunidade.

De acordo com as antigas tradições da Arca, tradições essas que jamais tinham sido violadas, o estranho deveria ser imediatamente admitido, já que havia sido o primeiro a solicitar essa admissão, após o falecimento de um dos companheiros. Mas o Superior da comunidade, que era o nome que se dava ao abade, era nessa ocasião um homem prepotente, de mentalidade mundana e de coração duro. Não se agradou da aparência do estranho que estava nu, faminto e coberto de chagas; disse-lhe que era indigno de ser admitido na comunidade.

O estranho insistiu em ser admitido, e esta insistência de tal modo enfureceu o Superior que ele exigiu que o

estranho se retirasse imediatamente. O homem, porém, era perseverante e recusava-se ir embora. E, afinal, venceu a resistência do Superior, que o admitiu como servo.

Muito tempo esteve o Superior à espera de que a Providência lhe enviasse um companheiro para substituir o que havia falecido. Foi em vão. Ninguém apareceu. E assim, pela primeira vez na sua história, a Arca alojava oito companheiros e um servo.

Passaram-se sete anos e o mosteiro se tornou tão rico que já ninguém podia calcular a quanto montava sua imensa riqueza. Possuía todas as terras e vilas por muitas milhas ao seu redor. O superior estava muito contente, e passara a ter uma boa disposição para com o estranho, acreditando que esta havia trazido “sorte” para a Arca.

Ao iniciar-se o oitavo ano, porém, a situação começou a modificar-se lentamente. A antiga e pacífica irmandade principiou a fermentar. O esperto Superior logo percebeu que a causa daquilo era o estranho e resolveu expulsá-lo. Era tarde! Muito tarde! Os monges, sob a sua direção, já não se conformavam com regra ou razão alguma. Em dois anos doaram todas as propriedades do mosteiro, pessoais ou gerais. Os inúmeros arrendatários de terras passaram a ser proprietários. No terceiro ano todos os monges abandonaram o mosteiro. E, o que é mais terrível, o estranho amaldiçoou o Superior, dizendo que ele ficaria preso àquele local e se tornaria mudo.

Essa é a lenda.

Não faltaram testemunhas que afirmassem tê-lo visto várias vezes, quer de noite, quer de dia, a vagar pelas terras do mosteiro abandonado, deserto e reduzido a ruínas. No entanto, ninguém jamais conseguira arrancar uma única palavra de seus lábios. Mais ainda, de cada vez

que percebia a presença de qualquer homem ou mulher, desaparecia, ninguém sabe onde.

Confesso que esta lenda tirou-me o sossego. A visão de um monge solitário — ou talvez a sua sombra — vagando durante muitos anos na sede de um velho santuário, no alto de um pico desolado como o do Altar, era por demais obsecante para que eu pudesse abandoná-lo. Encantava-me os olhos; dominava-me o pensamento; fazia-me ferver o sangue; queimava-me a carne e os osso.

Finalmente, decidi: — Subirei a montanha.

A Escarpa Rochosa

De frente para o oceano e elevando-se a centenas de metros acima do nível do mar, pedregoso e quase a prumo, o Pico do Altar mostrava-se à distância, inacessível, um verdadeiro desafio a quem audaciosamente o tentasse escalar. No entanto, duas veredas razoavelmente seguras me foram mostradas, ambas tortuosas e contornando os precipícios — uma ao sul e outra ao norte. Resolvi desdenhá-las ambas. Entre elas, descendo diretamente do cume e chegando bem próximo à base da montanha, pude vislumbrar uma ladeira estreita e lisa que me parecia a estrada real para o pico. Atraiu-me com uma força estranha e decidi fazer dela o meu caminho.

Quando revelei a minha decisão a um dos montanhese ele fitou-me com um par de olhos flamejantes e, juntando as mãos, exclamou, aterrorizado:

“Pela Escarpa Rochosa?! Não seja tolo em vender por tão pouco a sua vida. Muitos já antes o tentaram, porém nenhum deles jamais voltou para contar o que houve. A Escarpa Rochosa?! — Não! Jamais!”

E assim dizendo, insistiu em guiar-me pela montanha acima. Eu, porém, delicadamente dispensei o seu auxílio. Não posso explicar porque o seu terror causou em mim em efeito contrário ao que seria de esperar. Ao invés de me deter, estimulou-me a prosseguir, tornando ainda mais firme a minha decisão de iniciar a escalada.

Certa manhã, exatamente no momento em que a escuridão começava a dissolver-se na luz, sacudi de meus olhos os sonhos da noite e empunhando meu bordão e sete pães, parti para a Escarpa Rochosa. O suave alento da noite que expirava, o pulso rápido do dia que nascia, uma ânsia de enfrentar o mistério do monge prisioneiro e a ânsia, ainda

maior, de libertar-me de mim mesmo, ainda que fosse por um só momento, pareciam por asas nos meus pés e dar vivacidade a meu sangue.

Principiei a jornada com um hino no coração e firme propósito em minh'alma. Quando, porém, depois de uma longa e alegre caminhada, cheguei à extremidade inferior da Escarpa e tentei a escalada com os olhos, o hino morreu-me na garganta. Aquilo que, visto de longe, me havia parecido uma estrada reta, suave e estendida como uma fita, apresentava-se agora, larga, quase a prumo, altíssima e inconquistável. Até onde minha vista alcançava, para cima e para os lados, eu só via blocos de cristal de rocha de vários tamanhos, eriçados de pontas aguçadas e arestas afiados como navalhas. Nem o mais leve sinal de vida. Toda a paisagem ao redor era de tal modo sombria que só podia inspirar pavor. De baixo, nem ao menos se vislumbrava o topo da montanha. Não me deixei, porém, dissuadir.

Sentindo, ainda, flamejar no meu rosto o olhar do homem que me havia advertido contra a escarpa, reforcei minha decisão e principiei a escalada. Logo, porém, compreendi que somente com os pés não poderia chegar muito longe, pois o cristal de rocha escorregava debaixo deles produzindo um ruído terrível como o de um milhão de gargantas que estivessem sendo estranguladas. Para avançar eu precisava enterrar as mãos e os joelhos, tanto quanto os dedos dos pés, naquelas rochas móveis. Como desejei ter a agilidade de uma cabra!

E eu avançava para cima, engatinhando em zig-zag, sem descanso. Receava que caísse a noite antes que pudesse atingir meu alvo. Nem me passava pela idéia desistir.

O dia tinha sido bem empregado, quando, subitamente, senti fome. Até aquele momento nada havia comido ou

bebido. Os pães que eu havia atado em um lenço à cintura eram uma preciosidade cujo valor eu bem podia avaliar naquele instante. Desamarrei-os e estava para quebrar o primeiro bocado, quando senti soar nos meus ouvidos o som de uma sineta e algo que me parecia o lamento de uma flauta. Nada me pareceria mais assustador no seio daquela desolação rochosa.

Subitamente vi surgir, sobre uma rocha à minha direita, uma grande cabra negra com um cincerro ao pescoço. Antes que pudesse tomar fôlego, vi-me cercado por cabras que me envolviam, pisando nas rochas e produzindo, assim, um ruído muito mais horrível do que os meus próprios pés faziam. Como se tivessem sido convidadas, as cabras atiraram-se aos meus pães e os teriam arrancado de minhas mãos se não tivessem ouvido a voz do pastor que, não sei como, nem quando, surgiu a meu lado. Era um jovem de agradável aparência — alto, forte e cheio de alegria. Só tinha, por vestimenta, uma pele que lhe cingia os rins, e a flauta, na sua mão direita, era sua única arma.

“Esta minha cabra-guia”, disse ele suavemente e a sorrir — “é muito mimada. Dou-lhe pão, sempre que o tenho. Faz, porém, muitas e muitas luas que não passa por aqui nenhuma criatura que traga pão consigo.”

A seguir, dirigiu-se à cabra: “Vês como a Fortuna tudo provê, minha guia fiel? Nunca descreias da Fortuna.”

E logo, abaixando-se, apanhou um pão. Julgando que ele estivesse com fome, disse-lhe amável e sinceramente:

“Podemos partilhar esta frugal refeição. Há pão suficiente para nós ambos... e para a cabra-guia.”

Fiquei, porém, quase paralisado de assombro a vê-lo atirar às cabras o primeiro pão, o segundo e o terceiro... todos, até o sétimo, tirando, de cada um, um bocado para si. O choque que recebi foi de tal ordem que a ira começou a

ferver-me no coração. No entanto, compreendendo a minha incapacidade, consegui aquietar um pouco a cólera e, com expressão de espanto, voltei-me para o pastor de cabras dizendo, como quem ao mesmo tempo suplica e censura:

“Agora que acabaste de dar às tuas cabras o pão de um homem faminto, não lhe vais dar um pouco de leite?”

“O leite de minhas cabras é veneno para os tolos e não quero que nenhuma delas seja culpada da morte de alguém, nem mesmo de um tolo.”

“Mas por que sou tolo?”

“Porque trazes sete pães para uma viagem que dura sete vidas.”

“Deveria então ter trazido sete mil?”

“Nem um só.”

“O que me aconselhas, então, é encetar essa longa viagem inteiramente sem provisões?”

“O caminho que não oferece provisões ao viandante não merece a confiança deste.”

“Desejarias então que eu comesse pedras e bebesse o meu suor?”

“A tua própria carne te bastará como pão, e o teu próprio sangue te bastará como água. É esta a solução.”

“Levas muito longe o teu escárnio. Não posso, porém, retribuí-lo. Aquele que come do meu pão, torna-se meu irmão, ainda que me deixe faminto. O dia está fugindo por trás da montanha e preciso recomeçar a minha marcha. Queres informar-me se ainda estou muito longe de cume?”

“Estás muito perto do Esquecimento.”

E assim dizendo, colocou a flauta nos lábios e saiu marchando ao som de agrestes notas que pareciam um lamento dos mundos inferiores. A cabra-guia o seguiu e,

após esta, todas as outras. Durante muito tempo ainda pude ouvir o ruído das rochas pisadas e o balir das cabras, de mistura com os lamentos da flauta.

Tendo esquecido a fome, principiei a recuperar parte de minha energia e minha determinação que o cabreiro havia destruído. Se a noite me alcançasse naquela vereda pedregosa, precisaria encontrar um local onde pudesse repousar os ossos cansados, sem correr o risco de rolar pelo despenhadeiro abaixo. Recomecei a engatinhar. Olhando para baixo, mal podia acreditar que já tivesse subido tanto. O início da vereda escarpada já não mais estava à vista. E olhando para cima, parecia-me que dentro em pouco alcançaria o cume.

Ao cair da noite atingi um grupo de rochas que formavam como que uma gruta. Conquanto a gruta ficasse no topo de um abismo, em cujo fundo se podiam ver sombras negras e pavorosas, resolvi dela fazer minha pousada para a noite. Minhas sandálias estavam esfarrapadas e tintas de sangue. Quando tentei tirá-las, descobri que minha pele a elas se havia colado. As palmas de minhas mãos estavam cobertas de casca, arrancados de uma árvore morta. A maior parte das minhas roupas tinha sido arrancada pelas pedras agudas. Sentia a cabeça andar à roda, de tanto sono. A mente me parecia estar vazia de qualquer pensamento ou idéia.

Quanto tempo estive adormecido — um momento, uma hora ou uma eternidade — não sei. Mas despertei sentindo que me puxavam, com força, pela manga. Sentando-me, assustado e ainda tonto de sono, vi uma jovem de pé, diante de mim, com uma lanterna mortífera na mão. Estava completamente nua e era delicadamente bela de corpo e de rosto. Quem me puxava pela manga do casaco era uma

velha tão feia quanto era bela a moça. Senti um calafrio que me fez tremer da cabeça aos pés.

“Vês como a boa Fortuna tudo provê, minha filha? — dizia a velha ao mesmo tempo em que me despia a metade do casaco — “Nunca duvides da Fortuna.”

Eu sentia a língua como que paralisada e não fazia o menor esforço para falar e menos ainda para resistir. Era em vão que apelava para a minha vontade. Esta parecia ter-me abandonado. Sentia-me completamente incapaz de reagir, nas mãos da velha, conquanto pudesse atirá-la, bem como a filha, para fora da gruta, se assim o quisesse. Não podia, porém, nem mesmo querer e não tinha capacidade de as expulsar.

Não contente em me haver despido o casaco, a mulher passou a despir-me as outras peças de roupa até deixar-me inteiramente nu. À medida que me despia, entregava as peças de roupa à jovem, que as ia vestindo. A sombra de meu corpo nu se projetou na parede da gruta, juntamente com as sombras das mulheres esfarrapadas, o que me punha amedrontado e aborrecido. Olhava para aquilo sem compreender e nada dizia, quando mais precisava falar, já que a voz era a única arma que possuía naquela situação desagradável. Finalmente minha língua soltou-se e eu disse:

“Se tendes perdido o pudor, velha, eu não o perdi. Estou envergonhado de minha nudez, mesmo diante de uma velha bruxa como vós. Mais envergonhado, porém, me sinto diante da inocência desta moça.”

“Assim como ela usa a tua vergonha, usa tu, a sua inocência.”

“Que necessidade tem uma jovem das roupas esfarrapadas de um homem cansado e que se acha perdido numa noite como esta, em lugar como este, nas montanhas?”

Talvez para aliviar-te de tua carga. Talvez para aquecer-se. Os dentes da pobre menina estão batendo de frio.”

Mas quando o frio fizer os meus dentes baterem, como poderei afugentá-lo? Não tendes piedade em vosso coração?”

Quanto menos possúires, menos serás possuído;

Quanto mais possúires, mais serás possuído.

Quando mais possuído, mais serás taxado;

Quando menos possuído, menos serás taxado.

Vamos embora, minha filha.

Ao tomar ela a mão da jovem, e quando já se iam retirar, vieram-me à mente um milheiro de perguntas que eu desejava fazer. Só uma, porém, chegou-me à ponta da língua:

“Antes de vos retirardes, velha, podereis ter a bondade de me dizer se ainda estou muito distante do cume?”

“Tu estás à beira do Abismo Negro.”

A luz mortiça da lanterna lançou novamente, para mim, aquelas sombras estranhas, quando as duas se retiraram da gruta, desaparecendo na noite negra como fuligem. Uma onda de frio, que não sei de onde vinha, atingiu-me. Ondas mais negras e mais frias seguiram-se. As próprias paredes da gruta pareciam estar suando gelo. Meus dentes se puseram a bater, e com isso surgiram os pensamentos mais confusos: as cabras pastando nas rochas, o pastor zombeteiro, esta velha e esta jovem; eu nu, machucado,

ferido, com fome, frio, confuso, naquela gruta, à orla de um tal abismo. Estaria eu perto do meu alvo? Conseguiria atingi-lo? Esta noite teria fim?

Mal eu havia recolhido, ouvi o ladrar de um cão, vi outra luz pertíssimo, dentro mesmo da gruta.

“Vês, como a boa Fortuna provê, minha querida? Nunca duvides da Fortuna.” A voz era de um velho, muito idoso, barbado, curvado e com os joelhos trêmulos. Falava com uma mulher tão velha quanto ele, sem dentes, descabelada e também curvada e com os joelhos trêmulos. Aparentemente, sem tomar conhecimento da minha presença, ele continuou com a mesma voz que parecia lutar para lhe sair da garganta:

“Uma luxuosa câmara nupcial para o nosso amor e um esplêndido cajado para substituir o que perdeste.”

E assim dizendo, apanhou o meu cajado e o deu à velha, que se curvou sobre ele, acariciando-o com suas mãos encarquilhadas. Depois, como quem só então dava pela minha presença, mas sempre falando com a sua companheira:

“O estranho vai partir imediatamente, querida, e nós poderemos sonhar nossos sonhos sozinhos.”

Estas palavras caíram sobre mim como uma ordem à qual eu me sentia incapaz de desobedecer, especialmente quando o cão se aproximou rosnando, ameaçadoramente, como que para me fazer cumprir a ordem de seu dono. A cena encheu-me de horror. Eu assistia como se estivesse sob o efeito de um encantamento... e foi nesse estado que caminhei até à saída da gruta, fazendo esforços desesperados para falar, para defender-me, para assegurar meus direitos.

“Levastes o meu cajado. Sereis tão cruéis que me expulsareis desta gruta que deveria ser meu lar por esta noite?”

Felizes os que não têm cajado,
pois não tropeçam.
Felizes os que não têm lar,
Pois estão em casa.
Só os que tropeçam — como nós —
Precisam andar com cajados.
Só os que estão presos a um lar — como nós —
Precisam ter um lar.

Assim cantavam eles, em dueto, enquanto preparavam o leito, nivelando o cascalho com suas longas unhas, sem prestarem atenção em mim. Fizeram-me gritar, no auge de desespero:

“Olhai para as minhas mãos. Olhai para os meus pés. Sou um viandante perdido nesta encosta. Tracei com meu próprio sangue o meu caminho até aqui. Já não posso ver uma única polegada mais desta pavorosa montanha que parece ser tão familiar para vós. Não tendes receio de pagar por isto? Dai-me ao menos a vossa lanterna, se não quereis permitir que eu compartilhe esta gruta convosco, por esta noite.”

O amor não será desnudado.
A luz não será repartida.
Amai e vede.
Iluminai e sede.
Quando a noite cai,
e o dia se vai,

e a terra está morta,
quem ao viandante ajudará?
Quem isso jamais ousará?

“Exasperado a mais não poder, resolvi recorrer à súplica, embora sentisse intimamente que era inútil, pois uma estranha força continuava como que a empurrar-me para fora:

“Bom velho, boa velha, embora eu esteja entorpecido pelo frio e tonto pelo cansaço, não serei um cisco nos vossos olhos. Também eu já provei o amor. Deixar-vos-ei meu cajado e minha humilde pousada, que escolheste para vossa câmara nupcial. Só um pequeno favor vos peço em troca: já que me negais a luz de vossa lanterna, não tereis a bondade de me guiar para fora desta gruta e me ensinar o caminho para o alto? Perdi o senso de direção. Não sei quanto já subi nem quanto ainda terei que subir.”

Sem dar atenção às minhas súplicas, eles cantavam:

O verdadeiramente alto sempre está em baixo.

O verdadeiramente rápido vai sempre devagar.

O altamente sensível é entorpecido.

O altamente eloqüente é mudo.

A enchente e a vazante são uma só maré.

Quem não tem guia tem o melhor guia.

O muito grande é sempre o menor.

E tudo tem quem dá tudo que é seu.

Como último recurso pedi-lhes que me dissessem para que lado devia voltar-me ao sair da gruta, pois a morte poderia estar à minha espera no primeiro passo que eu desse e eu ainda não queria morrer. Sem fôlego, esperei pela

resposta, que veio em outra extravagante canção, que me deixou mais perplexo e exasperado do que nunca.

A borda do penhasco é dura e escarpada.
O seio do vácuo é macio e profundo.
O leão e o verme, o cedro e o vime,
O coelho e o caramujo, a lagartixa e a codorniz,
A águia e a toupeira, todos no mesmo buraco.
Um gancho. Uma isca. Só a morte compensa.
Como é em cima, assim é em baixo.
Morrer para viver ou viver para morrer.

A luz da lanterna se apagou, no momento em que deixei a gruta, engatinhando com as mãos e os joelhos, com o cão atrás de mim como para certificar-se de que eu realmente saíra. A escuridão era tamanha, que me parecia sentir o seu peso sobre as minhas pálpebras. Eu não me poderia deter um só instante mais. O cão me fez compreender isto, perfeitamente.

Um passo hesitante. Outro passo hesitante. Um terceiro passo hesitante e senti que a montanha havia desaparecido debaixo de meus pés. Senti-me colhido pelas ondas revoltas de um mar de trevas que me roubavam o alente e me lançavam para baixo... para baixo... para baixo.

A última visão que me passou pela mente enquanto eu girava no vácuo do Abismo Negro foi a do satânico casal de noivos. As últimas palavras que murmurei, quando o alento se me gelou nas ventas, foram as que eles haviam pronunciado:

“Morrer para viver ou viver para morrer.”

O Guardião do Livro

“Levanta-te, ó feliz estrangeiro. Atingiste o teu alvo.”

Ressecado de sede e contorcendo-me, debaixo dos raios de um sol escaldante, descerrei levemente os olhos e dei acordo de mim, deitado no chão, com o vulto negro de um homem curvado sobre mim e que, com delicadeza, me umedecia os lábios com água e, cuidadosamente, lavava os meus ferimentos. Era cheio de corpo, de feições rudes, com a barba e as sobrancelhas hirsutas, de olhar profundo e aguçado, de idade muito difícil de se determinar. Contudo, seu toque era suave e reconfortante. Foi com seu auxílio que pude sentar-me e perguntar com voz tão sumida, que mal soava aos meus próprios ouvidos.

“Onde estou?”

“No Pico do Altar.”

“E a gruta?”

“Atrás de ti.”

“E o Abismo Negro?”

“Na tua frente.”

Era imenso o meu assombro, quando olhei e vi atrás de mim a gruta e na minha frente o negro abismo como uma imensa boca escancarada. Eu me encontrava bem à beira do precipício, e então pedi ao homem que me levasse para dentro da gruta, o que ele me fez com a maior boa vontade.

“Quem me tirou do Abismo?”

“Aquele que te guiou até o alto, deve ter-te tirado do Abismo.”

“Quem é ele?”

“O mesmo ele que atou a minha língua e me manteve prisioneiro neste Pico, durante cento e cinqüenta anos.”

“Vós sois, então, o abade prisioneiro?”

“Sim, sou.”

“Mas vós falais; ele é mudo!”

“Tu desataste a minha língua.”

“Ele evita a companhia dos homens; vós, ao que parece, não tendes medo de mim.”

“Evito todos os homens, menos tu.”

“Jamais, até hoje, viste o meu rosto. Por que evitais todos os homens, menos eu?”

“Durante cento e cinqüenta anos estive à tua espera. Durante cento e cinqüenta anos, sem falhar um só dia, em todas as estações do ano e com todo e qualquer tempo, meus olhos pecadores procuraram por entre os rochedos da Escarpa, um homem que houvesse subido a montanha, aqui chegando como tu chegaste, sem cajado, nu e sem provisões. Muitos foram os que tentaram por outros caminhos, porém não vinham sem cajado, nus e sem provisões. Durante todo o dia de ontem, estive a observar a tua caminhada. À noite deixei que dormisses na gruta, mas ao alvorecer aqui vim e te encontrei desacordado e sem alento. Mas tinha certeza de que voltarias à vida. Aí está! Mais vivo do que eu. Tu morreste para viver. Eu estou vivendo para morrer. Glória seja dada ao seu nome! Tudo se passou conforme as suas promessas. Tudo foi como deveria ser. Não tenho a menor dúvida de que és o escolhido.”

“Quem?”

“O bem aventurado em cujas mãos devo entregar o livro sagrado para que o publique e o entregue ao mundo.”

“Que livro?”

“O seu livro — O Livro de Mirdad.”

“Mirdad? Quem é Mirdad?”

“Será possível que não tendes ouvido falar em Mirdad? Que coisa estranha! Eu estava absolutamente certo de que nesta época já o seu nome houvesse sido propagado por toda a terra, tal como interpenetra o solo debaixo dos meus pés e o céu por cima de mim. Este solo é sagrado, é estrangeiro, seus pés o pisaram. Sagrado é este ar que nos envolve; seus pulmões o respiraram. Sagrado é este céu que nos cobre; seus olhos o perscrutaram.”

E assim dizendo, o monge curvou-se reverentemente, beijou três vezes o solo e calou-se. Depois de uma pausa eu disse:

“Acicatais o meu desejo de saber mais a respeito desse homem, que chamais de Mirdad.”

“Volta para mim o teu ouvido e eu te contarei tudo o que me é permitido contar. Meu nome é Shamadam. Eu era o Superior da Arca no dia em que faleceu um dos companheiros. Mas havia a sua alma partido e eis que me vieram avisar de que um estranho se achava ao portão pedindo para falar-me. Bem sabia eu que ele havia sido enviado pela Providência, para tomar o lugar do companheiro falecido, e devia ter-me regozijado, pelo fato de Deus ainda estar cuidando da Arca, tal como havia feito desde a época de nosso pai Sem.”

Nesta altura eu o interrompi para perguntar se era verdade o que havia contado o povo da falda da montanha,

de que a Arca fora construída pelo primeiro filho de Noé. Sua resposta foi imediata e enfática:

“Sim. É exatamente conforme te disseram.”

E continuou a história interrompida:

“Pois bem. Eu deveria ter-me regozijado. No entanto, por motivos inteiramente fora de meu entendimento, estabeleceu-se uma revolta em meu coração. Antes mesmo de ter posto os olhos sobre o estranho, já todo o meu ser lutava contra ele. E resolvi recusá-lo, embora no meu íntimo estivesse certo de que, o fazendo, quebrava as invioláveis tradições do mosteiro e, concomitantemente, rejeitava Aquele que o havia enviado.

Quando abri o portão e o vi — um jovem de não mais de vinte e cinco anos — senti no peito milhares de punhais com os quais desejava feri-lo. Nu, aparentemente faminto e sem o menor meio de proteção, nem ao menos um cajado, parecia inteiramente indefeso. Havia porém, no seu resto, uma luz que lhe dava um aspecto mais invulnerável do que um cavaleiro em sua armadura e o fazia parecer muito mais idoso do que realmente era. Todo o meu ser, desde o mais íntimo de meu coração, bradava contra ele. Todas as gotas de meu sangue desejavam esmagá-lo. Não me peças explicações. Talvez o seu olhar penetrante me houvesse desnudado a alma e eu estivesse aterrorizado de ver minha alma nua, diante de um homem. Talvez a sua pureza revelasse a minha imundície e me doesse ver dilacerados os véus que até então eu vinha tecendo para ocultá-la. Talvez houvesse uma velha

contenda entre a sua estrela e a minha. Quem sabe? Quem poderá saber? Só ele poderá dizer.

“No tom mais ríspido e impiedoso, eu lhe disse que não poderia ser admitido na comunidade e ordenei-lhe que se retirasse imediatamente. Ele porém, não se moveu do lugar e, calmamente, aconselhou-me a refletir. Seu conselho pareceu-me um insulto e cuspi no seu rosto. Ainda assim ele não se retirou e, limpando vagarosamente a saliva do rosto, mais uma vez aconselhou-me a reconsiderar minha decisão. Enquanto ele limpava a saliva de seu rosto eu tinha a impressão de que era o meu que estava emporcalhado com ela. Sentia-me derrotado, e no íntimo de meu ser, admitia que a luta era desigual, sendo ele o mais forte.”

“Como sempre sucede quando o orgulho é derrotado, o meu se recusou a ceder e lutou até ver-se caído e pisado no pó da terra. Eu estava quase cedendo ao pedido do homem. Mas primeiro queria vê-lo humilhado. Ele, porém, de modo algum se humilhava.”

“Subitamente, ele pediu alimento e roupas, e com isso reviveram as minhas esperanças. Com a fome e o frio, combatendo a meu favor, julguei que a batalha estivesse vencida por mim. Cruelmente, declarei-lhe que o mosteiro vivia de caridade e por isso não podia fazer caridade. E assim dizendo, eu mentia desavergonhadamente, pois o mosteiro era extraordinariamente rico para negar alimento e roupas aos necessitados. O que eu desejava era que ele suplicasse. Mas isso ele não fazia. Pedia como quem tinha direito àquilo que solicitava. Havia uma aparência de comando no seu pedido.”

“A luta durou bastante tempo, porém a situação não mudou. Desde o início até o fim, ele comandou a batalha.

Para esconder a minha derrota, finalmente propus que ele entrasse na Arca, porém como servo — somente como servo. Para mim, isso era um consolo, pois, pensava eu, seria para ele uma humilhação. No meu orgulho eu não me dava conta de que era eu o mendigo, e não ele. Para confirmar a minha humilhação, ele aceitou a proposta sem ao menos murmurar. Não me passava pela idéia que, aceitando-o como servo — mesmo como um servo — eu estava excluindo-me. Até o último dia aferrei-me à ilusão de que era eu, e não ele, o mestre da Arca. Ah, Mirdad! Mirdad, que fizeste a Shamadam! Shamadam, que fizeste a ti mesmo!”

Duas grandes lágrimas vieram molhar suas longas barbas. Senti-me comovido e disse:

“Peço-vos que não faleis mais desse homem cuja memória sai de vossos lábios com lágrimas.”

“Não te perturbes, abençoado mensageiro. É o orgulho do Superior de outrora, que ainda destila estas lágrimas de fel. É a autoridade da letra que está rangendo os dentes contra a autoridade do espírito. Deixa o orgulho chorar. Ele chora a sua morte. Deixa a autoridade ranger os dentes; é pela última vez que o faz. Ah! Se os meus olhos não estivessem tão vendados pela neblina deste mundo, quando pela primeira vez encarei o seu rosto celestial! Ah! Se meus ouvidos não estivessem tão entupidos com a sabedoria deste mundo, quando foram desafiados pela sua sabedoria divina! Ah! Se a minha língua não estivesse tão recoberta das amargas doçuras da carne, quando lutava com a sua língua revestida de espírito! Tenho já colhido muito e mais ainda terei a colher do joio da minha ilusão.”

“Durante sete anos, ele foi um humilde servo entre nós — dócil, ativo, incapaz de ofender, inobstrutivo, pronto a executar o menor pedido de qualquer dos companheiros. Movia-se suavemente, como se estivesse deslizando no ar. Nem uma só palavra lhe saía dos lábios. Pensávamos que tivesse feito um voto de silêncio. Alguns de nós estávamos, a princípio, inclinados a aborrecê-lo. Ele recebia os golpes, com uma calma extra-terrena, e dentro em pouco, nos havia forçado a lhe respeitar o silêncio. Diferentemente do que se dava com os outros sete Companheiros, os quais se sentiam deliciados com a sua calma, que tinha sobre eles o efeito contagioso de um calmante, eu a sentia opressiva e enervante. Muito esforço fiz para perturbá-la, sempre porém em vão.”

“O nome sob o qual se nos apresentou foi MIRDAD. Só por esse nome ele atendia. Era tudo quanto sabíamos dele. No entanto, sua presença era profundamente sentida por nós, tão profundamente, que raras vezes falávamos, mesmo de coisas essenciais, a não ser depois dele se retirar para sua cela.”

“Foram anos de abundância, os primeiros sete anos de Mirdad. As posses do mosteiro foram aumentadas muito além de sete vezes. Meu coração se suavizou a seu favor e consultei seriamente a comunidade se o admitiríamos como Companheiro, já que a Providência não nos enviava outro.”

“Justamente nessa ocasião sucedeu o que nenhum de nós poderia prever, e menos ainda este pobre Shamadam. Mirdad descerrou os lábios e a tempestade foi libertada. Deu liberdade àquilo que durante tanto tempo o seu silêncio havia ocultado e aquilo rompeu em torrentes tão irresistíveis que todos os Companheiros foram colhidos na sua rápida correnteza — todos, menos este pobre

Shamadam que lutou contra ele até o fim. Tentei inverter a situação, afirmando a minha autoridade como Superior, mas os Companheiros não reconheciam outra autoridade que não fosse a de Mirdad. Mirdad era o Mestre; Shamadam não passava de um clandestino. Recorri até à astúcia. A alguns Companheiros tentei subornar com largas somas em ouro e prata; a outros com grandes lotes de terra fértil. Já estava quase vencendo, quando Mirdad percebeu a minha intriga e a desfez sem o menos esforço; bastaram, para isso, umas poucas palavras.”

“Estranha e complicada era a doutrina que ele sustentava. Está, toda ela, no Livro. Disso não me é permitido falar. Mas a sua eloquência fazia a neve parecer piche e o piche parecer neve; tão nítida e poderosa era a sua palavra. A essa arma que poderia eu opor? Nada, senão o selo do mosteiro, que se achava em meu poder. Mesmo esse já de nada me servia pois os Companheiros, entusiasmados por suas exortações inflamadas, forçavam-me a apor o selo do mosteiro a todos os documentos que julgavam que eu deveria legalizar. Pouco a pouco, eles doaram todas as terras do mosteiro que a este haviam sido doadas pelos fiéis durante muitos e muitos anos. Depois Mirdad começou a enviá-los para fora do mosteiro em missões, carregados de presentes para os pobres e necessitados das vilas que cercam este monte. No último “Dia da Arca”, que era uma das duas comemorações anuais do mosteiro — sendo a outra o “Dia da Videira” — Mirdad encerrou as suas loucuras ordenando a seus companheiros que arrecadassem tudo que pertencia ao mosteiro e distribuíssem ao povo que se havia reunido lá fora.”

“Tudo isso eu vi com os meus olhos pecadores e está registrado em meu coração que quase rebentou de ódio a

Mirdad. Se o ódio, somente, pudesse matar aquele que eu abrigava em meu coração teria assassinado um milheiro de Mirdades. Mas o seu amor era mais forte do que o meu ódio. Mais uma vez a luta era desigual. Mais uma vez o meu orgulho não cederia enquanto não se visse derrubado e pisoteado no pó da terra. Ele me esmagava sem me atacar. Eu o atacava e com isso esmagava-me a mim mesmo. Quantas vezes tentou, com a sua amorosa paciência, remover a trave que me impedia de ver! Quantas vezes eu procurei outras, mais fortes e mais opacas, para pô-las diante de meus próprios olhos! Quanto mais amor ele demonstrava por mim, mais eu lhe retribuía com um ódio cada vez mais forte.”

“Éramos dois soldados no campo de batalha — Mirdad e eu. Mas ele, sozinho, era uma legião. Eu lutava desacompanhado. Tivesse eu o apoio dos outros Companheiros e ao fim seria o vencedor. E lhe teria devorado o coração. Meus Companheiros, porém, lutavam com ele, contra mim. Traidores! Mirdade, Mirdad, tu te vingaste!”

Mais lágrimas, desta vez acompanhadas de soluços e uma longa pausa, após a qual o Superior de novo curvou-se três vezes beijou o solo, dizendo:

“Mirdad, meu conquistador, meu senhor, minha esperança, meu castigo e minha recompensa, perdoa a amargura de Shamadam. A cabeça de uma cobra conserva o seu veneno mesmo depois de separada do corpo. Mas, felizmente, já não pode morder. Shamadam já não tem presas agudas, nem veneno. Sustenta-o como o teu amor, até o dia em que possa o mel destilar de sua boca, tal como destilava da tua. Foi isto que tu lhe prometeste. Hoje o

libertaste de sua primeira prisão. Não o deixes penar por muito tempo na segunda.”

Como se tivesse lido na minha mente a pergunta de quais eram as prisões a que se referia, o Superior a suspirar explicou, numa voz tão melodiosa e mudada porém, que se poderia jurar ser de outra pessoa:

“Nesse dia, ele nos chamou a todos para dentro desta gruta onde freqüentemente dava lições aos Sete. O sol estava a se pôr. O vento de leste havia trazido uma neblina cerrada que enchia as gargantas de pedra da montanha e, como se fosse uma cobertura mística se espalhava por toda a terra desde aqui até o mar. Elevava-se até a metade desta montanha que parecia, assim, haver-se transformado em uma praia. No lado do ocidente havia nuvens negras ameaçadoras, que obscureciam totalmente o sol. O Mestre, comovido, porém, dominando sua emoção, abraçou cada um dos Sete por sua vez, dizendo, ao abraçar o último”:

“Muitos anos vivestes vós nestas alturas. Hoje tereis que descer ao abismo. Se não subirdes, descendo, e não chegardes ao vale pelo ápice, as alturas vos porão tontos, e a profundidade vos porão cegos.”

“Depois, voltando-se para mim, olhou-me terna e longamente, nos olhos, e disse-me”:

“Quanto a ti, Shamadam, tua hora ainda não é chegada. Terás que esperar minha volta a este pico. E enquanto me esperas serás o guardião do meu Livro, o qual está encerrado num cofre de ferro, debaixo do altar. Cuida que ninguém lhe ponha as mãos. Nem mesmo as tuas mãos devem nele tocar. Ao devido tempo enviarei o

meu mensageiro para que o leve, publique e ofereça ao mundo.

Eis os sinais pelos quais o reconhecerás: subirá a este cume pela Escarpa Rochosa. Iniciará sua viagem completamente vestido, levando consigo um bastão e sete pães; mas o encontrarás em frente desta gruta sem cajado, sem provisões, nu, desmaiado e sem alento. Até que ele chegue, tua língua e teus lábios serão selados e evitarás a companhia das pessoas. Só quando o vires serás libertado da prisão do silêncio. Depois de lhe haveres entregue o Livro serás transformado em pedra, pedra essa que estará guardando a entrada desta gruta até que eu volte. Dessa prisão só eu te poderei libertar. Se julgares curta, mais curta ela se tornará. Crê e tem paciência. Dito o quê, também a mim abraçou.”

“E depois, voltando-se para os Sete, fez um sinal com a mão e disse”:

“Companheiros, segui-me.”

“Marchou adiante deles, pela Escarpa, com sua nobre cabeça erguida, seu olhar penetrando a distância, seus santos pés mal tocando o solo. Quando chegaram à orla da neblina, o sol surgiu na extremidade inferior da nuvem negra que se sobrepunha ao mar, formando uma passagem abobadada no céu, iluminada por uma luz por demais maravilhosa para ser descrita em palavras humanas, excessivamente refulgente para olhos humanos. E pareceu-me que o Mestre e os seus Sete haviam sido desligados da montanha e que caminhavam pela neblina, pela estrada abobadada, para dentro do sol. E como me doía ser deixado só — oh! tão só!”

Como alguém que estivesse exausto dos pesados trabalhos de um longo dia, Shamadam subitamente relaxou os músculos e silenciou, deixando cair a cabeça e fechando os olhos. O peito arfava descompassadamente. Enquanto eu meditava, procurando palavras consoladoras, ele levantou a cabeça e disse:

“Tu és o favorito da Fortuna. Perdoa a um homem infeliz. Falei muito — talvez demais. Nem poderia ser de outro modo. Poderia alguém, cuja língua tivesse estado presa durante cento e cinquenta anos, romper o seu silêncio, simplesmente com um “sim” ou um “não”? Pode um Shamadam ser um Mirdad?”

“Permitis que eu vos faça uma pergunta, irmão Shamadam?”

“Quanta bondade tua em me chamares de “irmão”. Ninguém me deu esse tratamento desde que morreu meu único irmão, faz isso muitos e muitos anos. Qual é a pergunta?”

“Uma vez que Mirdad é tão grande mestre, é de se admirar que até hoje o mundo não tenha ouvido falar nele e nos seus sete companheiros. Como pode ser assim?”

“Talvez esteja esperando chegar o seu tempo. Talvez ensine sob outro nome. De uma cousa estou certo: Mirdad mudará o mundo, assim como mudou a Arca.”

“Ele deve ter falecido há muito tempo.”!

“Mirdad não. Ele é mais poderoso do que a morte.”

“Quereis dizer que ele destruirá o mundo, assim como destruiu a Arca?”

“Não, mil vezes não! Ele libertará o mundo, assim como libertou a nossa Arca. E então acenderá a luz eterna que os homens como eu têm ocultado sob muitos alqueires de ilusões e agora se queixam das trevas em que se encontram. Ele reconstruirá nos homens aquilo que os próprios homens destruíram. O Livro em breve estará em tuas mãos. Lendo-o, tu verás a luz. Não me posso demorar mais. Espera aqui até que eu volte, não debes vir comigo.”

Levantou-se e se foi, deixando-me bastante perplexo e impaciente. Também eu me levantei, porém não fui além da orla do abismo.

As magníficas linhas e cores da cena que se desenrolava diante dos meus olhos de tal modo me invadiram a alma que por um momento me senti dissolvido e aspergido em imperceptíveis gotículas sobre tudo aquilo e dentro daquilo tudo: sobre o mar, lá distante, calmo e cercado de uma leve névoa cor de pérola; sobre as colinas, estas curvadas, aquelas eretas, todas porém erguendo-se em rápida sucessão, desde a praia em direção ao topo dos áridos penhascos; sobre as pacíficas aldeias situadas nas colinas emolduradas pelo verde da terra; sobre os vales verdejantes, ao sopé das colinas, apagando a sua sede no coração líquido que descia das montanhas e salpicado de homens que cultivavam a terra e animais que pastavam; dentro das gargantas e ravinas dos montes, cicatrizes vivas da luta destes montes com o Tempo; na brisa suave, no azul do céu e na terra acinzentada lá em baixo. Somente quando olhar descansou de sua viagem

pousando sobre a Escarpa, voltei a lembrar-me do monge e da envergonhada narrativa a seu respeito e de Mirdad e o Livro. E fiquei maravilhado a pensar na poderosa mão invisível que me havia posto em busca de uma cousa para me dirigir à outra. E a abençoei em meu coração. Dentro em pouco o monge voltava e, entregando-me um pequeno pacote envolvido em tecido de linho amarelecido pelo tempo, disse:

“Minha missão é, doravante, a tua missão. Sê-lhe fiel. Chegou a segunda etapa de minha história. As portas de minha prisão começam a abrir-se para receber-me. Logo se fecharão sobre mim. Quanto tempo permanecerão fechadas, só Mirdad poderá dizer. Logo Shamadam será esquecido por todas as memórias. Como é doloroso, oh! como é doloroso ser esquecido! Mas por que digo isso? Nada jamais se apaga da memória de Mirdad. Aquele que vive na memória de Mirdad, vive para sempre.”

Seguiu-se uma longa pausa depois da qual o Superior levantou a cabeça e, fitando-me com olhos lacrimejantes, continuou num sussurro que mal se podia ouvir:

“Dentro em pouco descerás para o mundo. Estás, porém, nu e o mundo detesta a nudez. Até a sua própria alma ele envolve em trapos. Já não necessito mais de minhas roupas. Entrarei na gruta e as despirei a fim de que possas, com elas cobrir a tua nudez, muito embora as roupas de Shamadam não se ajustem senão a Shamadam. Espero que sejam um estorvo para ti.”

Não fiz comentário algum àquela proposta, aceitando-a em alegre silêncio. Enquanto o Superior

entrava na gruta para despir-se, desembrulhei o Livro e principiei desajeitadamente a folhear suas páginas de pergaminho, amarelecidas pelo tempo. Logo me senti preso pela primeira página, que me esforcei por ler. E continuei a ler e a ler, cada vez mais absorto. Subconscientemente eu esperava que o Superior me avisasse de que acabara de se despir e me chamasse para vestir-me. Mas os minutos se passaram e ele não me chamou.

Levantando meus olhos das páginas do Livro, olhei para a gruta e no meio dela vi as roupas do Superior amontoadas. Mas o próprio Superior eu não via. Chamei-o diversas vezes, cada vez em voz mais alta. Não houve resposta. Fiquei muito assustado e confuso. Na gruta não havia outra saída senão aquela na frente da qual eu estava. Por ali o Superior não saía, disso eu não tinha a menor dúvida. Seria ele um fantasma? Mas se eu sentira a sua carne e os seus ossos com minha própria carne e ossos! Além disso, ali estavam o Livro, nas minhas mãos e as suas roupas, dentro da gruta. Talvez ele estivesse debaixo delas. Entrei e apanhei-as uma por uma, pensando em como era ridícula essa idéia. Muito maior pilha de roupas do que aquela seria incapaz de ocultar o seu corpo. Teria ele, de algum modo, conseguido sair da gruta e caído no Abismo Negro?

Tão logo essa idéia brilhou no meu cérebro saí apressadamente da gruta e mal tinha dado alguns passos me vi frente a frente com uma grande rocha posta exatamente à beira do abismo. Aquela pedra havia pouco tempo não estava ali. Tinha a aparência de um animal acorçado, mas a cabeça se parecia muito com a de um homem de feições rudes, com o queixo forte e levantado,

as mandíbulas fortemente cerradas e os olhos, semicerrados, fitando o vácuo, na direção do Norte.

O LIVRO

Este é o Livro de Mirdad — um farol e um refúgio para aqueles que anseiam pela Libertação — conforme foi registrado por Naronda, o mais jovem e o menor de seus Companheiros. Quem não tiver tal anseio, afaste-se dele!

CAPÍTULO 1

Mirdad
se revela
e fala de
véus e selos

Naronda: E ao anoitecer daquele dia, eis que estavam os Oito reunidos à volta da mesa da ceia e Mirdad se achava afastado, de pé, aguardando ordens.

Era uma das antigas regras, entre os Companheiros, que fosse evitado, sempre que possível, o uso da palavra Eu, no seu falar. Estava o Companheiro Shamadam a jactar-se de suas realizações como Superior. Citou vários dados para mostrar o quanto contribuía para a riqueza e o prestígio da Arca. E assim fazendo, usou em demasia, da palavra proibida. Delicadamente o Companheiro Micayon o repreendeu. E logo se levantou entre eles uma acalorada discussão quanto às finalidades da regra e sobre quem a instaurara, se o pai Noé ou o Primeiro Companheiro, ou seja, Sem. E o calor gerou as censuras e as censuras levaram a uma confusão tal, que muito se dizia e nada se podia entender.

Tentando transformar aquela confusão em ridículo, Shamadam, dirigindo-se a Mirdad, disse-lhe:

Shamadam: “Eis que aqui temos alguém que é maior do que o patriarca. Mirdad, mostra-nos o que devemos fazer para sair deste labirinto de palavras.”

Os olhares todos se voltaram para Mirdad. E foi grande o nosso assombro e nosso júbilo quando, pela

primeira vez, após sete anos, ele descerrou os seus lábios e nos falou, dizendo:

MIRDAD: Companheiros da Arca! O desejo de Shamadam, conquanto expresso por ironia, inconscientemente prenuncia a solene decisão de Mirdad, pois desde o dia em que entrou nesta Arca, Mirdad havia escolhido esta data e este local — exatamente nesta circunstância — para romper os seus selos e remover os seus véus, revelando-se diante de vós e do mundo.

Com sete selos tinha Mirdad selado os seus lábios. Com sete véus havia Mirdad velado o seu rosto, para que pudesse ensinar-vos e ao mundo, quando estivésseis maduros para aprender, como deveis remover os selos dos vossos lábios e os véus de vossos olhos, revelando-vos assim inteiramente na glória que é vossa.

Velados estão os vossos olhos com grande número de véus. Cada coisa sobre a qual lançais o vosso olhar é um véu.

Selados estão os vossos lábios com grande número de selos. Cada palavra que pronunciáis é um selo.

As coisas, sejam quais forem as suas formas e espécies, são somente véus e ataduras com que a Vida está atada e velada. Como poderão os vossos olhos, que são em si mesmos um véu e uma atadura, vos levar a algo que não seja às ataduras e véus? E as palavras — não são elas coisas seladas por letras e sílabas? Como poderão os vossos lábios, que são em si mesmo selos, balbuciar algo que não seja selos?

Os olhos podem velar, porém não podem penetrar os véus.

Os lábios podem selar, porém não podem quebrar os selos.

Não lhes peçais nada mais do que eles podem dar. Essa é a parte que lhes toca na atividade do corpo e eles bem a desempenham. Velando e selando, em alta voz vos chamam para que busqueis o que está por trás dos véus e por baixo dos selos.

Para penetrardes além dos véus, necessitais de olhos outros que não aqueles dotados de pálpebras, pestanas e sobancelhas.

Para quebrardes os selos, necessitais de outros lábios que não aqueles de carne, que tendes por baixo do nariz.

Vede em primeiro lugar corretamente os vossos próprios olhos, se quiserdes ver corretamente as outras coisas. Não com os olhos, mas através Deles, deveis olhar para que possais ver aquilo que além deles está.

Falai primeiro, corretamente, os lábios e a língua, se quiserdes falar corretamente as outras palavras. Não com os lábios e a língua, mas através deles deveis falar, para falardes todas as palavras que além deles estão.

Se não virdes e não falardes corretamente, nada mais vereis senão a vós mesmos e nada mais pronunciareis senão a vós mesmos. Porque em todas as coisas e além de todas as coisas, e em todas as palavras e além de todas as palavras, estais vós — os que olham e os que falam.

Se, pois, vosso mundo é um enigma indecifrável, é porque vós mesmos sois enigmas indecifráveis. E se o vosso falar é uma deplorável confusão, é porque vós sois essa deplorável confusão.

Deixai as coisas como elas são e não vos esforceis para modificá-las. Porque elas parecem ser o que parecem, devido a vós parecerdes ser o que pareceis. Elas não vêm nem falam, se vós não lhes emprestardes vista e voz. Se elas vos falam asperamente, atentai para vossas línguas. Se

vos parecem feias, procurai a fealdade em primeiro e último lugar nos vossos próprios olhos.

Não deveis pedir às coisas que se dispam dos seus véus. Tirai vós próprios os vossos véus, e elas perderão os seus. Não peçais às coisas que quebrem os seus selos. Removi os vossos próprios selos, e todas as coisas perderão os seus.

A chave para remover os véus de si mesmo e quebrar os próprios selos é uma palavra que deveis trazer, eternamente, presa em vossos lábios. É a menor e a maior de todas as palavras. É chamada de A PALAVRA CRIADORA.

Naronda: O Mestre calou-se; e um profundo silêncio, no qual vibrava intensa expectativa, desceu sobre todos. Finalmente Micayon falou com apaixonada impaciência:

Micayon: Nossos ouvidos estão ansiosos pela PALAVRA. Nossos corações anseiam pela chave.

Rogamos-vos, Mirdad, que a profirais.

CAPÍTULO 2

acerca da
palavra criadora;
o eu é a fonte e o centro de todas as coisas

MIRDAD: Quando disserdes eu, acrescentai imediatamente em vossos corações, “Deus seja o meu refúgio contra a malignidade do eu e meu guia para a bem-aventurança do eu”, pois nessa palavra, tão pequena embora, está encerrada a alma de todas as outras palavras. Descerrai-a e imediatamente vossa boca será perfumada e vossa língua se cobrirá de mel; de vossas palavras ressumarão as delícias da Vida. Deixai-a fechada, e repugnante será o vosso hálito e amarga a vossa língua; cada uma de vossas palavras destilará o pus da Morte.

Eu, ó monges, é a Palavra Criadora. E a não ser que vos apodereis da força mágica; e a menos que sejais donos do poder dos mestres, gemereis quando deveríeis cantar; estaríeis em guerra, quando deveríeis estar em paz; estareis encerrados no cárcere das trevas, quando deveríeis estar pairando numa atmosfera de luz.

Vosso eu nada mais é do que a vossa consciência de Ser, silenciosa e incorpórea, que se faz sonora e corpórea. É o inaudível que se torna audível; o invisível que se torna visível; a visão que vos permite ver o que se não vê; a audição que vos permite ouvir o que se não ouve. Ainda tendes presos os vossos olhos e os vossos ouvidos. E se não virdes com os vossos olhos e não ouvirdes com os vossos ouvidos, nada vereis e nada ouvireis.

Basta que penseis eu, e um mar de pensamentos se agitará dentro de vossas cabeças. Esse mar é uma criação de vosso eu, que é, ao mesmo tempo, o pensador e o

pensamento. Se tendes pensamentos que apunhalam, que mordem ou despedaçam, ficai certos de que somente o eu-em-vós lhes deu o punhal, os dentes ou as garras.

Mirdad deseja que saibais; aquele que pode dar pode também retirar.

Basta sentirdes eu para abrires uma fonte de sentimentos em vossos corações.

Essa fonte é uma criação de vosso eu, o qual é, ao mesmo tempo, aquilo que sente e aquilo que é sentido. Se existem urzes espinhosas em vossos corações, foi unicamente o eu-em-vós que lá as plantou.

Mirdad quer que saibais que quem pode facilmente plantar, também pode, facilmente, arrancar.

Pelo mero pronunciar eu, trazeis à vida uma multidão de palavras, cada qual símbolo de uma coisa; cada coisa, símbolo de um mundo; cada mundo, parte de um universo. Esse universo é criação de vosso eu, o qual é, ao mesmo tempo, o criador e a criatura. Se houver alguns duendes em vosso universo, podeis estar certos de que o vosso eu foi quem os criou.

Mirdad quer que saibais que quem cria também pode destruir.

Tal como o criador, assim é a criatura. Poderá alguém criar algo superior a si mesmo? Ou criar algo inferior a si próprio? Só a si mesmo — nem mais, nem menos — o criador cria.

O eu é uma fonte da qual tudo flui e à qual tudo reflui. Tal qual a fonte, assim é a correnteza.

O eu é uma varinha mágica. Não pode, porém, a varinha fazer surgir coisa alguma que não esteja no mágico. Tal como é o mágico, assim é aquilo que a sua varinha produz.

Conforme for a vossa Consciência, assim será o vosso eu. Conforme for o vosso eu, assim será o vosso mundo. Se o vosso eu for claro e tiver um significado definido, vosso mundo será claro e terá um significado definido; então vossas palavras jamais serão confusas e as vossas obras jamais serão ninhos de dor. Se o vosso eu for obscuro e incerto, vosso mundo será obscuro e incerto; e vossas palavras serão emaranhadas e confusas e as vossas obras serão ninho de dor.

Se o vosso eu for constante e paciente, vosso mundo será constante e paciente; sereis mais poderosos do que o Tempo e mais espaçosos do que o Espaço.

Se o vosso eu for passageiro e inconstante, vosso mundo será passageiro e inconstante; e vós sereis uma baforada de fumaça que o sol em pouco irá desfazer.

Se o vosso eu for uno, vosso mundo será uno; e vós tereis a paz eterna com todas as hostes celestiais e os habitantes da Terra. Se o vosso eu for múltiplo, vosso mundo será múltiplo; e estareis em perpétua guerra convosco mesmo e com todas as criaturas dos domínios imensuráveis de Deus.

O eu é o centro de vossa vida, de onde irradiam as coisas que constituem a totalidade de vosso mundo e para o qual elas convergem. Se ele for firme, o vosso mundo será firme; e não haverá forças em cima ou em baixo que vos possam desviar para a direita ou para a esquerda. Se for instável, vosso mundo será instável; e sereis uma folha indefesa colhida pelo terrível redemoinho do vento. Alerta! Eis que o vosso mundo é firme, não há dúvida, somente, porém, na instabilidade. E o vosso mundo é certo, unicamente na incerteza. E é constante o vosso mundo, mas tão só na inconstância. E o vosso mundo é uno, mas somente na multiplicidade.

O vosso é um mundo em que os berços se tornam sepulcros e os sepulcros se tornam berços; em que os dias devoram as noites e as noites vomitam dias; de paz declarando guerra e de guerra implorando paz; em que os sorrisos flutuam sobre as lágrimas e as lágrimas brilham nos sorrisos.

O vosso é um mundo em constante trabalho de parto, em que a parteira é a Morte.

O vosso mundo é um mundo de crivos e peneiras, no qual não há dois crivos ou duas peneiras iguais. E estais sempre sofrendo a tentar passar pelo crivo o que por ele não passa e a lutar peneirando o que se não pode peneirar.

O vosso é um mundo dividido contra si mesmo porque o vosso eu é assim dividido.

O vosso é um mundo de barreiras e de cercas porque o vosso eu é uma dessas barreiras e cercas. Ele põe uma cerca para que aquilo que lhe é estranho não entre e estabelece outra para aquilo que lhe é afim não saia. No entanto, o que está para fora da cerca, se põe a passar para o lado de dentro e o que está dentro se põe a passar para o lado de fora, pois, sendo ambos prole da mesma mãe — e também o vosso eu — não podem ser separados.

E vós, em vez de vos regozijardes com a sua feliz união, tornais a cingir-vos para o infrutífero trabalho de separar o inseparável. Em vez de estabelecerdes a divisão de vosso eu, despedaçais a vossa vida na vã tentativa de fazer uma cunha com a qual possais separar aquilo que pensais ser o vosso eu, daquilo que julgais não ser o vosso eu. Eis porque as palavras dos homens são embebidas de veneno. Eis porque são os seus dias ébrios de tristeza. Eis porque são as suas noites tão atormentadas pela dor.

Mirdad, ó monges, estabelecerá a divisão em vosso eu para que possais viver em paz convosco mesmos, com todos os homens e com todo o universo.

Mirdad extrairá o veneno de vosso eu, para que possais provar as doçuras da Compreensão.

Mirdad vos ensinará a pesardes o vosso eu, para que conheçais a alegria do Perfeito Equilíbrio.

Naronda: De novo o Mestre fez uma pausa e mais uma vez profundo silêncio caiu sobre todos. Mais uma vez Micayon quebrou o silêncio, dizendo:

Micayon: Torturantes são as tuas palavras, Mirdad. Abrem várias portas, porém nos deixam no limiar. Leva-nos adiante; faze-nos entrar.

CAPÍTULO 3

a
triunidade
sagrada e o
perfeito
equilíbrio

Mirdad: Conquanto cada um de vós esteja centralizado em vosso eu, estais, todos vós, concentrados em um EU — no EU único de Deus.

O EU de Deus, ó monges, é a única e eterna palavra de Deus. Nela está Deus — a Suprema Consciência-Manifestada. Sem ela, Ele seria um silêncio absoluto. Por ela é o Criador autocriado. Por ela, Aquele-que-Não-tem-Forma tomou uma multiplicidade de formas através das quais as criaturas voltam novamente a não ter forma.

Para sentir-SE, para pensar-SE, para falar-SE, Deus não precisa mais do que pronunciar EU. Conseqüentemente, EU é a sua única palavra. Por isso essa é A PALAVRA.

Quando Deus diz EU, nada fica por dizer. Mundos vistos e mundos não vistos; coisas nascidas e que estão para nascer; o tempo que está passando e o tempo que ainda não passou; tudo, sem excetuar um só grão de areia, está pronunciado e incluído nessa Palavra. Por ela foram criadas todas as coisas. Por ela são todas as coisas mantidas.

A não ser que signifique algo, uma palavra não passa de um eco no vazio.

A não ser que seu significado seja eternamente o mesmo, não será mais do que câncer na garganta e borbulhas na língua.

A Palavra de Deus não é um eco no vazio, nem um câncer na garganta e borbulhas na língua, a não ser para aqueles que não possuem a Compreensão; pois a Compreensão é o Espírito Santo que vivifica a Palavra e a liga à Consciência; é a viga mestra do Eterno equilíbrio da balança, cujas duas conchas são a Consciência Original e A Palavra.

A Consciência Original — A Palavra — o Espírito de Compreensão; eis, ó monges, a Triunidade do Ser, os Três que são Um, o Um que é Três; co-igual, co-extenso, co-eterno; auto-equilibrado, auto-esclarecido, auto-realizado; que jamais aumenta ou diminui; sempre em paz; sempre o mesmo. Esse é, ó monges, o Perfeito Equilíbrio.

O homem lhe dá o nome de Deus, mas é extraordinariamente prodigioso, para que se lhe dê um nome. Não obstante, sagrado é o seu nome e santa é a língua que o conserva sagrado.

Pois bem, que é o Homem senão a prole deste Deus? Pode ser ele diferente de Deus?

Não está o carvalho encerrado na bolota? Não está Deus envolto no Homem?

Também o Homem é, pois, uma triunidade sagrada; uma consciência, uma palavra e uma compreensão. Também o Homem é um criador como o seu Deus. O seu eu é a sua criatura. Por que não é ele o equilibrado como o seu Deus?

Se quereis saber a resposta deste enigma, ouvi o que Mirdad vos vai revelar.

CAPÍTULO 4

O homem é
um deus
enfaixado

O homem é um deus enfaixado. O Tempo é uma faixa. O Espaço é uma faixa. A carne é uma faixa e do mesmo modo são faixas todos os sentidos e as coisas por eles percebidos. A mãe sabe que as faixas não são a criança. A criança, porém, não sabe.

O homem ainda é muito consciente de suas faixas, que mudam de dia para dia e de idade para idade. Em vista disso, sua consciência está constantemente fluindo; e a palavra pela qual sua consciência se expressa, nunca é clara e com significado definido; e a sua compreensão é nebulosa; e a sua vida está em desequilíbrio. É a confusão três vezes confusa.

E eis que o Homem brada por socorro. Seus gritos de angústia reverberam pelos eons. O ar está pejado dos seus gemidos. O mar está salgado com as suas lágrimas. A terra está sulcada pelas suas sepulturas. Os céus estão ensurdecidos pelas suas preces. E tudo porque ele ainda não sabe o significado do seu EU, que é para ele a faixa e a criança que nela está enfaixada.

Ao dizer eu, o Homem racha a Palavra em duas partes: suas faixas — uma delas e a divina centelha imortal — a outra. Dividirá realmente o Homem aquilo que é Indivisível? Deus o proíbe. Nenhum poder, nem mesmo o de Deus, poderá dividir o indivisível. É a imaturidade do Homem que o faz imaginar a divisão. E o Homem, o recém-nascido, cinge-se para a batalha e se põe

em guerra contra o Ser-Total, julgando-o inimigo de seu ser.

Nesta guerra díspar, o Homem rasga suas carnes em tiras e derrama o seu sangue em torrentes, enquanto Deus, Pai-Mãe, amorosamente observa, pois Ele sabe que o Homem está somente rasgando os seus pesados véus e derramando o amargo fel que o faz cego e não o deixa ver sua unidade com o Uno.

É esse o destino do Homem — lutar, sangrar, desfalecer e afinal despertar e estabelecer a divisão no eu, com sua própria carne, selando-a com o seu próprio sangue.

Eis, ó monges, que fostes avisados — e mui sabiamente avisados — para serdes prudentes no uso do eu, pois, enquanto com isso vos referirdes às faixas e não exclusivamente à criança; enquanto for para vós mais peneira do que um cadinho, até então estareis peneirando a vossa vaidade, para colherdes a Morte com a sua ninhada de dores e agonias.

CAPÍTULO 5

Cadinho e
peneiras.

A palavra
de Deus
e a do homem.

A Palavra de Deus é um cadinho.

O que ela cria, derrete e funde em todo, nada aceitando com valioso, nada rejeitando como sem valor. Possuindo o Espírito de Compreensão, sabe muito bem que ela e a sua criação constituem um todo; que rejeitar uma é rejeitar tudo; que rejeitar o todo é rejeitar-se a si mesmo. Conseqüentemente, ela tem para sempre o mesmo objetivo e o mesmo sentido.

Entrementes, é como uma peneira a palavra do Homem. O que ela cria, prende e expulsa. Está sempre tornando isto como amigo e expulsando aquilo como inimigo. Mas, freqüentemente, o amigo de ontem torna-se o inimigo de hoje; o inimigo de hoje, o amigo de amanhã.

E assim se desencadeia a cruel inútil guerra do Homem contra si mesmo. Tudo porque falta ao Homem o Espírito Santo, o único que pode fazê-lo compreender que ele e a sua criatura são uma e a mesma coisa; que expulsar o adversário é expulsar o amigo, pois ambas as palavras — “adversário” e “amigo” — são criações de sua palavra — de seu eu.

Aquilo de que não gostais e atirais fora como sendo mau, é certamente apanhado por alguém ou algo como sendo bom. Pode acaso ser, ao mesmo tempo, duas coisas que se excluam? Ela não é nem uma coisa nem outra, foi o vosso eu que a fez má; outro eu a fez boa.

Não vos disse que aquele que pode criar pode também destruir? Tal como criastes um inimigo, podeis destruí-lo e tornar a criá-lo como amigo. Para isso, o vosso eu precisa de um cadinho. Para isso necessitais ter o Espírito de Compreensão.

Por isso vos digo que se orais por algo, orai em primeiro e último lugar, pedindo Compreensão. Nunca sejais peneiradores, meus companheiros, pois a Palavra de Deus é Vida e a Vida é o cadinho no qual tudo se faz uno e indivisível; tudo fica em perfeito equilíbrio e tudo é digno de seu autor — a Trindade Santa. Quanto mais digno deve ser de ti!

Nunca sejais peneiradores, meus companheiros, e tereis uma tão imensa estatura, tão onipenetrante e tão oniabrangeada que não haverá peneiras que vos possam conter.

Nunca sejais peneiradores, meus companheiros; procurai em primeiro lugar o conhecimento d'A Palavra para que possais conhecer a vossa própria palavra. E quando souberdes a vossa palavra laçareis ao fogo todas as vossas peneiras pois a vossa palavra e a de Deus são a mesma, somente que a vossa ainda está sob os véus.

Mirdad vos pede que jogueis fora os véus.

A Palavra de Deus é o Tempo e o Espaço, não medidos. Houve acaso algum tempo em que não estivésseis com Deus? E há algum lugar em que não estejais em Deus? Por que acorrentais então a eternidade com horas e com estações? E por que encerrais o Espaço em polegadas e milhas?

A Palavra de Deus é Vida não nascida e, portanto, imortal.

Por que é a vossa, então, obstruída com o nascimento e a morte? Não estais vós vivendo unicamente a vida de Deus? E pode o Imortal ser a causa da Morte?

A Palavra de Deus inclui o Todo. Nela não há cercas nem barreiras. Por que está a vossa obstruída com cercas e barreiras?

Digo-vos que vossa própria carne e vossos próprios ossos não são somente vossos. Inumeráveis são as mãos que com as vossas mergulham nos eternos depósitos da terra e do céu, de onde vêm e para onde voltam os vossos ossos e a vossa carne.

Nem é a luz de vossos olhos somente vossa. Ela é bem a luz de todos os que convosco compartilham o sol. Que poderiam os vossos olhos contemplar nos meus, se não fosse a luz dos meus? É a minha luz que me vê, em vossos olhos. É a vossa luz que vos vê, em meus olhos. Fosse eu uma perfeita treva e os vossos olhos, contemplando-me, só veriam uma perfeita treva.

Nem é o vosso alento, em vosso peito, somente vosso. Todos aqueles que respiram ou já respiram ou já respiraram o ar, estão respirando o vosso alento. Não é o alento de Adão que ainda enche os vossos pulmões? Não é o coração de Adão que ainda pulsa em vossos corações?

Nem são os vossos pensamentos somente vossos. O mar dos pensamentos os reclama como a ele pertencentes, e assim também o fazem os seres pensantes que convosco compartilham esse mar.

Nem são os vossos sonhos somente vossos. Todo o universo está sonhando os vossos sonhos.

Nem são as vossas casas somente vossas. Elas são também a habitação do vosso hóspede, da mosca, do rato e do gato, bem como de todas as criaturas que compartilham a casa convosco.

Cuidado pois com as cercas, Quando cercais, ponde a Decepção para dentro delas e a Verdade para fora. E quando vos voltais, para vos verdes, para dentro da cerca, encontrais-vos, face a face com a Morte, que é a Decepção com outro nome.

Inseparável de Deus, ó monges, é o Homem. Inseparável, pois, dos semelhantes e das criaturas, provenientes da Palavra.

A Palavra é o oceano, vós sois as nuvens. E a nuvem, não é nuvem pelo que do oceano contém? E, na verdade, seria tola a nuvem que desperdiçasse a sua vida para se firmar no espaço, tentando manter eternamente a sua forma e a sua identidade. Que resultado colheria dessa tolice, senão esperanças desfeitas e uma vaidade amarga? A não ser que se perca, não se poderá achar. A não ser que morra e desapareça como nuvem, não poderá encontrar o oceano, que tem em si, e que é o seu único ser.

O Homem é uma nuvem que contém Deus em si. A não ser que se esvazie a si mesmo, não poderá encontrar-se. E que alegria a de esvaziar-se!

A não ser que vos percais para sempre na Palavra, não podereis compreender a palavra que está em vós — o vosso eu. Ah! A alegria de perder-se!

Mais uma vez vos digo, orai pedindo Compreensão. Quando a Sagrada Compreensão penetrar em vossos corações, nada haverá na imensidade de Deus que não vibre, para vós, uma alegre resposta, todas as vezes que pronunciardes EU.

E então a própria Morte porá em vossas mãos a arma com a qual vencereis a Morte. E então a Vida colocará nos vossos corações a chave do seu coração sem limites, a chave doirada do Amor.

Shamadam: Nunca sonhei que tanta sabedoria pudesse ser espremida de um pano de pratos e de uma vassoura (aludindo à imposição de Mirdad como servo).

MIRDAD: Tudo é fonte de sabedoria para o sábio. Para aquele que não é sábio a própria sabedoria á loucura.

Shamadam: Tens uma língua hábil, sem dúvida. É de se admirar que a tenhas freado por tanto tempo; se bem que as tuas palavras são muito duras de se ouvir.

MIRDAD: Minhas palavras são macias, Shamadam. É o teu ouvido que é duro. Infelizes daqueles que, ouvindo, não ouvem e, vendo, não vêem.

Shamadam: Eu ouço e vejo muito bem. Não ouvirei, no entanto, essa loucura de que Shamadam é o mesmo que Mirdad; de que o mestre e o servo são iguais.

CAPÍTULO 6

Acerca de
mestre e servo.
os companheiros
dão sua opinião
a respeito
de Mirdad

MIRDAD: Mirdad não é o único servo de Shamadam. Podes tu, Shamadam, contar os teus servos?

Haverá uma águia ou um falcão; haverá um cedro ou um carvalho; haverá uma montanha ou uma estrela; haverá um oceano ou um lago; haverá um anjo ou um rei que não sirva a Shamadam? Não está o mundo todo a serviço de Shamadam?

Nem é Mirdad o único mestre de Shamadam. Podes tu, Shamadam, contar os teus mestres?

Haverá um besouro ou uma pulga; uma coruja ou um pardal; haverá um cardo ou um renovo; haverá uma gota de orvalho ou uma lagoa; haverá um mendigo ou um gatuno que não sejam servidos por Shamadam? Não está Shamadam a serviço do mundo todo? Ao fazer o seu trabalho o mundo faz também o teu. E ao fazeres o teu fazes também o do mundo.

A cabeça é mestra do ventre. E não menos mestre da cabeça é o ventre.

Nada pode servir sem que seja servido, servindo, e nada pode ser servido, sem que sirva o servente.

Em verdade te digo, Shamadam, como a todos vós: o servo é o mestre do mestre; o mestre é o servo do servo. Que o servo não abaixe a sua cerviz. E que não a levante o

mestre. Seja abatido o orgulho mortal do mestre. Seja arrancada a vergonhosa vergonha do servo.

Lembrai-vos de que a Palavra é uma só. E vós, como sílabas da Palavra, na realidade sois somente um. Nenhuma sílaba é mais nobre do que outra, nem mais essencial do que outra. As muitas sílabas não são mais que uma só sílaba — mesmo A Palavra. E vos tornareis esse monossílabo se conhecerdes o êxtase desse impronunciável Amor-Próprio que é o amor por todos e por tudo.

Não te falo agora como um mestre a seu servo, nem como um servo a seu mestre, Shamadam, mas como de irmão a irmão. Por que estás, assim, conturbado pelas minhas palavras?

Renega-me, se assim o queres. Eu não te renegarei. Não te disse já, há pouco, que a carne que me cobre os ossos é a mesma que cobre os teus? Jamais te apunhalaria, para que não viesse eu a sangrar. Embainha, pois, a tua língua, se não queres derramar o teu sangue. Descerra o teu coração para mim se o queres ter fechado a todo sofrimento.

Melhor é não ter língua do que ter uma cujas palavras são armadilhas e cardos. E as palavras serão sempre chagas e armadilhas, até que a língua seja purificada pela Sagrada Compreensão.

Peço-vos que examineis os vossos corações, ó monges. Peço-vos que derrubeis todas as barreiras que houver dentro de vós. Peço-vos que atireis fora todas as faixas com que o vosso eu está ainda enfaixado, a fim de que o possais ver uno com A Palavra de Deus, eternamente em paz consigo mesma e com todos os mundos que dela emanam.

Assim ensinava a Noé.

Assim eu agora vos ensino.

Naronda: E assim dizendo, retirou-se Mirdad para a sua cela, deixando-nos imensamente confusos. Depois de guardarem por algum tempo um silêncio quase esmagador, começaram os companheiros a debandar, dizendo cada qual, ao retirar-se, a sua opinião sobre Mirdad.

Shamadam: Um mendigo a sonhar com a coroa real.

Micayon: Ele é Clandestino. Não disse ele: “Assim ensinava eu a Noé?”

Abimar: Um carretel de linha embaraçada.

Micaster: Uma estrela de outro firmamento.

Bennoon: A sua mente é poderosa, mas se perde em contradições.

Zamora: Uma harpa maravilhosa, afinada numa clave que desconhecemos.

Himbal: Uma palavra errante, em busca de um ouvido amigo.

CAPÍTULO 7

Micayon e Naronda mantêm uma palestra noturna com Mirdad e este os avisa do dilúvio que está por vir rogando-lhes que estejam prontos.

Naronda: Cerca da segunda hora do terceiro quarto, senti que se abria a porta de minha cela e ouvi Micayon a sussurrar para mim:

“Estás acordado, Naronda?”

“O sono não visitou minha cela esta noite, Micayon.”

“Nem nas minhas pálpebras fez o seu ninho. E ele, achas que ele dorme?”

“Falas do Mestre?”

“Já o chamas de mestre? Permita o Fado que o seja. Não poderei achar descanso enquanto não me certificar de sua identidade. Vamos procurá-lo imediatamente.”

E andando nas pontas dos pés, saímos de minha cela e entramos na do Mestre. Uma réstia de luar prateado, entrando por uma fresta no alto da parede, iluminava o seu humilde leito, estendido no solo. Evidentemente, não fora ocupado naquela noite. Aquele a quem procurávamos, não se encontrava ali onde o buscáramos.

Confusos, envergonhados e desapontados, estávamos para volver sobre os nossos passos, quando, subitamente sua voz amena nos chegou aos ouvidos, antes que nossos olhos pudessem lobrigar sua graciosa figura à porta.

MIRDAD: Não vos conturbeis. Sentai-vos em paz. No cume das montanhas a noite rapidamente se dissolve em alvorada. A hora é propícia para a dissolução.

Micayon (perplexo e balbuciante): Perdoai-nos se somos importunos. Não dormimos a noite toda.

MIRDAD: O sono é um auto-esquecimento muito breve. Melhor é afogar a personalidade desperto, do que tomar alguns goles de esquecimento, em dedais de sono. Que buscáveis de Mirdad?

Micayon: Vínhamos para saber quem sois.

MIRDAD: Entre os homens sou um deus. Quando estou em Deus sou um homem. Compreendeste, Micayon?

Micayon: Dizeis uma blasfêmia.

MIRDAD: Contra o Deus de Micayon...talvez. Contra o Deus de Mirdad, jamais.

Micayon: Haverá tantos deuses, como há homens, para que faleis de um para Micayon e outro para Mirdad?

MIRDAD: Deus não é “muitos”, Deus é único. São, porém, muitas e diversas as sombras dos homens. Enquanto os homens projetarem sombras na terra, o deus de cada homem não será maior do que a sua sombra. Só o que não tem sombra está na luz. Só o que não tem sombra conhece o Deus único. Porque Deus é Luz, e só a Luz pode conhecer a Luz.

Micayon: Não nos faleis em enigmas. Ainda é mui fraca a nossa compreensão.

MIRDAD: Tudo é enigma para o homem que segue uma sombra, pois esse tal caminha em luz emprestada e tropeça na sua própria sombra. Quando vos tornardes flamejantes de Compreensão, já não mais projetareis sombra.

No entanto, em breve virá a hora em que Mirdad apanhará as vossas sombras e as queimará no sol. Então aquilo que para vós é agora um enigma, se iluminará em vós como uma verdade fulgurante, demasiado evidente para que necessite de explicação.

Micayon: Não nos direis quem sois? Se soubermos o vosso nome — o vosso verdadeiro nome — vossa pátria e vossos antepassados, talvez possamos melhor compreender-vos.

MIRDAD: Oh, Micayon! É como forçar uma águia a entrar no ovo em que foi chocada, o tentar acorrentar Mirdad com as vossas cadeias e vendá-la com os vossos véus. Qual o nome que se pode dar a um homem que já não está mais “na casca”? Que pátria pode conter um homem no qual o universo este nele contido? A que antepassados se pode referir um homem, cujo único ancestral é Deus?

Para bem me conheceres, Micayon, é preciso que antes conheças bem a Micayon.

Micayon: Talvez sejais um mito vestido com a aparência de um homem.

MIRDAD: Sim, algum dia dirão que Mirdad era nada mais que um mito. Mas dentro em pouco sabereis quão real é este mito — muito mais real do que qualquer realidade dos homens. O mundo agora não toma conhecimento de Mirdad. Mirdad está constantemente atento ao mundo. Em breve o mundo tomará conhecimento de Mirdad.

Micayon: Sois, por acaso, o Clandestino?

MIRDAD: Sou clandestino em toda arca enfrenta o dilúvio da ilusão. Tomo nas minhas mãos o leme todas as vezes que o capitão pede o meu auxílio. Vossos corações, embora não o saibais, chamaram há muito tempo por mim, em alta voz. Eis-me aqui! Mirdad aqui está para guiar-vos em segurança, para que vós, por vossa vez, possais guiar o mundo para fora do maior dilúvio de que jamais se teve notícia.

Micayon: Outro dilúvio?

MIRDAD: Não destruir a Terra, mas para trazer o Céu à Terra. Não para destruir o Homem, mas para descobrir Deus no Homem.

Micayon: O arco-íris surgiu em nosso céu há poucos dias. Como falais de outro dilúvio?

MIRDAD: Mais devastador do que o dilúvio de Noé será o dilúvio que já está assolando a Terra. Uma terra coberta de água é uma terra preta de promessas de Primavera. Não porém, uma terra que está sendo cozida na febre de seu próprio sangue.

Micayon: Devemos então esperar pelo fim? Foi-nos dito que a vinda do Clandestino seria o sinal do fim.

MIRDAD: Não temais pela Terra. Ela é muito jovem e os seus seios transbordam. Mais gerações do que podereis contar ainda serão por ela amamentadas.

Nem estejais ansiosos pelo Homem, o senhor da Terra, pois ele é indestrutível.

Sim, inextinguível é o Homem. Inexaurível é o Homem. Entrará para a forja um homem e de lá sairá um, deus.

Mantende-vos firmes. Aprestai-vos. Mantende sob controle vossos olhos, vossos ouvidos e vossas línguas, de modo que vossos corações possam experimentar a fome santa que, uma vez aplacada, vos deixará saciados por toda a eternidade.

E precisais estar saciados para dardes de comer aos famintos. Precisais estar fortes e firmes para amparardes os que vacilam e estão fracos. Precisais estar preparados para a tempestade, para poderdes abrigar todos os peregrinos acoitados pela tempestade. Precisais estar sempre luminosos para poderdes guiar aqueles que caminham nas trevas.

Os fracos são uma carga pesada para os fracos. Mas para os fortes são um agradável encargo. Procurai os fracos; a sua fraqueza é a vossa força.

Os famintos são somente fome para os famintos. Mas para os saciados eles são uma bem-vinda descarga. Procurai os famintos; a vossa saciedade é a necessidade deles. Os cegos são uma pedra de tropeço para os cegos. São porém, marcos miliários para os enxergam. Procurai os cegos; as suas trevas são a vossa luz.

Naronda: Neste ponto soou a trombeta chamando para a oração da manhã.

MIRDAD: Zamora faz soar mais um dia a sua trombeta, mais um milagre para vós bocejardes entre o deitar e o levantar; para encherdes os vossos estômagos e os esvaziardes, para lascardes as vossas línguas com palavras vãs, para fazerdes muitas coisas que seria melhor não fossem feitas e não fazerdes muitas coisas que precisam ser feitas.

Micayon: Não devemos ir à oração, pois?

MIRDAD: Ide! Orai conforme vos tem sido ensinado a orar. Orai de qualquer forma — por qualquer coisa. Ide! Fazei tudo que vos tem sido ordenado fazer, até ficardes auto-ensinados e autodirigidos, até haverdes aprendido a fazer de cada palavra uma oração e de cada ação uma oblata. Ide em paz. Mirdad tem que providenciar para que a vossa refeição matinal seja abundante e doce.

CAPÍTULO 8

Os Sete buscam Mirdad no ninho da águia.
Ele os adverte de nada fazerem no escuro.

Naronda: Nesse dia Micayon e eu não comparecemos às devoções matinais. Shamadam notou a nossa ausência, e tendo sabido de nossa visita noturna ao Mestre, ficou grandemente aborrecido. Não demonstrou, porém, o seu aborrecimento, guardando a demonstração para outra oportunidade.

Os demais companheiros ficaram muito intrigados com o nosso comportamento e logo quiseram saber qual a sua razão. Alguns pensaram que havia sido o Mestre que nos aconselhara a não orar. Outros fizeram curiosas conjecturas sobre a sua identidade, dizendo que ele nos havia chamado à noite para dar-se a conhecer somente a nós. Ninguém acreditava que ele fosse o Clandestino. Todos, porém, queriam vê-lo e inquiri-lo sobre muitas coisas.

Tinha o Mestre, por costume, depois de terminar os seus serviços na Arca, passar as horas na gruta que ficava em frente ao Abismo Negro, gruta essa que nos era conhecida pelo nome de Ninho da Águia. Lá o fomos procurar, todos nós, menos Shamadam, na tarde desse dia, e o encontramos em profunda meditação. Seu rosto estava iluminado, e mais ainda resplandeceu quando, ao levantar os olhos, nos viu.

MIRDAD: Quão rapidamente encontrastes o vosso ninho! Mirdad se regozija em vós.

Abimar: A Arca é o nosso ninho. Como dizeis que esta gruta é o nosso ninho?

MIRDAD: A Arca já foi um Ninho.

Abimar: E agora o que é?

MIRDAD: A toca de uma toupeira, infelizmente.

Abimar: Oito toupeiras felizes, e com Mirdad são nove!

MIRDAD: Como é fácil zombar e como é difícil compreender. No entanto, a zombaria sempre zomba do zombador. Por que fazer trabalhar a língua em vão?

Abimar: Sois vós que zombais de nós ao nos chamar de toupeiras. Desde quando merecemos esse apelido? Não temos conservado aceso o fogo de Noé? Esta Arca, que foi antigamente um abrigo para um punhado de mendigos, não foi transformada por nós em um local mais rico do que o mais rico palácio? Não lhe ampliamos as fronteiras até se haver tornado um poderoso reino? Se somos toupeiras, seremos então toupeiras-mestras.

MIRDAD: Está aceso o fogo de Noé, mas somente no altar. De que vale isso, a não ser que sejais vós mesmos, o altar e os vossos corações, o óleo e a lenha?

A Arca está agora sobrecarregada de ouro e prata e por isso range e joga fortemente, pronta para ir a pique. Antigamente a Arca-Mãe estava sobrecarregada de Vida e não levava peso morto; por isso as profundidades eram impotentes contra ela.

Cuidado com o peso morto, meus companheiros. Tudo é peso morto para o homem que tem firme fé na sua divindade. Ele se mantém no mundo, porém não lhe carrega o peso, pois o Homem é preso por tudo aquilo que agarra. Deixai de agarrar as coisas e elas não vos prenderão em suas garras. Não ponhais preço às coisas, pois a menor delas tem um valor inestimável. Vós pondes preço a um pão. Por que não dar um preço ao Sol, ao Ar, à Terra, ao Mar, ao suor e à engenhosidade do Homem, sem os quais não haveria pão?

Não ponhais preço a coisa alguma, se não quiserdes marcar um preço para as vossas vidas.

A vida do Homem não é mais cara do que aquilo que lhe é mais caro. Tende cuidado em não considerardes vossa vida, cujo preço é incalculável, tão barata quanto o ouro.

Ampliastes em léguas as fronteiras da Arca. Mesmo que as tivésseis levado até os confins da Terra ainda estaríeis encerrados e limitados. Mirdad gostaria de vos ver cingidos e cobertos com o infinito. O mar não é mais do que uma gota; e, no entanto, não cinge e não cobre a terra? Quão mais infinito mar é o Homem! Não sejais infantis a ponto de o medirdes da cabeça aos pés e pensardes que haveis encontrado os seus limites.

Podeis ser mestres-toupeiras, conforme disse Abimar; mas somente como as toupeiras que trabalham nas trevas. Quanto mais trabalhado é o seu labirinto, mais longe do sol está a sua face. Conheço os vossos labirintos, Abimar. Vós sois um punhado, como disseste, supostamente desligados de todas as tentações do mundo e consagrados a Deus. No entanto, sinuosas e escuras são as veredas que vos ligam ao mundo. Não escuto as vossas paixões sibilarem e se agitarem? Não vejo as vossas invejas rastejarem e se contorcerem sobre o próprio altar de vosso Deus? Podeis ser um punhado, mas, oh! quantas legiões há nesse punhado!

Fôsseis vós, realmente, as toupeiras-mestras que dissestes ser, e de há muito teríeis feito um túnel, não só através da terra, mas também através do sol e de todas as outras esferas que giram no firmamento.

Deixai que as toupeiras cavem suas escuras veredas com o focinho e as patas. Vós não precisais mover uma pestana para encontrardes a vossa estrada real. Sentai-vos neste ninho e deixai que a imaginação trabalhe. Ela é o vosso divino guia para os maravilhosos tesouros do ser que é o vosso reino. Segui o vosso guia com corações fortes e

impávidos. Suas pegadas, estejam elas na mais distante estrela, vos servirão de sinal e certeza de que já lá fostes plantados, pois não podeis imaginar coisa alguma que não seja parte de vós.

Uma árvore não se pode espalhar além de suas raízes. O Homem, porém, pode espalhar-se até o infinito pois tem nela as suas raízes.

Não determineis limites para vós. Espalhai-vos até não haver regiões em que não estejais. Espalhai-vos até que o mundo todo esteja onde quer que estejais. Espalhai-vos até encontrardes Deus onde quer que vos encontreis. Espalhai-vos! Espalhai-vos!

Nada façais nas trevas supondo que as trevas são um manto impenetrável. Se não vos envergonhais de ser homens cegados pelas trevas, envergonhais-vos, ao menos, de ser como o morcego e o vaga-lume. Não há trevas, meus companheiros. Há graus de luz que satisfazem às necessidades de todas as criaturas do mundo. Vosso dia claro é crepúsculo para a fênix. Vossa noite fechada é dia claro para a rã. Se as trevas podem ser descobertas, como poderão elas servir de cobertura ao que quer que seja?

Não procureis encobrir coisa alguma. Se nada revelar os vossos segredos eles serão revelados pela cobertura. Não mostra a tampa o que está na panela? Maldita seja a panela, cheia de serpentes e vermes, quando a tampa é removida.

Em verdade vos digo, nenhum alento sai de vossos pulmões que não espalhe aos quatro ventos o último alento de vossos peitos. Nenhum olhar deixa os olhos que não leve consigo todo o olho — sua cobiça e o seu medo, seus sorrisos e suas lágrimas. Nenhum sonho jamais entrou por porta alguma, que não batesse primeiro a todas as outras

portas. Tende pois cuidado em como olhais. Tende cuidado quanto aos sonhos que deixais entrar ou sair por vossa porta. Se quiserdes, porém, ser livres de cuidados e sofrimentos, Mirdad vos mostrará o caminho.

CAPÍTULO 9

O caminho para uma vida sem sofrimento.
Os companheiros querem saber se Mirdad é o clandestino.

Miscaster: Mostra-nos o caminho.

MIRDAD: Este é o caminho que leva à libertação das preocupações e do sofrimento:

Pensai como se todos os vossos pensamentos tivessem que ser gravados a fogo no céu, para que todos e tudo os vissem. E, verdadeiramente, assim é.

Falai como se o mundo todo fosse um único ouvido, atento a escutar o que dizeis. E, verdadeiramente, assim é.

Agi como se todos os vossos atos reagissem sobre vossas cabeças. E, verdadeiramente, assim é.

Desejai como se vós fôsseis o desejo. E, verdadeiramente, assim é.

Vivei como se o vosso Deus, Ele Próprio, tivesse necessidade de vossa vida para viver a d'Ele. E, verdadeiramente, Ele precisa.

Himbal: Por quanto tempo ainda continuareis a nos manter atordoados? Falais conosco, tal como homem algum ou livro algum, jamais nos falou.

Bennoon: Dizei-nos quem sois, para que saibamos com que ouvido vos ouviremos. Se sois o Clandestino, dai-nos prova disso.

MIRDAD: Falaste muito bem Bennoon. Tu tens muitos ouvidos, por isso não podes ouvir. Se tivesses só um que ouvisse e compreendesse, não exigirias provas.

Bennoon: O Clandestino deverá vir para julgar o mundo, e nós da Arca nos sentaremos com ele para julgar. Devemos preparar-nos para o Dia do Juízo?

CAPÍTULO 10

Acerca do julgamento e o dia do juízo.

MIRDAD: Não há em minha boca julgamento, e sim a Sagrada Compreensão. Não vim para julgar o mundo, antes foi para desjulgá-lo, pois só a Ignorância gosta de vestir a beca e o capelo, expor a lei e aplicar as penas.

O mais impiedoso juiz da Ignorância é a própria Ignorância. Consideremos o Homem. Não tem ele, na ignorância, se dividido em dois, atraindo assim a morte para si, bem como para todas as coisas deste seu mundo dividido?

Em verdade vos digo, não há Deus e Homem, mas sim Deus-Homem, ou Homem-Deus. Só há o UM. Não obstante multiplicado, não obstante dividido, é para sempre UM.

A unicidade de Deus é a eterna lei de Deus. É uma lei que por si se cumpre. Não há necessidade de cortes de justiça nem de juízes que o proclamam e sustentam a sua dignidade e a sua força. O Universo — o visível e o

invisível — é uma só boca a proclamá-lo para aqueles que têm ouvidos para ouvir. Não é o Mar — conquanto vasto e profundo — uma só gota?

Não é a Terra — conquanto lançada tão longe — uma só esfera?

Não são as esferas — conquanto tão numerosas — um só universo?

Também a humanidade é um só Homem. Semelhantemente, o Homem, com todos os seus mundos, é uma unidade completa.

A unicidade de Deus, meus companheiros, é a única lei do Ser. O Outro nome que se lhe dá é Amor. Sabê-la e nela habitar, é habitar na Vida. Mas habitar em qualquer outra lei é habitar no não-ser, ou seja, na Morte.

A Vida é colher. A Morte é espalhar. A Vida é ligar. A Morte é desligar. Eis porque o Homem — o dualista — está suspenso entre as duas, pois ele colhe, mas somente espalhando. E ele liga, mas somente desligando. Ao colher e ligar, ele guarda. A Lei e a sua recompensa, é a Vida. Ao espalhar e desligar, ele peca contra a Lei, e a sua amarga recompensa é a Morte.

No entanto, vós, auto-condenados, sentai-vos para julgar os homens que já estão, como vós, auto-condenados. Que horrível seria dois sentenciados, cada qual condenando o outro às galés.

Menos ridículo seria dois bois no jugo, cada qual dizendo ao outro: “Eu o poria no jugo.”

Menos macabro seria dois cadáveres, numa cova, trocando entre si condenações à cova.

Menos digno de compaixão seria dois cegos, a arrancarem, mutuamente, os olhos.

Evitai sentar-vos na cadeira do julgamento, meus companheiros, pois para pronunciardes um julgamento

contra alguém ou alguma coisa, não somente deveis conhecer a Lei e viver de acordo com ela, mas também ouvir o testemunho. E a quem ouvireis como testemunha, em qualquer caso que se apresente?

Chamaríeis o vento para depor em juízo? Pois o vento auxilia e instiga qualquer ocorrência debaixo do céu.

Ou citaríeis as estrelas? Pois elas estão a par de tudo que sucede no mundo.

Ou enviaríeis intimações a todos os mortos desde Adão até hoje? Pois todos os mortos estão vivendo nos vivos.

Para ter um depoimento completo em qualquer caso, o Cosmo precisa ser a testemunha. Quando puderdes levar o Cosmo à corte, não necessitareis de cortes. Descereis da cadeira de juiz e deixareis que a testemunha seja o juiz.

Quando conhecerdes a todos, não julgareis ninguém.

Quando puderdes recolher nos mundos, não condenareis nem mesmo um daqueles que espalham; porque então sabereis que o espalhar condena aquele que espalha. E em vez de condenar o autocondenado, vos esforçareis para que a condenação lhe seja relevada.

Muito sobrecarregado está o Homem agora com cargas que a si mesmo se impôs. Áspera e sinuosa é a sua estrada. Cada julgamento é uma nova carga, tanto para o que julga, como para o que é julgado. Se quiserdes ver aliviada a nossa carga, não julgueis homem algum. Se quiserdes que a vossa carga desapareça, mergulhai e perdei-vos unicamente na Palavra. Que a Compreensão guie os vossos passos, se quiserdes que o vosso caminho seja reto e suave.

Não é julgamento que vos trago em minhas palavras, mas a Sagrada Compreensão.

Bennoon: E o Dia do Juízo?

MIRDAD: Cada dia, Bennoon, é um Dia de Juízo. A conta corrente de cada criatura entra em balanço a cada abrir e fechar de olhos. Nada fica escondido. Nada deixa de ser pesado.

Não há pensamento, ação ou desejo que não seja registrado no pensador, no agente ou no que desejou. Nenhum pensamento, nenhum desejo, nenhuma ação ficam estéreis neste mundo, mas todos se reproduzem de acordo com a sua espécie e a sua natureza. Tudo que está de acordo com a Lei de Deus é colhido para a Vida. Tudo que a ela se opõe é colhido para a Morte.

Os teus dias não são todos iguais, Bennoon. Alguns são serenos; são a colheita das horas bem vividas. Alguns são nublados; são a dádiva das horas meio-adormecidas na Morte e meio-alertas na Vida. E há outros que te fustigam na tormenta, com coriscos nos olhos e trovões nas ventas. Esmagam-te de cima; chicoteiam-te de baixo; atiram-te para a direita e para a esquerda; achatam-te de encontro ao solo e fazem-te comer o pó e desejares jamais haver nascido. Esses são os frutos das horas gastas em oposição propositada à Lei.

Assim é o mundo. As sombras que já ameaçam desde os céus não são em nada menos sinistras do que aquelas que anunciaram o Dilúvio. Abri os vossos olhos e vede.

Quando observais as nuvens caminhando para o Norte, sopradas pelo vento Sul, dizeis que elas trazem chuva. Por que não sois tão sábios em observar a direção para a qual caminham as nuvens humanas? Não podeis ver até que ponto os homens se enrascaram nas suas próprias redes?

O dia de desenrascar está próximo. E que dia de prova vai ser!

As redes dos homens têm sido tecidas com veias do coração e da alma, durante muitos, muitíssimos séculos. Para livrar os homens de suas próprias redes será preciso rasgar-lhes as carnes; o próprio tutano dos seus ossos terá que ser esmagado. E os próprios homens terão que rasgar, eles mesmos, as suas carnes e esmagar, eles mesmos, os seus ossos.

Quando as tampas forem levantadas — como certamente serão — e quando as panelas despejarem os seus conteúdos — como certamente o farão — onde esconderão os homens a sua vergonha e para onde fugirão?

Nesse dia os vivos invejarão os mortos e os mortos amaldiçoarão os vivos. As palavras dos homens lhes ficarão presas na garganta e a luz se congelará nas suas pálpebras. De seus corações sairão escorpiões e víboras e eles gritarão atemorizados: “De onde vêm estas víboras e estes escorpiões?”, esquecidos de que os haviam criado e alojado em seus corações.

Abri os vossos olhos e vede. Mesmo nesta Arca, destinada a ser um farol para um mundo que tropeça, há lama demais para que se possa passar. Se o farol se tornou uma armadilha, quão terrível deve ser o estado dos que se encontram no mar!

Mirdad vos construirá uma nova arca. Exatamente aqui, neste Ninho, ele a criará e a estabelecerá. Deste Ninho voareis para o mundo; não levando aos homens um ramo de oliveira, mas a Vida inexaurível. Para isso deveis conhecer a Lei e guardá-La.

Zamora: Como conheceremos a Lei de Deus e a guardaremos?

CAPÍTULO 11

O amor é a lei de Deus.

Mirdad adivinha uma inimizade entre dois companheiros, pede a harpa e canta o hino da nova arca

MIRDAD: O Amor é a Lei de Deus. Viveis para que aprendais a amar. Amais para que aprendais a viver. Nenhuma outra lição é exigida do Homem.

E que é amar, senão aquele que ama absorver o amado de modo a que os dois sejam um?

A quem ou a quê devemos amar? Podemos escolher uma cereja, uma folha da Árvore da Vida e despejar sobre ela todo o nosso coração? E o ramo que produziu essa folha? E a haste que sustenta esse ramo? E a casca que protege essa haste? E as raízes que alimentam a casca, os ramos e as folhas? E o solo que envolve as raízes? E o sol, o mar e o ar que fertilizam o solo?

Se uma pequena folha merece o vosso amor, quanto mais o merecerá a árvore toda! O amor que corta uma fração do todo, antecipadamente se condena ao sofrimento.

Direis: “Mas há muitas e muitas folhas em uma única árvore: umas são sadias, outras são doentes; umas são belas, outras feias; algumas são gigantes, outras são anãs. Como poderemos deixar de escolher?”

E vos direi: Da palidez do doente provém a vitalidade do sadio. E vos direi ainda mais, que a fealdade é a paleta, a tinta e o pincel da Beleza; e que o anão não seria anão se não tivesse dado parte de sua estrutura ao gigante.

Vós sois a Árvore da Vida. Cuidado para não dividirdes a vós mesmos! Não ponhais um fruto contra outro fruto, uma folha contra outra folha, um ramo contra outro ramo;

nem ponhais o ramo contra as raízes, ou a árvore contra a terra-mãe: é exatamente isso que fazeis quando amais uma parte mais do que o restante, ou com exclusão do restante. Vós sois a Árvore da Vida. Vossas raízes estão em toda parte. Vossos ramos e folhas estão em toda parte. Vossos frutos estão em todas as bocas. Sejam quais forem os frutos dessa árvore; sejam quais forem os seus ramos e folhes; sejam quais forem as suas raízes, serão os vossos frutos; serão as vossas folhas e ramos; serão as vossas raízes. Se quiserdes que a árvore dê frutos doces e aromáticos, se a desejardes sempre forte e verde, cuidai da seiva com que alimentais as suas raízes.

O Amor é a seiva da Vida. O ódio é o pus da Morte. Mas o Amor, tal como o sangue, precisa não encontrar obstáculos para circular nas veias. Reprimi o movimento do sangue e ele se tornará uma ameaça, uma praga. E que é o Ódio senão o Amor reprimido ou Amor retido, tornando-se um veneno tanto para o que alimenta como para o alimentado, tanto para o que odeia como para o que é odiado.

Uma folha amarela na vossa Árvore da Vida é somente uma folha à qual faltou Amor. Não culpeis a folha amarela.

Um ramo ressequido é somente um ramo faminto de Amor. Não culpeis o ramo ressequido.

Uma fruta podre é somente uma fruta que amamentada com Ódio. Não culpeis a fruta podre. Culpai antes o vosso coração cego e egoísta que repartiu a seiva da vida a uns poucos e a negou a muitos, negando-a assim a ela própria.

Não há outro amor possível senão o amor a si próprio. Mas nenhum ser é real, senão aquele que abrange o Todo. Eis porque Deus é Amor; porque Deus se Ama a Si Mesmo.

Se o Amor vos faz sofrer, é porque ainda não encontrastes o vosso próprio ser, nem achastes ainda a chave de ouro do Amor, pois se amais um ser efêmero, o vosso amor é efêmero.

O amor do homem pela mulher não é Amor. É algo muito diferente. O amor dos pais pelos filhos é tão somente o limiar do sagrado templo do Amor. Enquanto cada homem não amar a todas as mulheres, e vice-versa; enquanto cada criança não for filho de todos os pais e de todas as mães, e vice-versa, deixai que os homens se gabem de carnes e ossos que se apegam a outras carnes e ossos, mas jamais deis a isso o sagrado nome de Amor. Será blasfêmia.

Não tereis um único amigo enquanto vos considerardes inimigo, ainda que seja de um único homem. Como pode o coração que abriga inimizade ser um refúgio seguro para a amizade?

Não conhecereis a alegria do Amor enquanto houver ódio em vossos corações. Se alimentásseis com a seiva da Vida todas as coisas, menos um pequenino verme, esse pequenino verme sozinho tornaria amarga a vossa vida, pois quando amais alguém ou alguma coisa, na realidade somente amais a vós próprios. Do mesmo modo, quando odiais alguém ou alguma coisa, em verdade odiais a vós mesmos, pois aquilo que odiais está inseparavelmente ligado àquilo que amais, como o verso e o reverso da mesma medalha. Se quiserdes ser honestos convosco mesmo tereis que amar aqueles e aquilo que odiais e aqueles e aquilo que vos odeia, antes de amardes o que amais e o que vos ama.

O Amor não é uma virtude. O Amor é uma necessidade; mais necessidade é, do que o pão e a água; mais do que a luz e o ar.

Que ninguém se orgulhe de amar. Deveis respirar no Amor tão natural e livremente como respirais o ar, para dentro e para fora de vossos pulmões, pois o Amor não precisa de ninguém que o exalte. O Amor exaltará o coração que considerar digno de si.

Não espereis recompensa do Amor. O Amor é, em si mesmo, recompensa suficiente para o Amor, assim como o Ódio é, em si mesmo, castigo bastante para o Ódio.

Não peçais contas ao Amor, pois o Amor não presta contas senão a si mesmo.

O Amor não empresta nem pode ser emprestado; o Amor não compra nem vende; mas quando dá, ele se dá todo inteiro; e quando toma, toma tudo. E o seu dar-se é tomar. Conseqüentemente é o mesmo, hoje, amanhã e sempre.

Assim como um poderoso rio que se esvazia no mar é reabastecido pelo mar, assim deveis esvaziar-vos no Amor para que sejais para sempre enchido de Amor. A lagoa que retém o presente que o mar lhe dá torna-se uma lagoa de água estagnada.

Não há mais nem menos no Amor. No momento em que tentardes graduar e medir o Amor ela desaparecerá, deixando só amargas recordações.

Nem há agora nem depois, ou aqui e acolá no Amor. Todas as estações são estações do Amor. Todos os locais são próprios para serem habitados pelo Amor.

O Amor não conhece fronteiras nem obstáculos. Um amor cuja ação é impedida por qualquer obstáculo, não merece o nome de Amor. Sempre vos ouço dizer que o Amor é cego, no sentido de que não vê defeitos naquele que é amado. Essa espécie de cegueira é o máximo da visão.

Desejaríeis ser sempre tão cegos que não encontrásseis faltas em coisa alguma?

Não! É claro e penetrante o olhar do Amor. Por isso ele não vê faltas. Quando o Amor houver purificado a vossa visão não vereis jamais nada que não seja digno de vosso Amor. Só uma vista despojada de Amor, um olho faltoso, está sempre ocupado em encontrar faltas. E quaisquer faltas que encontre, serão as suas próprias faltas.

O Amor integra. O Ódio desintegra. Esta imensa e pesada massa de terra e pedra, a que dais o nome de Pico do Altar voaria rapidamente para todos os lados, se não fosse conservada unida pela mão do Amor. Até mesmo os vossos corpos, perecíveis como parecem ser, resistiriam à desintegração, se amásseis com a mesma intensidade cada uma das células que o constituem.

O Amor é paz cheia das melodias da Vida. O Ódio é a guerra ansiosa pelos satânicos golpes da Morte.

Que preferis: o Amor para gozardes a paz eterna, ou o ódio para estardes para sempre em guerra?

Toda a terra está viva em vós. O céu e suas hostes estão vivos em vós. Amai, pois, a Terra e todos os seus habitantes, se amais a vós mesmos. Amais o Céu e todos os seus habitantes, se amais a vós mesmos.

Por que odeias Naronda, Abimar?

Naronda: Todos se chocaram com a súbita mudança no tom de voz e nos pensamentos do Mestre, enquanto Abimar e eu ficávamos mudos com a referência tão direta a um desentendimento que havia entre nós e que cuidadosamente escondíamos de todos, não tendo motivos para crer que alguém disso suspeitasse. Todos olharam estarecidos para nós ambos e ficaram à espera da resposta de Abimar.

Abimar (olhando para mim com expressão reprovadora):
Você contou algo ao Mestre, Naronda?

Naronda: Quando Abimar disse “O Mestre” meu coração saltou de alegria no meu peito. Havia sido exatamente em torno dessa palavra, que nos havíamos desentendido muito tempo antes de Mirdad se haver revelado; dizendo eu que ele era um professor que tinha vindo para nos ensinar e Abimar insistindo em que era um homem vulgar.

MIRDAD: Não olhe para Naronda com desconfiança, Abimar, pois ele não é culpado da tua culpa.

Abimar: Quem vos contou, então? Podeis também ler o que está na mente dos homens?

MIRDAD: Mirdad não precisa de espiões nem de intérpretes. Se tu amasses Mirdad como ele te ama, facilmente lerias o que lhe vai na mente e no coração.

Abimar: Perdoai a um cego e surdo, Mestre. Abri os olhos e os ouvidos meus, pois estou ansioso por ver e ouvir.

MIRDAD: Só o Amor faz prodígios. Se queres ver, deixa que o Amor tome conta da pupila de teus olhos. Se queres ouvir, deixa que o Amor tome posse dos tímpanos de teus ouvidos.

Abimar: Mas eu a ninguém odeio, nem mesmo a Naronda.

MIRDAD: Não odiar não é amar, Abimar. O Amor é uma força ativa; a não ser que ela guie todas as tuas ações e passos, não poderás encontrar teu caminho; a não ser que

ela satisfaça todos os teus desejos e pensamentos, os pensamentos serão urtigas em teus sonhos; os pensamentos serão canções fúnebres em teus dias.

Agora meu coração é uma harpa e me sinto disposto a cantar; onde está tua harpa, Zamora?

Zamora: Quereis que eu vá buscá-la, Mestre?

MIRDAD: Vai, Zamora.

Naronda: Zamora logo levantou-se e foi buscar a harpa. Os demais se entreolharam, e admirados, se mantinham em silêncio.

Ao voltar Zamora com a harpa, o Mestre gentilmente a tomou de suas mãos e curvando-se sobre ela, ternamente afinou corda por corda; logo depois começou a tocar a cantar:

Deus é o comandante; navega, minha Arca!

Mesmo que o Inferno deste suas fúrias

Sobre os vivos e os mortos,

E transforme a terra em chumbo derretido,

Varrendo dos céus todos os indícios,

Deus é comandante; navega, minha Arca!

O Amor é a bússola; desliza, minha Arca!

Vai para o norte e para o sul, para o oeste e para o leste

E reparte com todos a fortuna do teu cofre.

A tempestade te levará na sua crista,

Como um farol para os navegantes nas trevas.

O Amor é a tua bússola; desliza, minha Arca”!

A Fé é tua âncora; viaja, minha Arca!

Pode o trovão ribombar e o corisco o céu riscar,
Podem as montanhas tremer e desmoronar,
E o coração do homem enfraquecer tanto,
Que se esqueça da centelha sagrada,
A Fé é tua âncora; viaja, minha Arca!

Naronda: O Mestre terminou de cantar e curvou-se sobre a harpa, qual mãe se curva, amorosa, sobre o filho que está amamentando. E embora suas cordas já não tremessem, a harpa continuava a vibrar:

“Deus é o comandante; navega, minha Arca!”

E embora os lábios do Mestre estivessem fechados, sua voz continuou reverberando durante algum tempo, através do Ninho e flutuando em ondas pelos picos das montanhas até as colinas, e no vale, lá em baixo; até o incansável mar, lá em baixo; até a abóbada azul, lá em cima.

Havia uma chuva de estrelas e um arco-íris naquela voz. Havia tremores e furacões, de mistura com brisas cantantes e rouxinóis embriagados de canções. Havia mares revoltos e abrumados por neblinas macias. E parecia como se toda a criação estivesse ouvindo, com alegre gratidão.

E parecia, ainda, que as Montanhas Alvas, com o Pico do Altar no centro, tivessem sido subitamente separadas da Terra e estivessem flutuando no espaço, majestosas, poderosas e conscientes de seu destino.

Durante os três dias que se seguiram, o Mestre não dirigiu palavra a ninguém.

CAPÍTULO 12

Acerca do Silêncio Criador.

O falar é, na melhor das hipóteses, uma mentira honesta

Naronda: Passados os três dias, nós sete, como que impelidos por uma força irresistível, tornamos a nos reunir e encaminhamo-nos ao Ninho da Águia. O Mestre nos saudou, como quem estava certo de que viríamos.

MIRDAD: Mais uma vez vos dou as boas vindas, filhotes implumes, de volta ao ninho. Dizei a Mirdad os vossos pensamentos e os vossos desejos.

Micayon: Nosso único pensamento e desejo é estar perto de vós, Mirdad, a fim de que possamos sentir e ouvir a vossa verdade — para que, talvez, possamos tornar-nos sem sombra, tal como vós o sois. O vosso silêncio, no entanto, nos constrange a todos nós. Por acaso vos ofendemos de algum modo?

MIRDAD: Não foi para vos afastar de mim que me conservei em silêncio durante três dias, mas para vos trazer para mais perto de mim. Quanto a me haverdes ofendido, aquele que conhece a paz invencível do Silêncio, jamais pode ser ofendido ou ofender.

Micayon: É melhor calar do que falar?

MIRDAD: O falar é, na melhor das hipóteses, uma mentira honesta. Ao passo que o silêncio é, no pior dos casos, uma verdade nua.

Abimar: Devemos disto concluir que até mesmo as vossas palavras, Mirdad, conquanto honestas, são simplesmente mentiras?

MIRDAD: Infelizmente nada mais são do que mentiras para aqueles cujo eu não é o mesmo que o EU de Mirdad. Enquanto todos os vossos pensamentos não forem como pedras extraídas da mesma pedreira e todos os vossos desejos como água extraída do mesmo poço, vossas palavras serão, conquanto honestas, simplesmente mentiras.

Quando o vosso eu, o meu eu e o de Deus forem um só, dispensaremos as palavras e comungaremos perfeitamente no Silêncio da verdade.

Como porém, o vosso eu e o meu não são o mesmo, sou constrangido a desferir contra vós uma guerra de palavras, para que nos possa vencer com vossas próprias armas e vos levar à minha pedreira e ao meu poço.

E somente assim podereis ir para o mundo, vencê-lo e subjugá-lo como eu vos haja vencido e subjugado. E somente assim sereis preparados para guiar o mundo ao silêncio da Consciência Suprema, para a pedreira da Palavra, para o poço da Sagrada Compreensão.

Enquanto não fordes assim vencidos por Mirdad, não vos tornareis inexpugnáveis na verdade e poderosos conquistadores. Nem a palavra poderá lavar-vos da ignonímia de sua contínua derrota, a não ser quando houver sido derrotada por vós.

Cingi-vos, pois, para a batalha. Bruni vossos escudos e vossas armaduras e afiai vossas espadas e vossas lanças. Deixai também que o Silêncio bata o bombo e carregue o estandarte.

Bennoon: Que espécie de Silêncio será esse que irá a bater o bombo e carregar o estandarte?

MIRDAD: O silêncio no qual eu vos farei entrar é aquela expansão infinita na qual o não-ser passa a Ser e o Ser passa a não-ser. É aquele vácuo pavoroso onde todo som nasce e é abafado; onde toda forma é moldada e destruída; onde toda personalidade é criada e esmagada; onde todo Ser é elevado e abatido. A não ser que atravesséis esse vácuo e essa expansão em contemplação silenciosa, não sabereis quão real é o vosso Ser, nem quão irreal o não-ser. Nem sabereis quão ligada está a vossa realidade com toda a Realidade.

É nesse Silêncio que espero que vagueis, para que possais abandonar a vossa pele velha e apertada e possais andar sem grilhões, irrestritos.

Para ele almejo que leveis os vossos cuidados, receios, paixões e desejos, vossas invejas e vossas luxúrias, para que as possais ver desaparecer uma a uma, libertando, assim, os vossos ouvidos dos seus gritos incessantes e livrando os vossos flancos da dor de sua afiada esporas.

É ali que desejo que jogueis os vossos arcos e flexas deste mundo, com os quais esperais caçar alegria e satisfação e na realidade só caçais o desassossego e a tristeza.

É ali que, espero, vós rastejeis para fora da tenebrosa e sufocante concha do eu, para a luz e o ar livre do EU.

É este o Silêncio que vos recomendo, e não um mero descanso de vossas línguas cansadas de tagarelar.

É este o Silêncio fecundo da Terra que nos recomendo, e não o apavorante silêncio do criminoso e do velhaco.

O silêncio paciente da galinha que choca é que vos recomendo, e não o impaciente cacarejar de sua irmã que bota. Aquela se mantém quieta durante vinte e um dias e espera o milagre debaixo de seu fofo peito e de suas macias asas. A outra salta do ninho e cacareja loucamente, anunciando que pôs um ovo.

Cuidado com a glória cacarejante, companheiros. Assim como silenciais a vossas vergonhas, silenciai também as vossas glórias, pois a glória cacarejante é pior que a vergonha em silêncio e a virtude apregoada é pior do que a iniquidade muda.

Evitai o demasiado falar. Em cada mil palavras pronunciadas, às vezes só há uma única que verdadeiramente é necessário pronunciar. As restantes só servem para nublar a mente, entupir o ouvido, cansar a língua e cegar o coração.

Como é difícil dizer a palavra que realmente deve ser dita! Em cada mil palavras que se escrevem, às vezes só há uma, unicamente uma, que verdadeiramente é necessário escrever! As restantes são somente tinta e papel desperdiçados e minutos aos quais se deu pés de chumbo, em vez de asas de luz.

Como é difícil, oh! como é difícil escrever a palavra que realmente deve ser escrita!

Bennoon: Que dizeis da oração, Mestre Mirdad? Na oração nos fazem dizer palavras demais e pedir coisas em excesso. No entanto, raramente obremos aquilo que pedimos.

CAPÍTULO 13

Da Oração

MIRDAD: Orais em vão quando nos dirigis a quaisquer outros deuses que não a vós mesmos, pois em vós está o poder de atrair, e em vós o poder de repelir.

E em vós está aquilo que atraireis e em vós está aquilo que repelireis, pois poder receber algo é poder dar isso mesmo. Onda há fome há alimento. Onde há alimento, necessariamente há fome. Sofrer a dor da fome é ter a alegria de gozar da bênção de ser farto.

Sim, na necessidade está o suprimento da necessidade.

Não é a chave uma garantia para a fechadura? E não é a fechadura uma garantia para a chave? Não são ambas, a fechadura e a chave, uma garantia para a porta?

Não tendes pressa em importunar o serralheiro cada vez que não souberdes onde pusestes a chave. O serralheiro fez a sua tarefa e a fez bem; não se deve pedir-lhe que torne a fazê-la, constantemente. Fazei o vosso trabalho e deixai em paz o serralheiro; pois ele, depois de vos ter servido, tem mais o que fazer. Retirai o mau cheiro e o lixo de vossa memória, e certamente encontrareis a chave.

Quando Deus, o impronunciável, vos pronunciou, Ele se pronunciou em vós. Vós, portanto, também sois impronunciáveis.

Deus não vos dotou de nenhuma fração de Si — pois Ele é indivisível —, mas de toda sua divindade, indivisível, impronunciável, Ele vos dotou a vós todos. Que maior herança podeis vós aspirar? E quem ou o que vos impede de vos apossardes dela senão a vossa própria timidez e cegueira?

E em vez de serem gratos por essa herança, e em vez de procurarem os meios de tomarem posse dela, alguns homens — cegos e ingratos! — fazem de Deus uma espécie de quarto de despejo, ao qual levam suas dores de

dentes e de barriga, seus prejuízos nos negócios, suas brigas, suas vinganças e suas noites de insônia. Outros fazem de Deus sua casa do tesouro onde esperam encontrar o que desejam, toda vez que cobiçam a posse de todos os pechisbeques deste mundo.

Há ainda outros que fazem de Deus uma espécie de seu guarda-livros particular. Pretendem que Deus deva não só manter em dia as contas de suas dívidas, mas também cobrar o que lhes é devido, conseguindo sempre um grande saldo em favor deles.

Sim, são muitas e diversas as tarefas que os homens exigem de Deus. No entanto, poucos se lembram de que se isso estivesse a cargo de Deus, Ele as executaria sozinho e não precisaria de homem algum para incitá-Lo a fazê-las.

Por acaso relembrais a Deus das horas em que deve nascer o sol ou pôr-se a lua? Lembrais a Deus de fazer brotar da terra o grão de milho naquele tempo? Tendes que lembrá-Lo para que aquela aranha acolá teça a sua teia? Precisaís lembrá-Lo dos filhotes do pardal naquele ninho ali? Por acaso tendes de lembrá-Lo das inúmeras coisas, que enchem este infinito universo?

Por que fazeis pressão com vossos insignificantes seres em Sua memória? Sois menos favorecido em Sua vista do que os pardais, milho e as aranhas? Por que, como eles, não recebeis os vossos presentes e não vos ocupais com vossas tarefas, sem muitos alarido, sem dobramentos de joelhos e extensão de braços e sem ficardes ansiosos a espiar o amanhã?

E onde está Deus, para que preciseis gritar nos Seus ouvidos os vossos caprichos e as vossas vaidades, vossos louvores, vossas queixas? Não está Ele em vós e em tudo ao redor de vós? Não está o Seu ouvido muito mais

próximo de vossa boca do que o está vossa língua do vosso céu da boca?

Basta a Deus a Sua divindade da qual tendes a semente.

Se Deus, tendo-vos dado a semente de Sua divindade, tivesse que cuidar dela ao invés de vós, qual seria a vossa virtude? E qual seria o trabalho de vossa vida? E de que valerão todas as vossas preces?

Não leveis a Deus as vossas inúmeras preocupações e esperanças. Não Lhe peçais para abrir as portas das quais Ele vos deu as chaves. Mas buscai-as na vastidão de vossos corações, pois na vastidão do coração se encontra a chave de todas as portas. E na vastidão do coração estão todas as coisas, pelas quais tendes sede e fome, sejam do bem ou do mal.

Um poderoso exército aguarda o vosso chamado e atenderá imediatamente ao vosso mais leve apelo. Quando devidamente equipado, sabiamente disciplinado e corajosamente comandado, poderá saltar eternidades e destruir todas as barreiras que se opuserem ao seu ideal. Quando mal equipado, indisciplinado e timidamente comandado, ele ficará vagando inutilmente, ou se retirará com rapidez diante do menor obstáculo, arrastando atrás de si a mais negra derrota.

E não é outro esse exército, ó monges, que aqueles diminutos corpúsculos vermelhos que estão agora silenciosamente a circular em vossas veias; cada um deles, um milagre de força, cada um deles, um registro completo e exato de toda a vossa vida e de toda Vida, nos seus mais ínfimos pormenores.

É no coração que este exército se reúne, pois o coração é que faz o seu treinamento. Eis porque é o coração tão famoso e tão reverenciado. Dele brotam as vossas lágrimas de alegria e de tristeza. A ele acorrem os vossos

temores da vida e da Morte. Vossos anseios e vossos desejos são o equipamento deste exército. Vossa Mente é o que o disciplina. Vossa Vontade, seu instrutor e comandante.

Quando sois capazes de equipara o vosso sangue com um Desejo-Mestre que silencia e ultrapassa todos os desejos; e entrega a um Pensamento-Mestre a disciplina; e encarregais uma Vontade-Mestra do treinamento e do comando, e não por certo vereis realizado esse desejo.

Como o santo atinge a Santidade, senão eliminando de sua corrente sangüínea todo desejo e todo pensamento incompatível com a santidade e depois dirigindo-o, com uma vontade determinadora, a nada mais buscar senão a santidade?

Em verdade vos digo que todos os desejos santos e todos os pensamentos santos, de Adão até hoje, correrão a ajudar o homem assim inclinado a atingir a Santidade, pois sempre foi assim que em toda parte as águas procuram o mar e os raios de luz procuram o sol.

Como é que o assassino executa os seus planos, senão chicoteando o seu sangue, até que este adquira uma sede insana de assassínio e reunindo as células deste sangue, em fileiras cerradas, sob o látigo de um pensamento-mestre assassino e comandado com uma vontade incansável de desferir o golpe mortal?

Em verdade vos digo, que todo assassino, desde Caim até hoje, correrá sem que seja chamado, para dar força e firmeza ao braço do homem que está embriagado com o assassínio, pois sempre foi assim que os corvos se associam aos corvos e as hienas se juntam às hienas.

Orar, pois, é infundir no sangue um Desejo-Mestre, uma Vontade-Mestra. É, pois, afinar o eu para que fique em perfeita harmonia com o objetivo da prece.

A atmosfera deste planeta, com todos os seus pormenores, refletida dentro de vossos corações, está fervendo com as memórias de todas as coisas que testemunhou, desde o seu nascimento.

Nenhuma palavra ou ação; nenhum desejo ou suspiro; nenhum pensamento passageiro ou sonho transitório; nenhuma aspiração de homem ou animal; nenhuma sombra, nenhuma ilusão há, que nela não tenha registrado até hoje o seu curso místico e assim farão pelos séculos dos séculos. Afinai o vosso coração a qualquer um deles e ele certamente correrá a tocá-lo nas cordas assim afinadas. Para orardes não precisai de língua nem de lábios. Mas antes necessitais de um coração silencioso e desperto; de um Desejo-Mestre e, acima de tudo, de uma Vontade-Mestra que não duvide nem hesite, pois as palavras de nada valem, se o coração não estiver presente e desperto em cada sílaba. E quando o coração está presente e desperto, melhor é que a língua durma ou que se esconda atrás dos lábios fechados.

Nem precisais de templos para neles orardes.

Quem não pode encontrar um templo em seu coração, jamais encontrará seu coração num templo.

No entanto, estas coisas vos digo, a vós e aos que são como vós, não porém a todos os homens, pois a maioria dos homens ainda são como náufragos. Sentem a necessidade de orar, porém não sabem como fazê-lo. Não podem orar senão com palavras e não encontrarão as palavras se vós não as puderdes nos lábios. E sentem-se perdidos e apavorados quando se os faz percorrer a vastidão de seus corações, mas se acham sossegados e confortados entre as paredes dos templos e nas multidões de criaturas com eles.

Deixai-os erigir os seus templos. Deixai-os recitar as suas preces.

Mas a vós e a todos os homens eu rogo que oreis pela Compreensão. Qualquer desejo que não seja este, jamais será cumprido.

Lembrai-vos de que a chave da Vida é a Palavra Criadora. A chave da Palavra Criadora é o Amor. A chave do Amor é a Compreensão. Enchei os vossos corações com estas e poupai às vossas mentes o peso de muitas orações; livrai vossos corações da ligação a todos os deuses, que vos escravizarão com uma dádiva que vos acariciarão com uma das mãos para vos destruir com a outra; que estão satisfeitos e bondosos quando os louvais, porém cheios de ódio e vingativos quando censurados; que não vos ouvem, senão quando os chamais, e que nada vos dão se não lhes implorardes; que vos tendo dado, freqüentemente, se arrependem de o terem feito; cujo incenso são as vossas lágrimas e cuja glória é a vossa vergonha.

Sim, livrai os vossos corações de todos esses deuses para que possais neles encontrar o único Deus que tendo-vos enchido com Ele mesmo, vos terá cheios para sempre.

Bennoon: Às vezes falais do Homem como onipotente e às vezes falais dele como um abandonado. Desse modo deixa-nos confusos.

CAPÍTULO 14

O colóquio entre dois arcanjos e dois arquidemônios, independente do tempo em que nasceu o homem

MIRDAD: Na ocasião, independente do tempo, em que nasceu o Homem — dois arcanjos, no pólo superior do Universo, mantiveram a seguinte conversa:

Disse o primeiro arcanjo:

Uma criança prodigiosa nasceu à Terra e a Terra está brilhante de luz.

Disse o segundo arcanjo:

Um glorioso rei nasceu ao Céu e o Céu está vibrando de alegria.

1.º - Ele é o fruto da união do Céu com a Terra.

2.º - Ela é a união eterna – o pai, a mãe e o filho.

1.º - Nele a Terra é exaltada.

2.º - Nele o Céu é justificado.

1.º - O dia dorme em seus olhos.

2.º - A noite está desperta em seu coração.

1.º - Seu peito é um ninho de tempestades.

2.º - Sua garganta é uma escala de canções.

1.º - Seus braços abraçam as montanhas.

2.º - Seus dedos beliscam as estrelas.

1.º - Há mares bramindo em seus ossos.

2.º - Há sóis girando em suas veias.

1.º - Sua boca é uma forja e um molde.

2.º - Sua língua é uma bigorna e um martelo.

1.º - Em volta de seus pés estão as cadeias do Amanhã.

2.º - No seu coração está a chave dessas cadeias.

1.º - Este nenê ainda está no berço do pó.

2.º - Mas envolto nas fraldas dos éons.

1.º - Tal como Deus, ele conhece os segredos dos números e o mistério das palavras.

2.º - Ele sabe todos os números, exceto o número sagrado, que é o primeiro e o último. Conhece ele todas as palavras, menos a Palavra.

1.º - No entanto, ele saberá o Número e a Palavra.

2.º - Somente quando houver retirado os seus pés dos caminhos perdidos do Espaço; somente quando seus olhos já não olharem para as medonhas cavernas do Tempo.

1.º - Maravilhoso, muito maravilhoso, é este o filho da Terra.

2.º - Glorioso, muito glorioso, é este rei dos Céus.

1.º - Aquele, que não tem nome, o chamou de Homem.

2.º - E ele chamou O que não tem nome de Deus.

1.º - Homem é a palavra de Deus.

2.º - Deus é a palavra do Homem.

1.º - Glória Àquele cuja palavra é Homem.

2.º - Glória àquele cuja palavra é Deus.

1.º - Agora e para sempre.

2.º - Aqui e em toda parte.

Assim falaram os dois arcanjos no pólo superior do Universo, na ocasião, independente do tempo, em que nasceu o Homem.

Ao mesmo tempo, dois aqui-demônios, no pólo inferior do Universo, estavam assim conversando:

Disse o primeiro aqui-demônio:

Um valente guerreiro entrou para as nossas fileiras. Com seu auxílio venceremos.

Disse o segundo aqui-demônio:

Dize antes um covarde queixoso e manhoso. A traição está encerrada em sua cabeça. É terrível na covardia e na traição.

1.º - Impávido e selvagem é o seu olhar.

2.º - Lamuriento e desanimado é o seu coração. Mas inspira pavor pelo seu desânimo e suas lágrimas.

1.º - Penetrante e perseverante é a sua mente.

2.º - Vagaroso e estúpido é o seu ouvido. Mas é perigoso na sua vagarosidade e na sua estupidez.

1.º - Rápida e precisa é a sua mão.

2.º - Hesitantes e preguiçosos são os seus pés. Mas é terrível a sua preguiça e alarmante a sua hesitação.

1.º - Nosso pão será aço para os seus nevos. Nosso vinho será fogo para o seu sangue.

2.º - Ele nos apedrejará com as arcas dos nossos pães e quebrará em nossas cabeças as bilhas do nosso vinho.

1.º - A sua concupiscência pelo nosso pão e a sua sede pelo nosso vinho serão o seu carro na batalha.

2.º - Com uma fome insaciável e uma sede inapagável, ele se tornará inconquistável e provocará rebelião em nosso acampamento.

1.º - Mas a Morte será a condutora do carro.

2.º - Com a Morte como condutora do carro, ele se tornará imortal.

1.º - Poderá a Morte levá-lo a algo que não seja a Morte?

2.º - Ai! Tão exausta ficará a Morte de suas constantes lamentações que acabará por levá-lo ao acampamento da Vida.

1.º - Será a Morte traidora da Morte?

2.º - Não. A Vida será fiel à Vida.

1.º - Excitaremos o seu paladar com frutos raros e deleitosos.

2.º - Ele ansiará por frutos que não crescem neste pólo.

1.º - Seduziremos seus olhos e seu nariz com flores lindas e fragrantas.

2.º - Mas os seus olhos buscarão outras flores e seu nariz outras fragrâncias.

1.º - E encantaremos os seus ouvidos com doces e distantes melodias.

2.º - Mas os seus ouvidos estarão voltados para outros coros.

1.º - O medo o acorrentará a nós.

2.º - A Esperança o protegerá contra o medo.

1.º - A dor o subjugará a nós.

2.º - A Fé o libertará da dor.

1.º - Encheremos o seu sono de sonhos misteriosos e espalharemos sombras enigmáticas nas suas andanças despertas.

2.º - Sua fantasia desfará os mistérios e decifrá os enigmas.

1.º - Poderemos contar com ele, como sendo um de nós.

2.º - Conta-o como sendo uma de nós, se assim o quiseres; mas conta-o também como sendo contra nós.

1.º - Pode ele ser, ao mesmo tempo, a nosso favor e contra nós?

2.º - Ele é um guerreiro solitário, no campo. Seu único adversário é a sua sombra. Conforme muda a sua sombra, muda a batalha. Ele está conosco, quando sua sombra está diante dele. Está contra nós, quando sua sombra está atrás.

1.º - Não o vamos manter, então, constantemente de costas para o Sol.

2.º - Mas quem conservará constantemente o Sol detrás dele?

1.º - Este guerreiro é um enigma.

2.º - Esta sombra é um enigma.

1.º - Salve o cavaleiro solitário.

2.º - Salve a sombra solitária.

1.º - Salve! Quando está conosco.

2.º - Salve! Quando está contra nós.

1.º - Agora e para sempre.

2.º - Aqui e em toda parte.

Assim falaram dois arqui-demônios, no pólo inferior do Universo, na ocasião, independente do tempo, em que nasceu o Homem.

CAPÍTULO 15

Shamadam faz um esforço para expulsar Mirdad da Arca. O Mestre fala acerca de insultar e ser insultado, e de encarar o mundo com a sagrada compreensão.

Naronda: Mal havia o Mestre terminado, e eis que surgiu à entrada do Ninho da Águia o vulto corpulento do Superior, como que impedindo a entrada do ar e da luz. E passou-me logo, pela mente, que o vulto, à entrada, não era senão um dos arquidemônios, sobre os quais o Mestre acabava de nos falar.

Seus olhos pareciam lançar chispas de fogo e sua barba eriçou-se, quando ele avançou para o Mestre, agarrando-o pelo braço, numa evidente tentativa de o arrancar dali.

Shamadam: Acabo de ouvir as coisas terríveis que a tua mentalidade vil está vomitando. Tua boca é uma torneira que verte veneno. Tua presença é um agouro de maldades. Como Superior desta Arca, convido-te a que te retires, imediatamente.

Naronda: O Mestre, embora franzino, com a maior facilidade se manteve firme, como se ele fosse um gigante e Shamadam um recém-nascido. Sua equanimidade era admirável, ao olhar para Shamadam e responder:

MIRDAD: Só tem o poder de convidar a retirar-se, aquele que convidou a entrar. Vós, Shamadam, por acaso me convidaste a entrar?

Shamadam: Foi a tua baixeza que moveu o meu coração pela piedade a permitir a tua entrada.

MIRDAD: O meu amor, Shamadam, é que moveu a vossa baixeza. E aqui estou, Shamadam, e comigo está o meu amor. Mas vós não estais, nem aqui nem lá. É só a vossa sombra que esvoaça para cá e para lá. E eu vim para recolher todas as sombras e queimá-las no Sol.

Shamadam: Eu já era Superior desta Arca muito antes que o teu bafo principiasse a emprestar o ar. Como ousa a tua língua vil dizer que não estou aqui?

MIRDAD: Antes que estas montanhas fossem, já eu era, e serei depois que elas já se houverem transformado em pó. Sou a Arca, o altar e o fogo. Se vós não vos refugiardes em mim, sereis presa da tempestade. E se não vos imolardes diante de mim, não conhecereis a imunidade, contra as sempre afiadas facas dos inúmeros açougueiros

da Morte. E se o meu fogo delicado não vos consumir, sereis combustível para o fogo cruel do Inferno.

Shamadam: Ouviste?! Não ouvistes companheiros?! Atiremos este blasfemo impostor ao abismo!

Naronda: Novamente Shamadam atirou-se ao Mestre e o agarrou pelo braço com vontade de arrastá-lo para fora. Mas o Mestre não temeu e nem se moveu. Também os companheiros não fizeram o mais leve movimento. Depois de uma pausa enervante a cabeça de Shamadam lhe pendeu para o peito e ele fugiu do Ninho da Águia resmungando de si e para si: “Eu sou o Superior desta Arca. Hei de fazer valer a autoridade que Deus me deu.” O Mestre esteve muito tempo meditando sem falar. Mas Zamora não se pôde conservar em paz.

Zamora: Shamadam insultou o nosso Mestre. Que quer o Mestre que façamos com ele? Ordenai e obedeceremos.

MIRDAD: Orai por Shamadam, companheiros. É somente isso que desejo que façais a ele. Orai para que caia a venda dos seus olhos e a sua sombra seja iluminada.

É tão fácil atrair o bem, como atrair o mal. E tão fácil afinar-se pelo Amor, como pelo Ódio.

Do Espaço infinito e da vastidão de vosso coração retirai bênçãos para o mundo, pois tudo quanto for uma bênção para o mundo, será uma bênção para vós.

Orai pelo bem de todas as criaturas, pois o bem de qualquer criatura é o vosso próprio bem, e o mal de qualquer criatura é o vosso próprio mal.

Não sois todos vós como que degraus móveis da escada infinita do Ser? Aqueles que quiserem subir à esfera da

Sagrada Liberdade, certamente terão que pisar nos ombros de outros. E, por sua vez, terão de deixar que seus ombros sejam degraus pelos quais outros terão que subir.

Que é Shamadam, senão um degrau de vosso ser?

Não quereis que vossa escada seja forte e segura? Cuidai, pois, de cada um dos degraus para conservá-la forte e segura.

Que é Shamadam, senão uma pedra no alicerce de vossa vida? E que sois vós, senão pedras no edifício da sua vida e no da vida de todas as criaturas? Cuidai de que Shamadam seja uma pedra sem defeito, para que o vosso edifício não tenha defeito algum. Sede vós também sem defeitos, para que aqueles em cujas vidas fordes construídos, possam ter o seu edifício sem defeito.

Pensai em que vós não sois dotados de mais do que dois olhos; pois, em verdade vos digo, que todo olho que vê, seja na Terra, acima ou abaixo dela, é uma extensão de vossos olhos. Na medida em que a vista de vosso próximo for nítida, será nítida a vossa vista. À medida que a vista do vosso próximo for diminuída, a vossa também será diminuída.

Em cada cego sois privados de um par de olhos que, se vissem, constituiriam um reforço para os vossos. Conservai a vista de vosso próximo, para que possais ver melhor. Preservai a vossa para que o vosso vizinho não tropece e caia, obstruindo, talvez, a vossa própria porta.

Zamora pensa que Shamadam me insultou. Como poderia a ignorância de Shamadam alterar a minha Compreensão?

Um ribeirão lodoso pode, facilmente, tornar lodoso outro ribeirão. Pode, porém, um ribeirão lodoso tornar lodoso o mar? O mar, alegremente receberá o lodo, espalha-lo-á no seu leito e devolverá, ao ribeirão, água limpa.

Podereis corromper ou esterilizar um metro quadrado de terra — talvez um quilômetro quadrado. Mas quem poderá corromper ou esterilizar a Terra? A terra recebe todas as impurezas dos homens e dos animais e lhes devolve frutos doces, flores perfumadas, cereais e erva em abundância.

Uma espada pode, certamente, ferir a carne. Pode ela, porém, ferir o ar, por mais afiada que seja o seu gume, e por mais forte que seja o braço que a empunha?

É o orgulho de um eu mesquinho e tacanho, possuído de uma ignorância cega e impudica, que possibilita insultar e considerar-se insultado e que se vinga do insulto, insultando, e lava a imundície com a imundície.

O mundo, que é presa do orgulho e está embriagado com o seu eu, amontoará injúrias sobre as vossas cabeças. Soltará sobre vós os cães sedentos de sangue de suas leis andrajosas, de suas crenças podres, de suas honrarias mofadas. Proclamará que sois inimigos da ordem e agentes do caos e da ruína. Espalhará ciladas em vosso caminho e encherá vossa cama de urtigas. Jogará maldições nos vossos ouvidos e cuspirá o desprezo em vosso rosto.

Não deixeis enfraquecer o vosso coração. Sede como o Mar, vasto e profundo, e abençoai os que vos maldizem.

E como a Terra, sede generosos e calmos, transformando as impurezas dos corações humanos em pureza, saúde e beleza. Sede como o Ar, livre e suave. A espada, que vos deveria ferir, acabará perdendo o brilho e enferrujando. O braço, que vos deveria lesar, ficará fraco e inativo.

O mundo, não vos conhecendo, não vos poderá conter. Por isso vos receberá rosnando. Mas vós, conhecendo o mundo, podereis contê-lo. Por isso, deveis acalmar a sua ira, com a bondade, e afogar a sua calúnia com amorosa Compreensão.

E a Compreensão trará a alvorada.
Assim ensinei eu a Noé.
Assim eu agora vos ensino.

Naronda: A seguir, nós Sete debandamos em silêncio, pois já havíamos percebido que todas as vezes que o Mestre concluía com as palavras “Assim ensinei eu a Noé”, era sinal de que não queria falar mais.

CAPÍTULO 16

Acerca de credores e devedores.
Que é o dinheiro? Rustidion é perdoado de sua dívida para com a Arca.

Naronda: Certo dia, quando nós Sete e o Mestre estávamos voltando do Ninho da Águia, vimos Shamadam ao portão, agitando um documento que tinha na mão, diante de um homem que se achava prostrado a seus pés. Dizia Shamadam, bastante zangado:

— O teu delito esgota a minha paciência, não posso mais ser tolerante. Ou pagas já, ou irás apodrecer na prisão!

Reconhecemos o homem como sendo Rustidion, um dos arrendatários da Arca, que se achava em débito de certa soma de dinheiro para com esta. Esfarrapado e envelhecido, suplicava ao Superior que lhe desse prazo para pagar os juros, dizendo que numa só semana havia perdido o único filho e a única vaca que possuía, em consequência do que, sua velha esposa havia sido acometida de paralisia. O coração de Shamadam, porém não se enternecia.

O Mestre foi ao encontro de Rustidion e, tomando-o delicadamente, pelo braço, disse:

MIRDAD: Levanta-te, meu Rustidion. Tu és também imagem de Deus, e a imagem de Deus não se deve curvar diante de sombra alguma. (E voltando-se para Shamadam) Mostra-me o título da dívida.

Naronda: Shamadam, que havia um momento estava furioso, para espanto de todos se tornou mais manso que um cordeiro e humildemente passou ao Mestre o papel que tinha na mão. O Mestre examinou com todo o cuidado o documento, enquanto Shamadam o olhava calado, como se estivesse sob a ação de um encantamento.

MIRDAD: Não era onzenário o fundador desta Arca? Por acaso ele te legou dinheiro que devesse emprestar com usura, ou terras para alugar a um preço exorbitante? Deixou-te ele por herança o suor e o sangue de teu irmão, ordenando-te que lançasses à prisão aqueles cujo suor tivesses recolhido até não haver mais e cujo sangue tivesse sugado até a última gota?

Uma arca, um altar e uma luz foi o que ele te deixou em herança — nada mais. Uma arca, que é o seu corpo vivo; um altar que é o seu destemido coração; uma luz, que é a sua fé ardente. Estas coisas ele te ordenou que as conservasses intactas e puras, num mundo que baila ao som das flautas da Morte e se espoja no lamaçal da iniquidade, devido à sua falta de fé.

Para que os cuidados do corpo não vos distraíssem o espírito, vos foi permitido viver de caridade dos fiéis. E nunca, desde que a Arca foi lançada, houve falta de caridade.

Mas ai! Esta caridade tu agora a transformaste em maldição, para ti e para os caridosos, pois com as suas doações, tu subjugas os doadores. Tu os enforcas com as cordas que eles fiam para ti. Tu os desnudas das roupas que teceram para ti. Tu os matas de fome pelo pão que para ti assaram. Tu constróis prisões para ele com as pedras que para ti eles cortaram e aparelharam. Para eles tu fazes jugos e esquifes com a madeira que eles cortaram para te aqueceres. Empresta-lhes com usura o seu próprio suor e o seu próprio sangue, pois que é o dinheiro senão suor e sangue do homem, cunhado em moedas com as quais se acorrenta o próprio homem? Que é a riqueza senão o suor e o sangue do homem, armazenado por aqueles que suam e sangram o mínimo, para moer as costas daqueles que suam e sangram o máximo?

Malditos! Mais uma vez malditos sejam aqueles que queimam suas mentes e seus corações e assassina seus dias e suas noites para acumular riquezas, pois não sabem o que estão acumulando!

O suor das prostitutas e dos ladrões; o suor dos tuberculosos, dos leprosos e dos paralíticos; o suor dos cegos, dos coxos e dos aleijados; o suor do arador e do seu boi, dos carneiros e do pastor, do segador e do que faz a colheita — de todos estes e de muitos mais — eis o que armazena o acumulador de riquezas!

O sangue do órfão e do velhaco; do déspota e do mártir; do perverso e do justo; do que rouba e do que é roubado; do executor e do que é executado; o sangue dos exploradores e trapaceiros e daqueles que são explorados e ludibriados — o sangue de todos estes e de muitos mais, eis o que armazenam os que acumulam riquezas!

Malditos! Sempre malditos sejam aqueles cuja riqueza e cujo capital nos negócios é o suor e o sangue dos homens!

Suor e sangue será, finalmente, o seu preço. Terrível será o preço e apavorante o ajuste de contas.

Emprestar, e emprestar a juros! Realmente é ingratidão, excessivamente descarada, para que possa desculpar.

Que tens tu para emprestar? Não é a tua própria vida um presente? Se Deus quisesse cobrar o juro pelo mais ínfimo dos presentes que te deu, onde irias buscar com que pagá-los?

Não é este mundo um tesouro comum, onde cada coisa e cada homem deposita tudo que possui para a manutenção de todos?

Por acaso a calhandra te o seu canto ou a fonte a água que dela jorra? E o carvalho empresta a sua sombra, ou a tamareira suas dulcíssimas tâmaras?

Empresta o carneiro a sua lã e a vaca o seu leite... a juros? E as nuvens, vendem-te a chuva, ou o sol o seu calor e a sua luz?

Que seria de tua vida sem estas coisas e milhares de outras? E qual dentre vós pode dizer quem depositou o máximo e quem confiou o mínimo, na tesouraria do mundo?

Podes tu, Shamadam, calculara quais foram as contribuições de Rustidion para a tesouraria da Arca? Emprestas-lhe as suas próprias contribuições — talvez uma parte ínfima das mesmas — , cobras-lhe juros escorchantes, e agora queres fazê-lo apodrecer na prisão?!

Qual o juro que exiges de Rustidion? Não vês como o teu empréstimo foi lucrativo?! Que melhor pagamento queres do que um filho morto, uma vaca morta e uma esposa paralítica?! Que melhores juros exigir do que os andrajos que lhe cobrem o corpo curvado?!

Esfrega os olhos, Shamadam. Desperta, antes que te seja exigido também que pagues as tuas dívidas com juros e, não o podendo fazer, sejas mandado apodrecer na prisão.

O mesmo digo a todos vós, companheiros. Esfregai os vossos olhos e despertai.

Dai quando puderdes e tudo que puderdes. Mas jamais emprestai, senão tudo quanto tiverdes, inclusive a vossa vida, se tornará um empréstimo, e um empréstimo vencido. Sereis considerado insolventes e lançados à prisão.

Naronda: O Mestre olhou então novamente para o documento que tinha nas mãos e o fez em pedaços que lançou ao vento. Voltando-se então para Himbal, que era o tesoureiro, disse-lhe:

MIRDAD: Dá a Rustidon o necessário para comprar duas vacas e cuidar de sua esposa e de si próprio, até o fim dos seus dias.

E tu, Rustidion, vai em paz. Tua dívida está resgatada. Toma cuidado para jamais te tornares credor, pois o débito de quem empresta é muito mais pesado do que o daquele que toma emprestado.

CAPÍTULO 17

Shamadam recorre ao suborno na sua luta contra Mirdad.

Naronda: Durante muitos dias o caso de Rustidion foi o assunto predominante na Arca. Micayon, Micaster e Zamora elogiavam o Mestre com veemência, dizendo Zamora que ele detestava até olhar ou tocar dinheiro. Bennoon e Abimar aprovaram e desaprovaram sem

entusiasmo. Quanto a Himbal, reprovava abertamente, dizendo que o mundo jamais poderia passar sem dinheiro e que a riqueza era a justa recompensa de Deus à economia e à atividade, assim como a pobreza era o evidente castigo de Deus para a indolência e o desperdício e que até o fim dos tempos haverá credores e devedores entre os homens.

Entrementes, Shamadam andava ocupadíssimo em restaurar o seu prestígio como Superior.

Chamou-me, uma vez em particular para falar-me em sua cela, onde me disse o seguinte:

— “Tu és o escriba e o historiador desta Arca e és filho de um homem pobre. Teu pai não possui terras mas tem sete filhos e a esposa, para os quais deve trabalhar e cuidar de que não passem necessidade. Nada deves registrar deste infeliz episódio, pois do contrário os que vierem depois se rirão de Shamadam. Afasta-te desse réprobo Mirdad e farei de teu pai um proprietário, enchendo-lhe os celeiros e o cofre.”

Ao que respondi dizendo que Deus cuidaria de meu pai e de sua família, muito melhor do jamais poderia Shamadam fazê-lo. Quanto a Mirdad, eu o considerava meu Mestre e libertador e preferia abandonar a vida a abandoná-lo.

E, com referência ao histórico da Arca, eu o faria fielmente — e do melhor modo que pudesse.

Mais tarde, vim a saber que Shamadam fizera a mesma oferta a cada um dos companheiros; com que resultado . . . não poderia dizer. Era de se notar, porém, que Himbal já não era tão constante no seu comparecimento ao Ninho da Águia.

CAPÍTULO 18

Mirdad adivinha a morte do pai de Himbal e as circunstâncias em que se dera.

O Mestre fala da morte.

O tempo é o maior embusteiro.

A roda do tempo, o seu aro e o seu eixo.

Naronda: Muita água já correrá pelas montanhas abaixo e fora levada para o mar, quando os companheiros, exceto Himbal, mais uma vez se reuniram em volta do Mestre, no Ninho da Águia.

O Mestre estava falando sobre a Vontade Universal. Subitamente, porém, parou e disse:

MIRDAD: Himbal está em aflição; ele nos procuraria para encontrar conforto, mas os seus pés estão muito envergonhados, para que o possam trazer aqui. Vai buscá-lo, Abimar.

Naronda: Abimar se foi e em pouco voltava com Himbal, que soluçava e tremia, tendo no rosto uma expressão de profunda infelicidade.

MIRDAD: Vem para perto de mim, Himbal.

Ah, Himbal, Himbal! Porque teu pai morreu, tu deixas a tristeza roer o teu coração e tornas o sangue em lágrimas. Que farás quando toda tua família morrer? Que farás quando todos os pais e todas as mães e todas as irmãs e irmãos deste mundo falecerem diante de ti, aos teus olhos?

Himbal: Ah, Mestre, meu faleceu de morte violenta. Um touro que tinha comprado recentemente o chifrou na

barriga e partiu-lhe o crânio anteontem. Acabo de sabê-lo por um mensageiro. Que desgraça a minha! Que desgraça a minha!

MIRDAD: E ele morreu, ao que parece, quando a fortuna deste mundo começava a lhe sorrir.

Himbal: Assim é, Mestre. É isso mesmo.

MIRDAD: E a sua sorte te causa maior sofrimento porque o touro havia sido comprado com o dinheiro que tu lhe enviaste.

Himbal: Assim é, Mestre. É isso mesmo. Ao que parece vós sabeis tudo.

MIRDAD: Dinheiro era o preço de teu amor por Mirdad.

Naronda: Himbal nada mais pôde dizer: estava afogado em lágrimas.

MIRDAD: Teu pai não está morto, Himbal! Nem estão mortas ainda a sua forma e a sua sombra. Mas estão mortos, verdadeiramente mortos, os teus sentidos para a forma e a sombra alteradas de teu pai, pois há formas tão tênues e delicadas, com sombras tão atenuadas que os olhos grosseiros do homem não as podem divisar.

A sombra de um cedro na floresta não é a mesma que a de um cedro que se tornou mastro de um navio, ou pilar de um templo, ou cadafalso de um patíbulo. Nem é a sombra daquele cedro a mesma ao sol e à luz das estrelas, ou da névoa rosada do crepúsculo.

No entanto, aquele cedro, não importa quanto haja sido transformado, vive como um cedro, embora os outros cedros da floresta já não o reconheçam mais como irmão.

Pode o bicho da seda que está sobre a folha reconhecer a irmã na crisálida que se encontra adormecida no casulo da seda? Ou pode esta reconhecer sua irmã na borboleta da seda que voa?

Pode o grão de trigo na terra reconhecer o seu parentesco com a erva do trigo que cresce sobre a terra?

Podem os vapores no ar, ou nas águas no mar reconhecer como irmãs ou irmãos os pingentes de gelo na caverna da montanha?

Pode a Terra reconhecer como irmão o meteoro que cai sobre ela das profundezas do Espaço?

Pode o carvalho ver-se a si mesmo na bolota?

Devido ao fato de teu pai estar agora em uma luz à qual os teus olhos não estão acostumados e em uma forma que não podes perceber, dizes que teu pai já não existe, mas o eu material do Homem, não importa quanto haja sido modificado e para onde tenha sido transportado, sempre projeta uma sombra até que se haja dissolvido no Eu-Divino do Homem.

Um pedaço de madeira, seja ele hoje um galho verde na árvore ou uma cavilha na parede amanhã, continua a ser madeira e a mudar de forma até que seja consumida pelo fogo que há dentro dela. Do mesmo modo o Homem continua a ser homem, quando vivo ou quando morto, até que o Deus que há nele o consuma, o que quer dizer, “até que ele compreenda a sua unidade com O Único”. Isso porém não se cumpre no ápice de tempo de um piscar de olhos que o homem gosta de chamar de uma vida inteira.

O Tempo todo é uma vida inteira.

Não há paradas e começos no Tempo. Nem há caravansarás em que os viajantes possam parar para refrescar-se e descansar.

O Tempo é uma continuidade que se sobrepõe a si mesmo. A sua popa está ligada à sua proa. Nada termina e é posto à margem no Tempo; nada começa nem termina.

O Tempo é uma roda criada pelos sentidos e pelos sentidos lançada a girar no Espaço.

Vós sentis a estonteante mudança das Estações e acreditais então, que tudo está preso nas garras da mudança. Mas vos esqueçais de que o poder que dobra e desdobra as Estações é eterno, único e sempre o mesmo.

Vós sentis as coisas crescerem e decaírem e, irreverentemente, declarais que a ruína é o fim de tudo que cresce. Mas esqueceis que o poder que faz as coisas crescerem e decaírem — esse não cresce e nem decai.

Vós sentis a velocidade de vento em relação à da brisa e dizeis que o vento é mais rápido. Mas apesar disso admitis que o que move o vento e o que move a brisa é um e o mesmo, e não corre com o vento nem vacila com a brisa.

Como sois crédulos! Como vos deixais enganar com os truques que os vossos sentidos vos aplicam! Onde está a vossa Imaginação? Somente com ela podereis ver que todas as coisas, que vos deixam atônitos, não são mais do que truques de prestidigitação.

Como pode o vento ser mais rápido do que a brisa? Não é a brisa que dá origem ao vento? Não leva o vento a brisa consigo?

Vós, andarilhos da Terra, por que medis as distâncias que caminhais em passos e em léguas? Tanto faz irdes perambulando vagorosamente como a galope — não estais sendo carregados por espaços e regiões para onde a Terra está sendo levada? Não é pois, o vosso passo igual ao

passo da Terra? Não é a Terra, por sua vez, transportada por outros corpos celestes, sendo então a sua velocidade igual a desses corpos?

Sim. A vagarosidade é a mãe da rapidez. A rapidez é a transportadora da vagarosidade. E a vagarosidade e a rapidez são inseparáveis, em qualquer ponto do Tempo e do Espaço.

Como dizeis vós que o crescimento é crescimento e a decadência é decadência e que um inimigo do outro? Já alguma coisa cresceu, sem que o haja feito à custa daquilo que decaiu? E já algo decaiu, que não fosse em benefício do que cresce?

Não cresceis vós por uma decadência contínua? E não entraís em decadência pelo contínuo crescimento?

Não são os mortos o subsolo dos vivos e os vivos o celeiro dos mortos?

Se o crescimento é filho da decadência e a decadência filha do crescimento; se a Vida é filha da Morte e a Morte filha da Vida, então na verdade ambas são uma só em todos os pontos do Tempo e do Espaço. E na verdade a vossa alegria de viver e de crescer é tão estúpida quanto a vossa dor de decair e morrer.

Como dizeis que só o Outono é a estação das uvas? Em verdade vos digo que as uvas estão maduras também no Inverno, quando não há mais do que um leve pulsar de seiva, imperceptível, mas sonhando os seus sonhos de videira; e também na Primavera, quando forma os seus cachos de esmeralda; e também no Verão, quando os cachos crescem e os bagos incham e os seus rostos se tornam corados sob o ouro do Sol.

Se cada Estação traz em si as outras três, então na verdade é, ao mesmo tempo, todas as Estações em todos os pontos do Tempo e do Espaço.

Ai! . . . que o Tempo é o maior prestidigitador e os homens os maiores papalvos.

Muito semelhante ao esquilo na sua roda é o Homem, que tendo posto a roda do Tempo a girar, fica de tal modo dominado por ela e levado pelo movimento, que já não pode crer que ele é que a faz mover, nem “acha tempo” para deter o giro do Tempo.

E tal como o gato que desgasta sua língua lambendo a pedra de amolar, na ilusão de que o sangue que está lambendo roreja da pedra, Homem lambe o seu próprio sangue, derramando na roda do Tempo e mastiga sua própria carne, dilacerada pelos raios do Tempo, na ilusão de que sejam o sangue e a carne do Tempo.

A roda do Tempo gira no vácuo do Espaço. No seu aro estão situadas todas as coisas perceptíveis pelos sentidos, que nada podem perceber, senão no Tempo e no Espaço. E assim as coisas continuam aparecendo e desaparecendo. O que desaparece para um, em certo ponto do Tempo e do Espaço, aparece para outro em outro ponto. O que pode ser dia para um é noite para outro, dependendo do “Quando” e do “Onde” do observador.

Uma só é a estrada da Vida e da Morte, ó monges, sobre o aro da roda do Tempo, pois o movimento em círculo jamais pode atingir o fim e jamais se desgasta. E todo movimento no mundo é movimento circular.

Então o Homem jamais se libertará do círculo vicioso do Tempo?

Sim, o Homem se libertará, pois ele é herdeiro da Liberdade sagrada de Deus.

A roda do tempo gira, mas o seu eixo está sempre em repouso.

Deus é o eixo da roda do Tempo. Conquanto tudo gire à volta d’Ele, no Tempo e no Espaço, Ele é sempre sem

espaço e sem tempo. Conquanto tudo seja procedente de sua Palavra, sua Palavra é tão sem tempo e sem espaço como Ele.

No eixo está a paz. No aro a agitação. Onde quereis vós estar?

Em verdade vos digo, escapai do aro do Tempo para o eixo e vos poupareis da náusea do movimento. Deixai o Tempo girar em volta de vós; porém não gireis vós com o Tempo.

CAPÍTULO 19

Lógica e fé; negação do eu e afirmação do eu.

Como fazer parar a roda do tempo.

Chorando e rindo Bannoon: Perdoai-me, Mestre, mas a vossa lógica me deixa confuso pela ilogicidade.

MIRDAD: Não me admira, Bennoon; tu foste chamado “o juiz”. Hás de insistir sobre a lógica do caso antes de o decidirdes. Tens sido juiz tanto tempo e ainda não descobriste que a única utilidade da Lógica é libertar o Homem da Lógica e levá-lo à Fé que conduz à Compreensão?!

A Lógica é a imaturidade tecendo uma teia de aranha para apanhar o mamute do conhecimento. Quando a Lógica atinge a maioridade, ela se estrangula em suas próprias redes e se transmuta na Fé, que é o conhecimento mais profundo.

A Lógica é a muleta do aleijado; mas é uma carga para o que tem os pés ligeiros, e maior carga ainda para aqueles que tem asas.

A Lógica é a Fé na segunda infância. A Fé é a Lógica que atingiu a maturidade. Quando a tua lógica atingir a

maturidade, Bennoon, como logo se dará, tu não mais falarás em Lógica.

Bennoon: Para sair do aro da roda do Tempo e passar ao eixo é necessário que neguemos a nós mesmos. Pode o homem negar a sua própria existência?

MIRDAD: Para isso, realmente, terás que negar o eu, que é um brinquete nas mãos do Tempo, e assim afirmar o Ser, que é imune às brincadeiras do Tempo.

Bennoon: Pode a negação de um ser constituir a afirmação de outro?

MIRDAD: Sim, negar o eu é afirmar o Ser. Enquanto aquele morre para mudar, este nasce para jamais mudar. A maior parte dos homens vive para morrer. Felizes são os que morrem para viver.

Bennoon: No entanto o homem ama a sua identidade. Como pode ele mergulhar em Deus e ainda estar consciente de sua própria identidade?

MIRDAD: É prejuízo para o regato perder-se no Mar e estar assim consciente de sua identidade como Mar? Para o Homem, perder a sua identidade em Deus é somente perder a sua sombra e encontrar a essência sem sombra do seu Ser.

Miscaster: Como pode o Homem, criatura do Tempo, libertar-se das muletas do Tempo?

MIRDAD: Assim como a Morte te livrará da Morte e a Vida te libertará da Vida, o Tempo te libertará do Tempo. O Homem se cansará tanto das mudanças que tudo nele ansiará e almejará apaixonadamente por aquilo que é mais poderoso do que as mudanças. E é certo que se encontrará a si mesmo.

Felizes os que almejam, pois estão já no limiar da Liberdade. É a eles que busco; é para eles que prego. Não vos busquei a vós; por que ouvi aquilo que almejáveis?

Mas desgraçados serão aqueles que se embalam nas voltas do Tempo e nelas procuram sua liberdade e paz. Tão logo sorriem para nascer e já principiam a chorar para morrer. Tão logo se enchem, são imediatamente esvaziados. Mal acabam de apanhar a pomba da paz e ela se transforma, em suas mãos, no abutre da guerra. Quanto mais pensam que sabem, menos em verdade conhecem. Quanto mais avançam, mais na verdade retrocedem. Quanto mais alto sobem, mais fundo caem.

Para estes, minhas palavras serão vagas e irritantes murmurações; serão como orações no hospício ou como tochas acesas diante dos cegos. Enquanto também eles não ansiarem pela Liberdade, não terão seus ouvidos abertos para as minhas palavras.

Himbal (chorando): Não só abristes os meus ouvidos, Mestre, mas também o meu coração. Perdoai o Himbal surdo e cego de ontem.

MIRDAD: Suprime as tuas lágrimas Himbal. Uma lágrima jamais pode tornar-se um olho que busca horizontes, além do Tempo e do Espaço.

Deixa que aqueles que se riem, quando os dedos ágeis do Tempo lhes fazem cócegas, chorem quando a sua pele for despedaçada, pelas unhas do próprio Tempo.

Deixa que aqueles que dançam e cantam à radiante Mocidade, cambaleiem e gemam às rugas da Velhice.

Deixa que os foliões dos carnavais do Tempo cubram suas cabeças com cinzas nos seus funerais.

Tu porém deves estar sempre sereno. No caleidoscópio das mudanças, procura somente o que é imutável.

Nada há no Tempo, que valha uma lágrima. Nada há que valha uma gargalhada. A face que ri e a que chora estão ambas desfiguradas e contorcidas.

Queres evitar o sal das lágrimas? Evita, então, as contorções do riso.

A lágrima, ao evaporar-se, torna-se escarninho. O riso escarninho, quando condensado, torna-se uma lágrima.

Não seja volátil para o riso, nem condensável para a tristeza . . . mas serenamente igual para ambos.

CAPÍTULO 20

Para onde iremos depois de morrermos.
Do arrependimento.

Micaster: Mestre, para onde iremos depois de morrermos?

MIRDAD: Onde estás agora, Micaster?

Micaster: no Ninho da Águia.

MIRDAD: Achas tu que este Ninho da Águia é bastante para te conter? Pensas que esta Terra é o único lar do Homem:

Os vossos corpos, conquanto circunscritos ao Tempo e ao Espaço, foram retirados de tudo que está no Tempo e no Espaço. Aquilo de vós que veio do Sol, vive no Sol. Aquilo de vós que veio da Terra, vive na Terra. E assim com todas as outras esferas e ínvias regiões espaciais entre elas.

Só o tolo pensa que a única morada do Homem é a Terra e que as miríades de corpos que flutuam no Espaço são meros ornamentos da morada do Homem e distração para os seus olhos.

A Estrela da Manhã, a Via Láctea, as Plêiades, não são menos moradas para o Homem do que esta Terra. Cada vez que elas enviam um raio para os seus olhos, e elevam até elas. Cada vez que ele passa sob elas, as atrai para si.

Todas as coisas estão incorporadas no Homem, e o Homem está, por sua vez, nelas incorporado. O Universo é um corpo único. Comunga com a menor partícula dele e estarás comungando com o todo.

E assim como morres continuamente enquanto vives, assim viverás continuamente quando estiveres morto; senão, neste corpo, em um corpo de outra forma. Mas continuarás a viver em um corpo, até te dissolveres em Deus; o que significa que terás vencido todas as mudanças.

Micaster: Voltamos à Terra enquanto viajamos de mudança em mudança?

MIRDAD: A lei do Tempo é a repetição. Aquilo que uma vez ocorre no Tempo está fadado a ocorrer de novo e tornar a ocorrer; os intervalos, no caso do Homem, podem ser longos ou breves, dependendo do desejo de cada homem e da vontade de repetir.

Quando passais deste ciclo conhecido como vida para o ciclo conhecido como morte e levais convosco uma sede que não foi satisfeita pela Terra e uma fome que não foi saciada pelas suas paixões, então o magneto da Terra vos atrairá novamente ao seu seio. E a Terra vos amamentará e o Tempo vos desmamará de vida em vida e de morte em morte, até que vos desmameis por vós mesmos, de uma vez e para sempre, de acordo com a vossa própria vontade.

Abimar: Tem a Terra poder sobre vós também, Mestre? Vós vos assemelhais a um de nós?

MIRDAD: Eu venho quando quero; e quando quero me vou. Venho para libertar os moradores da Terra, de sua ligação à Terra.

Micayon: Quero ser desligado da Terra de uma vez para sempre. Como poderei fazê-lo, Mestre?

MIRDAD: Amando a Terra e todos os seus filhos. Quando o Amor for o único saldo de tuas contas com a Terra, então a Terra te dará quitação do teu débito.

Micayon: Mas Amor é ligação e ligação é aprisionamento.

MIRDAD: Não, o Amor é a única coisa que liberta da prisão. Quando amas a tudo, a nada estás ligado.

Zamora: Pode alguém, pelo Amor, escapar à repetição das suas transgressões contra o Amor e, desse modo, fazer parar a roda do Tempo?

MIRDAD: Tu o podes conseguir pelo Arrependimento. A maldição proferida por tua língua procurará outro pouso, quando voltar para ti e encontrar a tua língua coberta de bênçãos, proveniente do Amor. Assim, o Amor evitará que aquela maldição se repita.

Um olhar lascivo procurará os olhos lascivos e, ao voltar, encontrará, transbordantes de olhares lascivos de Amor, os olhos que o haviam enviado. E assim o Amor evitará a repetição daquele olhar lascivo.

Uma intenção maldosa emitida por um coração maldoso procurará aninhar-se e, quando voltar, encontrará o mesmo coração repleto de intenções provenientes de Amor. Assim o Amor evitará que se repita aquela intenção maldosa.

Isso é Arrependimento.

O Tempo nada poderá repetir para ti senão Amor, quando o Amor se tornar o teu único saldo. Quando algo se torna a única coisa repetida em todo tempo e lugar, transforma-se em constância que enche todo Tempo e todo Espaço, e assim um e outro são aniquilados.

Himbal: Ainda há uma coisa que perturba meu coração e anuvia a minha compreensão, Mestre. Por que meu pai morreu desta morte e não de outra?

CAPÍTULO 21

A sagrada vontade total.

Porque as coisas ocorrem de certa forma, e quando isso se dá.

MIRDAD: É estranho que vós, filhos do Tempo e do Espaço, não percebeis que o Tempo é a memória universal inscrita nos tabletes do Espaço.

Se vós, limitados como sois pelos sentidos, podeis lembrar-vos de alguma coisa ocorrida entre o nascimento e a morte, quanto o poderá o Tempo, que já era antes de nascerdes e que durará infinitamente após a vossa morte?

Dir-vos-ei que o Tempo lembra-se de tudo — não só daquilo de que tendes vívidas recordações, como também do que passou inteiramente despercebido.

Isso porque não há esquecimento no Tempo; não, jamais o Tempo esquece o mais leve movimento, respiração ou capricho. E tudo o que é guardado na memória do Tempo, fica profundamente gravado sobre as coisas do Espaço.

A própria terra que pisais, o próprio ar que respirais, as próprias casas em que morais, poderiam facilmente revelar-vos os mínimos pormenores do registro de vossas vidas — passada, presente e do porvir — tivésseis vós a capacidade de ler e a perspicácia de entender o sentido.

Na vida, como na morte; na Terra ou além da Terra, jamais estareis sós, mas na constante companhia de seres e coisas que participam de vossa vida e de vossa morte, assim como vós participais da vida e da morte deles. Assim como participais deles, eles participam de vós; assim como os buscais, assim eles vos buscam.

O Homem tem sua conta com todas as coisas e estas têm sua conta com o Homem. Esse intercâmbio segue sem interrupção. A memória do Homem é um mau guarda-livros; não assim, porém, a perfeita memória do Tempo, que conserva sempre em dia as contas de sua relação com os dos seus contemporâneos e outros seres do Universo e os força a acertar suas contas num piscar de olhos, vida após vida, morte após morte.

O raio jamais feriria a cada se a casa não o atraísse. A casa é tão responsável pela sua ruína quanto o raio.

Um touro jamais chifra um homem se o homem não o convidar a chifrá-lo. E, na verdade, aquele homem deve responder mais pelo seu sangue do que o boi. O assassinado afia o punhal do assassino e ambos desferem o golpe fatal. O roubado dirige os movimentos do ladrão e ambos cometem o roubo.

Sim, o Homem convida as suas próprias calamidades e depois protesta contra os hóspedes importunos por se haver esquecido quando e como escreveu e enviou os convites. O Tempo, no entanto, jamais esquece; e o Tempo, a tempo e horas, entrega o convite no endereço certo; e o Tempo conduz cada convidado, à casa do anfitrião.

E em verdade vos digo, jamais protesteis contra um hóspede, para que ele não se vingue, demorando-se muito tempo ou tornando as suas visitas mais freqüentes do que seria normal.

Sede bondosos e hospitaleiros para com todos os vossos hóspedes, seja qual for o seu procedimento ou o seu comportamento; pois, na realidade, são somente vossos credores. Daí, aos mais importunos, ainda mais do que deveis, para que se vão gratos e satisfeitos e para que, se voltarem a visitar-vos, o façam como amigos e não como credores.

Tratai cada hóspede como hóspede de honra, a fim de que, captando-lhes a confiança, possais descobrir os motivos ocultos de sua visita.

Aceitai a desventura como se fosse ventura, pois uma desventura, uma vez compreendida, logo se transforma em ventura. Por outro lado, a ventura mal compreendida, muito em breve, se torna desventura.

Vós escolheis o vosso nascimento e a vossa morte, a hora, o local e o modo, não obstante a vossa memória

caprichosa, que não é mais do que um emaranhado de falsidades, cheia de buracos e de brechas enormes.

O pretenso sábio declara que os homens não têm qualquer influência em seu nascimento e morte. O indolente que olha de esguelha para o Tempo e o Espaço, logo afirma que a maior parte do que sucede no Tempo e no Espaço é accidental. Cuidado com os seus conceitos e as suas ilusões, meus Companheiros.

Nada existe no Tempo e no Espaço que seja accidental. Todas as coisas são ordenadas pela Vontade Total que em nada erra e nada esquece.

Assim como as gotas de chuva se reúnem nas fontes; e as fontes fluem para se transformarem em riachos, e os riachos em ribeirões; assim como os ribeirões se oferecem como afluentes dos rios maiores e estes, por sua vez, levam as suas águas ao mar, e o mar se junta ao Grande Oceano — assim cada vontade de cada criatura, inanimada ou animada, flui como tributária da Vontade Total.

Em verdade vos digo, que tudo tem vontade. Mesmo a pedra, aparentemente tão surda e muda e sem vida, não é isenta de vontade. Se assim fosse, ela em nada influiria e nada a afetaria. A sua consciência de querer e de ser poderá diferir da do homem, em grau, porém, não em substância.

De quanto, com referência à vida de um só dia, podereis afirmar que sois conscientes? De uma parte insignificante, na realidade.

Se vós, dotados de cérebro, memória e meios de registrar emoções e pensamentos, ainda sois inconscientes da maior parte da vida de um único dia, porque vos admirais de que uma pedra seja inconsciente de sua vida e sua vontade?

E assim como viveis e vos moveis, quase inconscientes de que estais vivendo e vos movendo, assim também quereis,

sem terdes consciência de que estais querendo. Mas a Vontade Total é consciente da vossa inconsciência e da de toda criatura no Universo.

Ao se redistribuir a si mesma, como sói suceder a todo instante do Tempo, e em todos os pontos do Espaço, a Vontade Total dá a cada homem e a cada coisa aquilo de que ele ou ela desejaram, nem mais nem menos, quer o tenham querido conscientemente ou não. Os homens, porém, não o sabendo, surpreendem-se freqüentemente com o que lhes toca da sacola da Vontade Total, que tudo contém. E os homens protestam, abatidos, desanimados e culpam os caprichos do Destino.

Não é o Destino, ó monges, que é caprichoso; pois Destino não é mais que outro nome da Vontade Total. É a vontade do Homem que ainda é muito caprichosa, muito instável e muito incerta no seu curso; hoje corre para o oriente e amanhã para o ocidente; aqui marca isto como sendo bom e ali decreta que é mau; agora aceita um homem como amigo e mais tarde o combate como inimigo.

Vossa vontade não deve ser caprichosa, meus Companheiros. Lembrai-vos de que todas as nossas relações com as coisas e os homens são determinadas pelo que quereis deles e pelo que eles querem de vós.

Portanto, já antes vos disse e agora torno a dizer: tomai cuidado de como respirais, de como falais, do que desejais, do que pensais e fazeis. Porque a vossa vontade está escondida em cada respiração, em cada palavra, em cada desejo, em cada pensamento e em cada ação. E o que está oculto para vós, será sempre manifesto à Vontade Total.

Não queirais obter de nenhum homem um prazer que para ele seja uma dor, pois, se o fizerdes, o vosso prazer vos doerá mais do que uma dor.

Nem queirais obter de coisa alguma um bem que para ela seja um mal, pois, se o fizerdes, estareis querendo um mal também para vós.

Mas querei de todos os homens e de todas e de todas as coisas o seu amor; pois somente com ele serão levantados vossos véus e a Compreensão nascerá em vosso coração, iniciando-se, assim, a vossa vontade, nos profundos mistérios da Vontade Total.

Enquanto não chegardes a ser conscientes de todas as coisas, não podereis ser conscientes da vontade delas em vós, nem de vossa vontade nelas.

Enquanto não fordes conscientes de vossa vontade em todas as coisas, e delas em vossa vontade, não podereis conhecer os mistérios da Vontade Total.

E enquanto não conhecerdes os mistérios da Vontade Total, não deveis estabelecer a vossa contra ela, pois certamente sereis vencidos. Saireis de cada encontro feridos e embriagados de fel; e buscareis vingar-vos, somente para acrescentardes mais ferimentos aos antigos e fazer transbordar a vossa taça de fel.

Em verdade vos digo, aceitai a Vontade Total se quereis transformar a derrota em vitória. Aceitai, sem murmurar, todas as coisas que, de sua misteriosa sacola, caírem sobre vós; aceitai com gratidão, convencidos de que são a vossa parte justa e perfeita, da Vontade Total. Aceitai-as com vontade de compreender o seu valor e o seu significado.

E quando conseguirdes compreender os caminhos ocultos de vossa própria vontade, tereis compreendido a Vontade Total.

Aceitai o que não sabeis e talvez isso vos permita vir a saber. Voltai-vos contra o que ignorais e continuareis a ter ante vós um enigma irritante.

Deixai que a vossa vontade seja serva da Vontade Total até que a Compreensão torne a Vontade Total serva da vossa vontade.

Assim ensinei eu a Noé.
Assim eu agora vos ensino.

CAPÍTULO 22

Mirdad alivia Zamora de seu segredo e fala do homem e da mulher, do casamento e do celibato daquele que se libertou.

MIRDAD: Naronda, minha fiel memória! Que te dizem estes lírios?

Naronda: Nada que eu possa ouvir, meu Mestre.

MIRDAD: Eu os ouço dizer: “Amamos Naronda e com satisfação lhe oferecemos nossas fragrantes almas como prova de nosso amor.” Que te dizem as águas deste tanque?

Naronda: Nada que eu possa ouvir, meu Mestre.

MIRDAD: Eu as ouço dizer: “Amamos Naronda, por isso saciamos-lhe a sede e a sede dos seus amados lírios.” Naronda, meu olho vigilante! Que te diz este dia, com todas as coisas que ele, carinhosamente, embala em seus braços ensolarados?

Naronda: Nada que eu possa ouvir, meu Mestre.

MIRDAD: Eu o ouço dizer: “Eu amo Naronda, por isso embalo, carinhosamente, em meus braços ensolarados, juntamente com o resto de minha amada família.”

Com todas estas coisas para amar e ser por elas amado, não tem Naronda a vida bastante cheia, sem lugar para que sonhos vãos e pensamentos fúteis nela façam ninho e se ponham a chocar?

Em verdade vos digo, que o Homem é o bem amado do Universo. Todas as coisas se alegram em mimá-lo.

Mas raro são os homens que não ficam enfatuados com esses mimos e mais raros ainda aqueles que não mordem a mão que os acaricia.

Para quem não é enfatuado, até a picada da serpente é um beijo de amor. Mas para o enfatuado, até um beijo de amor é picada de serpente. Não é assim, Zamora?

Naronda: Assim ia o Mestre dizendo, enquanto ele, Zamora e eu, numa tarde ensolarada, regávamos alguns canteiros de flores no jardim da Arca. Zamora, que durante o tempo todo se conservava distraído, abatido e deprimido, foi tomado de improviso pela pergunta do Mestre.

Zamora: O que o Mestre diz é verdade e isso deve ser verdadeiro.

MIRDAD: Não é verdade no teu caso, Zamora? Não foste tu envenenado por muitos beijos de amor? Não estás agora torturado pela recordação do teu beijo envenenado?

Zamora (atirando-se aos pés do Mestre, enquanto as lágrimas lhe brotavam dos olhos): Oh, Mestre! Que vã infantilidade a minha, ou de qualquer homem, em tentar

esconder dos vossos olhos, mesmo nas profundezas do coração, um segredo!

MIRDAD (enquanto fazia Zamora levantar-se): Como é infantil e vão tentar escondê-lo até mesmo destes lírios!

Zamora: Sei que meu coração ainda não é puro, porque os sonhos que tive esta noite foram impuros.

Hoje vou esvaziar meu coração. Vou pô-lo nu diante de vós, meu Mestre; diante de Naronda; diante destes lírios e das minhocas que rastejam pelas suas raízes. Preciso depor a carga de um segredo que me pesa na alma. Que esta brisa a carregue para todas as criaturas deste mundo.

Na minha mocidade amei uma jovem. Era mais linda que a estrela da manhã. Seu nome era mais doce à minha língua do que o sono às minhas pálpebras. Quando nos falastes da oração e da corrente sangüínea eu fui o primeiro a beber a substância curativa de vossas palavras, pois o amor de Hoglah — era esse o seu nome — dirigia o meu sangue, e bem sei o que pode fazer uma sangue assim dirigido.

Com o amor de Hoglah a eternidade era minha. Eu a usava como um anel de casamento. E a própria Morte eu vestia como se fosse uma cota de malha. Eu me sentia mais idoso do que todos os ontens e mais jovem do que o último amanhã que estiver para nascer. Meus braços sustentavam os céus e meus pés impeliam a terra. No meu coração brilhavam inúmeros sóis . . .

Mas Hoglah morreu, e Zamora, a fênix flamejante, transformou-se em um monte de cinzas frias e sem vida, das quais nenhuma fênix renasceu. Zamora, o leão destemido, tornou-se um coelho assustadiço. Zamora, a

coluna do céu, tornou-se as miseráveis ruínas de um naufrágio, encalhadas em uma lagoa de águas pútridas.

Procurei salvar o que pude de Zamora e parti para esta Arca, esperando enterrar-me vivo nas suas recordações e sombras diluvianas. Tive a sorte de chegar aqui, exatamente, quando um companheiro havia partido deste mundo e fui admitido.

Durante quinze anos, os companheiros desta Arca viram e ouviram Zamora, mas dos segredos de Zamora, jamais souberam ou ouviram. Pode ser que as velhas paredes e os sombrios corredores da Arca não o ignorem. Pode ser que as árvores, as flores e os pássaros deste jardim, dele saibam algo. Mas, certamente, as cordas da minha harpa vos poderão contar muito mais, ó Mestre, a respeito da minha Hoglah, do que eu próprio.

Exatamente quando as vossas palavras principiam a aquecer e agitar as cinzas de Zamora e percebo o nascimento de um novo Zamora, Hoglah visita-me em sonhos, faz-me ferver o sangue e atira-me aos sombrios despenhadeiros da realidade atual — uma tocha queimada, um êxtase nascido morto, um monte de cinzas frias.

Ah! Hoglah, Hoglah!

Perdoa-me, Mestre. Não posso reter as lágrimas. Que mais pode a carne ser, senão carne? Tende piedade da minha carne. Tende piedade de Zamora.

MIRDAD: A própria piedade necessita de piedade. Mirdad não a tem. Mas Amor, Mirdad tem em abundância, por todas as coisas, mesmo pela carne; e ainda mais pelo Espírito, que toma a forma grosseira da carne unicamente para nela suprir a sua própria falta de forma. E o amor de Mirdad levantará Zamora de suas cinzas e fará dele “o que se libertou”. “O que se libertou” — eis o que eu prego —

o Homem unificado e mestre de si mesmo. O homem, que está aprisionado ao amor da mulher, e a mulher, que está aprisionada ao amor do homem, são ambos incapazes de obter a preciosa coroa da Liberdade. Mas o homem e a mulher tornados um só pelo Amor, inseparáveis e indistinguíveis, estão realmente qualificados para o prêmio.

Não é Amor o amor que subjuga o amante.

Não é Amor o amor que se alimenta de carne e sangue.

Não é Amor o amor que atrai a mulher para o homem, somente para porem no mundo mais homens e mais mulheres e, assim, perpetuarem a sua escravidão.

Eu prego “O que se libertou” — o Homem-Fênix, que é demasiado livre para ser um macho e muito sublimado para ser uma fêmea.

Assim como nas esferas mais densas da Vida, o macho e a fêmea são um, assim são eles um nas esferas menos densas da Vida. O intervalo entre as duas não é mais do que um segmento na eternidade, dominado pela ilusão da Dualidade. Aqueles que não podem ver, nem para diante nem para trás, julgam que este segmento da eternidade é a própria Eternidade. Agarram-se à ilusão da Dualidade, como se fosse esta o núcleo e a essência da própria Vida, ignorando que a regra da Vida é a Unicidade.

A Dualidade é uma etapa no Tempo. Como procede da Unidade, à Unidade se dirige. Quanto mais rapidamente atravessardes esta etapa, mais cedo abraçareis a vossa liberdade.

E que são o homem e a mulher senão o Homem Uno, inconsciente de sua unidade, dividido em dois para sorver o fel da Dualidade, para que almeje o néctar da Unidade e para que , almejando-o, procure com ânsia e, procurando-

o, o encontre e o possua, consciente de que ele ultrapassa a liberdade?

Deixai que cavalo relinche para a égua e a gazela chame pelo cervo. A própria Natureza os estimula a isso e os abençoa e aprova, pois não são conscientes de nenhum destino superior, além do da auto-reprodução.

Deixai o homem e a mulher que ainda não estão muito longe do cavalo e da égua, do cervo e da gazela, buscarem-se mutuamente nas trevas da separação da carne. Deixai-os misturar a licenciosidade da alcova, com a licença do nó matrimonial. Deixai-os alegrarem-se com a fertilidade dos corpos e a fecundidade do ventre. Deixai-os propagar a espécie. A própria Natureza será oficiante de suas núpcias e parteira; a própria Natureza preparará para eles leitos de rosas, sem esquecer-se dos espinhos.

Mas os homens e mulheres precisam realizar a sua união ainda enquanto estiverem na carne; não pela comunhão da carne, mas pela Vontade de se libertarem da carne e de todos os impedimentos que esta coloca em seu caminho para a perfeita Unidade e a Sagrada Compreensão.

Freqüentemente ouvis os homens falarem em “natureza humana”, como se esta fosse um elemento rígido, bem medido, bem definido, exaustivamente explorado e firmemente escorado, por todos os lados, por algo que eles denominam Sexo.

A natureza humana é satisfazer as paixões do sexo. Só tentar pôr um freio aos seus acessos turbulentos ou empregar meios para superar o sexo é, decididamente, ir contra a natureza humana e sofrer as conseqüências. Assim dizem os homens. Não deis ouvidos a essa tagarelice.

Muito complexo é o Homem e imponderável a sua natureza. Mui variados são os seus talentos e inexaurível a

sua energia. Cuidado com aqueles que o querem encerrar entre muros.

A carne, sem dúvida, impõe ao Homem um pesado tributo. Mas ele o paga somente durante um certo tempo. Quem dentre vós quereria ser vassalo da carne por toda a eternidade? Qual o vassalo que não sonha em sacudir dos ombros o jugo do príncipe que o oprime e, assim, libertar-se de pagar o tributo?

O Homem não nasceu para ser vassalo, nem mesmo de sua natureza humana. E o Homem está sempre almejando libertar-se de toda e qualquer vassalagem. E certamente possuirá a Liberdade.

Que são os elos do sangue para aquele que deseja libertar-se? Uma cadeia que terá de ser quebrada com uma vontade.

“O que se libertou” sente o seu sangue relacionado com todo sangue. Conseqüentemente, não está preso a nenhum. Deixai a propagação da raça para aqueles que nada almejam. Os que almejam têm outra raça para propagar: a raça dos que se libertam.

A raça dos que se libertam não descende do ventre. Ao contrário, ascende de corações celibatários cujo sangue é dirigido por uma vontade inflexível de se libertar.

Sei que vós, e muitos como nós, pelo mundo afora, têm feito votos de celibato. No entanto, longe estais de ser celibatários, como testifica o sonho de Zamora na noite passada.

Não é celibatário aquele que usa trajes eclesiásticos e que se encerra por trás de grossas paredes e reforçados portões de ferro. Muitos frades e muitas freiras são mais lascivos do que o mais lascivo dos homens e a mais lasciva das mulheres, embora possam jurar — sem mentir — que jamais hajam tido contato com outra carne. Celibatários

são aqueles cujos corações e mentes são celibatários, quer estejam encerrados em mosteiros ou vagueiam nos mercados.

Venerai, meus Companheiros, a Mulher e santificai-a. Não no papel de mãe da raça, nem como esposa ou amante, porém como gêmea do homem e sua sócia, cota por cota, na longa fadiga e sofrimento da vida dualística, pois sem ela não pode o homem atravessar o segmento da Dualidade. Somente nela ele encontrará sua unidade, e nele encontrará ela sua libertação da Dualidade. E os gêmeos serão a seu tempo reunidos em um, “O que se libertou”, que não é nem masculino nem feminino: o Homem Perfeito.

“O que se libertou”: eis o que prego; o Homem unificado e mestre de si mesmo. E cada um de vós será um “dos que se libertaram”, antes que Mirdad se retire dentre vós.

Zamora: Entristece-me o coração ouvir-vos falar em nos deixar. Se chegar o dia em que vos procurarmos e não vos acharmos, Zamora porá fim ao seu alento.

MIRDAD: Tu podes querer muitas coisas Zamora — podes querer todas as coisas. Mas há uma coisa que não podes querer: por fim à tua vontade, que é a vontade da Vida, que é a Vontade Total; pois a Vida, que é Ser, jamais pode querer o seu não-ser; nem pode o não-ser ter vontade. Não! Nem mesmo Deus pode acabar com Zamora.

Quando a eu deixar-vos, o dia certamente chegará em que me procurareis na carne e não me achareis, pois tenho trabalho a fazer em outros lugares, além do que estou fazendo nesta Terra. E em nenhum lugar deixo meu trabalho por fazer. Alegrai-vos, portanto. Mirdad não vos

deixará, enquanto não houver feito de vós os que se libertaram — homens unificados e perfeitos mestres de si mesmos.

Quando fordes mestres de vós próprios e houverdes atingido a Unidade, então encontrareis Mirdad, como um constante morador em vossos corações e o seu nome jamais se oxidará em vossa memória.

Assim ensinei eu a Noé.

Assim eu agora vos ensino.

CAPÍTULO 23

Mirdad cura Sim-Sim e fala acerca da velhice.

Naronda: Sim-Sim, a mais velha vaca dos estábulos da Arca, havia cinco dias que estava doente e não comia nem bebia, quando Shamadam mandou que viesse o magarefe, dizendo que seria mais prudente matar a vaca e ter lucro com a venda da carne e do couro, do que deixá-la morrer e ter um prejuízo total.

Quando o Mestre soube disso, ficou extremamente pensativo e, imediatamente, se dirigiu a toda pressa para o estábulo, indo diretamente à divisão em que estava Sim-Sim. Os Sete o acompanharam. Sim-Sim estava triste e quase imóvel, sua cabeça abaixada, os olhos semicerrados, os pêlos arrepiados e sem brilho. Só de quando em quando, movia uma orelha, para espantar alguma mosca impertinente. Seu grande úbere pendia vazio e murcho, entre suas pernas; pois à Sim-Sim, haviam sido negadas as doces preocupações da maternidade, no fim de sua longa e útil vida. Seus ossos dos quadris apareciam, sob a pele, feios e tristes, como duas lápides sepulcrais. Suas costelas e vértebras poderiam facilmente ser contadas. Sua cauda longa e fina, com um tufo de pêlos na ponta, pendia imóvel e reta.

O Mestre aproximou-se do animal doente e começou a dar leves pancadinhas na sua cabeça, entre os chifres e os olhos e debaixo do queixo. De quando em quando, passava a mão pelas costas e pelo ventre do animal, falando-lhe durante todo esse tempo, como falaria a um ente humano.

MIRDAD: Onde está o alimento para ruminantes, minha generosa Sim-Sim? Sim-Sim já deu tanto que não lhe sobrou nem um pouco de alimento para ruminar. E Sim-Sim ainda tem muito para dar. Seu leite, cor de neve, ainda hoje corre, vermelho, nas suas veias. Seus fortes novilhos estão puxando os arados em nossos campos e nos ajudando a alimentar muitas bocas famintas. Suas graciosas novilhas enchem os nossos pastos com seus bezerros. Até mesmo o seu esterco fornece à nossa mesa suculentas verduras de nossa horta e apetitosos frutos de nosso pomar.

Pelas ribanceiras ainda soa e ressoa o eco do mavioso mugido de Sim-Sim. Nossas fontes ainda refletem o seu belo e amável rosto. Nosso solo ainda guarda com ciúme os inapagáveis rastros de seus cascos.

Nosso capim sente-se alegre em alimentar Sim-Sim. Nosso sol tem prazer em acariciá-la. Nossas brisas sentem-se felizes sobre o seu pêlo macio e brilhante. Mirdad agradece a oportunidade de a conduzir pelo deserto da ancianidade e ser o seu guia para outros pastos e para a terra de outros sóis e outras brisas.

Muito tem Sim-Sim dado e muito tem tomado; muito mais ainda tem Sim-Sim para dar e para tomar.

Miscaster: Pode Sim-Sim entender as vossas palavras, para estardes a falar-lhe, como se ela tivesse entendimento humano?

MIRDAD: Não são as palavras que valem, bom Miscaster, e sim a vibração que há nas palavras. E a isso até uma fera é susceptível. Além disso, vejo uma mulher, olhando para mim, pelos olhos de Sim-Sim.

Miscaster: De que vale falar assim à velha Sim-Sim, que está terminando sua vida? Tendes esperança de frear a devastação feita pelo tempo e dilatar a vida de Sim-Sim?

MIRDAD: Terrível carga é a Velhice, tanto para o homem como para os animais. E os homens dobram o peso dessa carga pela sua cruel negligência. Para com uma criança recém-nascida se desfazem em cuidados e afeição, mas para um homem ou mulher curvados ao peso dos anos, reservam a sua indiferença, mais do que o seu cuidado; seu aborrecimento, mais do que sua simpatia. Tão impacientes são em ver um recém-nascido crescer e tornar-se adulto, como em ver uma pessoa idosa ser engolida pela cova.

Os muito jovens e os muito velhos são ambos incapazes de cuidar de si, mas a incapacidade das crianças atrai o amoroso sacrifício e auxílio de todos, enquanto que a incapacidade dos velhos só desperta o auxílio resmunguento de alguns. E, na verdade, os velhos merecem mais simpatia do que as crianças.

Quando a palavra tem que bater fortemente e por muito tempo para penetrar num ouvido, que já foi sensível e alerta ao mais leve sussurro; quando os olhos que já foram límpidos se tornam um salão de dança para as mais estranhas manchas e sombras; quando o pé, que parecia dotado de asas, se torna um bloco de chumbo e a mão, que moldava a vida, se torna um molde quebrado; quando o joelho parece não ter junta e a cabeça é um títere preso ao pescoço; quando a mó do moinho está gasta e o próprio moinho é uma tenebrosa caverna; quando o levantar-se é suar com receio de cair e o sentar-se é a dolorosa dúvida quanto ao levantar-se de novo; quando comer e beber é rezear as conseqüências de ter comido e ter beido, e

quando não comer e não beber é ser presa da odiosa Morte; sim, quando a Velhice desce sobre uma pessoa, então é chegada a hora, meus companheiros, de emprestarmos a ela, ouvidos e olhos e de dar-lhe mãos e pés e amparar com o nosso amor as forças que a abandonam, para fazê-la sentir que ela não é, de modo algum, menos amada pela Vida nos dias de sua decadência do que o foi nos dias em que era uma criança que crescia, ou um jovem a desenvolver-se.

Quatro vintenas de anos podem não ser mais do que um abrir e fechar de olhos em relação à eternidade. Mas para uma pessoa que se semeou durante quatro vintenas de anos, é muito mais do que um piscar de olhos. Ela é o alimento para todos aqueles que colhem a sua vida. E qual a vida que não é colhida por todos?

Não estais vós colhendo, neste mesmo instante, a vida de todos os homens e mulheres que já caminharam por esta Terra? Que é o vosso falar senão a colheita do falar deles? Que são os vossos pensamentos senão a recoleta dos seus pensamentos? Vossas próprias roupas e casas, vosso alimento, vossos implementos, vossas leis, vossas tradições e convenções não são elas as roupas, as casas, o alimento, os implementos, as leis, as tradições e as convenções dos que aqui estiverem e se foram embora antes?

Nenhuma coisa colheis uma vez só, mas todas elas colheis todas as vezes. Vós sois os semeadores, a colheita, os ceifeiros, o campo e a eira. Se a vossa colheita é pouca, olhai para a semente que semeastes em outros e a que permitistes que eles semeassem em vós. Olhai também para o segador com sua foice e para a eira.

Uma pessoa idosa, cuja vida vós ceifastes e pusestes nos silos, certamente merece o vosso maior cuidado. Se

amargardes com a vossa indiferença os seus anos, que ainda são ricos em coisas para serem colhidas, aquilo que já colhestes e guardastes e o que ainda possais colher, amargará em vossa boca. O mesmo se pode dizer de um animal que envelheceu.

Não é honesto aproveitar a colheita e depois amaldiçoar o semeador e o ceifeiro.

Sede honestos para com as pessoas de todas as raças e climas, meus companheiros. Elas são o alimento para a vossa jornada em direção a Deus. Sede, principalmente, bondosos para com as pessoas de idade, pois a vossa falta de bondade pode estragar o alimento e não conseguireis chegar ao término da viagem.

Sede bondosos para com os animais de toda espécie e idade. Eles são vossos auxiliares mudos, mas fiéis, no longo e árduo preparar para a jornada. Mas sede especialmente bondosos para os animais idosos, para que, devido à dureza de vossos corações, sua fidelidade não se transforme em traição e seu auxílio não passe a ser um estorvo.

É uma odiosa ingratidão deliciar-se com o leite de Sim-Sim e quando ela já não o pode mais produzir, entregar a sua garganta à faca do magarefe.

Naronda: Mal havia o Mestre acabado de pronunciar essas palavras e eis que chegaram Shamadam e o magarefe. Este foi diretamente a Sim-Sim. Mal a viu e já bradou em tom zombeteiro: “Como ousais dizer que esta vaca está doente e morrendo?! Ela está mais sadia do que eu; a diferença é que ela está fraca de fome e eu não. Dai-lhe de comer”.

E grande foi o nosso espanto quando, ao olharmos para Sim-Sim, a vimos ruminando. Até o coração de Shamadam se enterneceu e ordenou que lavassem, para

Sim-Sim, as mais deliciosas ervas. E Sim-Sim as comeu,
com satisfação.

CAPÍTULO 24

Não é correto matar para comer?

Quando Shamadam e o magarefe se haviam retirado, Micayon perguntou ao Mestre:

Micayon: Não é correto, Mestre, matar para comer?

MIRDAD: Alimentar-se da Morte é tornar-se alimento da Morte. Viver das dores alheias é tornar-se presa da dor. Assim o decretou a Vontade Total. Toma conhecimento disto e escolhe o que hás de fazer Micayon.

Micayon: Se eu pudesse escolher, escolheria viver como a fênix, do aroma das coisas, não de sua carne.

MIRDAD: Em verdade uma excelente escolha. Crê, Micayon, que dia virá em que os homens viverão do aroma das coisas, que é o seu espírito, e não de sua carne e sangue. E esse dia não está longe para aqueles que almejam.

Os que almejam sabem que a vida da carne nada mais é do que uma ponte para a Vida fora da carne.

Os que almejam sabem que os sentidos grosseiros e inadequados não são mais do que orifícios pelos quais se espia para o mundo dos sentidos, infinitamente apurados e adequados.

Os que almejam sabem que toda carne que rasguem, mais cedo ou mais tarde terão que restaurar com sua própria carne; e todo osso que triturarem terão que reconstruir com os seus próprios ossos; e cada gota de sangue que

derramem terço que repor com o seu próprio sangue, pois essa é a lei da carne.

E os que almejam se libertarão da escravidão a esta lei. Por isso, reduzem as suas necessidades corporais ao mais baixo limite, reduzindo assim, o seu débito à carne — o qual é, em verdade, um débito à Dor e à Morte.

O que almeja é inibido pela sua própria vontade e anseio; ao passo que o que não almeja espera que os outros o proíbam. Uma infinidade de coisas que são corretas para o que não almeja, são consideradas, pelo que almeja, como incorretas para ele.

Enquanto o que não almeja procura mais e mais coisas com que possa encher os seus bolsos e seu ventre, o que almeja segue o seu caminho sem ter bolso e com o ventre limpo do sangue e das convulsões de qualquer criatura.

O que aquele que não almeja ganha — ou pensa ganhar — no fim aquele que almeja ganha na leveza de espírito e na doçura da compreensão.

De dois homens que olham para um campo verdejante, um deles calcula o preço das medidas do grão, em prata e ouro; o outro bebe a linda cor verde do campo com os olhos, e confraterniza sua alma com todas as radículas das plantas e todos os pequeninos seixos existentes no mínimo torrão de terra.

Em verdade, vos digo, que este é o legítimo dono daquele campo, enquanto o outro só o possui em arrendamento.

De dois homens sentados em uma casa, um deles é o proprietário e o outro somente o hóspede. O proprietário discorre prolixamente sobre o custo do prédio e de sua manutenção, sobre o valor das cortinas e dos tapetes, da mobília e de outros utensílios. Enquanto isso, o hóspede abençoa em seu coração as mãos que lavraram as pedras, afeiçoaram e construíram a casa; as mãos que teceram os

tapetes e as cortinas; as mãos que invadiram a floresta e a transformaram em janelas, portas e mesas. E o seu espírito se exalta à Mão Criadora que causou a existência de tudo isto.

Em verdade, vos digo, que o hóspede é o habitante permanente daquela casa, enquanto o proprietário nominal é só um besta de carga que a carrega nas costas, porém, não mora nela.

De dois homens que compartilham com um bezerro o leite da mãe deste, um olha para o bezerro com o pensamento de que sua carne tenra daria um bom assado para ele e seus amigos comemorarem o seu próximo aniversário; o outro pensa no bezerro como seu irmão de leite e está repleto de amor pelo animalzinho e por sua mãe.

Em verdade, vos digo, que o segundo é realmente alimentado pela carne daquele bezerro; enquanto que o primeiro é por ela envenenado.

Sim, companheiros, há muita coisa que deveria entrar no coração, e no entanto entra no estômago.

Muita coisa entra no bolso e na dispensa, quando deveria ser fechada nos olhos e no nariz.

Muitas coisas são esmagadas pelos dentes, quando deveriam ser esmagadas pela mente.

É muito pouco aquilo de que o corpo precisa para sustentar-se. Quando menos lhe derdes, mais ele vos dará de volta. Quanto mais lhe derdes, menos ele vos dará de volta.

Em verdade vos digo que as coisas que não vão para a vossa dispensa nem para o vosso estômago, vos nutrem muito mais do que aqueles que vão para a dispensa e o estômago.

Uma vez que ainda não podeis viver somente da fragrância das coisas, tomai sem receio aquilo de que

necessitais — porém não mais do que necessitais — do generoso coração da Terra, pois a Terra é tão hospitaleira e amorosa que seu coração está sempre aberto para os seus filhos.

Como poderia ser a Terra de outro modo e onde poderia ela ir, fora de si mesma, para alimentar-se? A Terra precisa alimentar a Terra e a Terra não é uma anfitriã avarenta, pois a sua mesa está sempre posta em abundância para todos.

Da mesma maneira que a Terra vos convida a participar de sua mesa, nada retendo fora de vosso alcance, da mesma maneira deveis convidar a Terra para a vossa mesa e dizer-lhe com o maior amor e sinceridade:

— “Oh mãe inexprimível! Assim como tu expões o teu coração diante de mim, para que eu tome aquilo de que necessitar, ponho eu meu coração diante de ti, para que tomes aquilo de que necessitares.”

Se for esse o espírito que vos guia, ao comerdes do coração da Terra, então pouco importa o que comais.

E se for esse, realmente, o espírito que vos guia, então tereis sabedoria bastante e amor bastante para não privardes a Terra de nenhum de seus filhos, especialmente daqueles que vieram para sentir o prazer de viver e a dor de morrer — aqueles que acabam de chegar ao segmento da Dualidade, pois eles também têm um caminho a seguir, vagaroso e trabalhoso, para a Unidade. E a sua estrada é mais longa do que a vossa. Se os detiverdes em sua marcha, eles vos deterão em vossa caminhada.

Abimar: Já que todas as coisas vivas têm que morrer, por uma ou por outra causa, porque devo eu ter escrúpulos em ser a causa da morte de qualquer animal?

MIRDAD: Conquanto seja verdade que tudo quanto é vivo está condenado à morte, mesmo assim é maldito aquele que causa a morte de qualquer coisa viva.

Assim como tu não me encarregarias de matar Naronda, sabendo que eu o amo muito e que não há desejo de sangue em meu coração, também a Vontade Total não encarregaria um homem de matar outro homem ou animal, a não ser que o considerasse apto como instrumento de morte.

Enquanto os homens forem o que são, haverá furtos e roubos entre eles, e mentiras e guerras e assassínios e toda sorte de paixões negras e vis.

Mas desgraçados serão o gatuno e o ladrão; e desgraçado será o mentiroso e o senhor da guerra, e o assassino e todo homem que aninhar em seu coração paixões negras e vis, pois eles, estando repletos de desgraça, serão usados pela Vontade Total como mensageiros da desgraça.

Mas vós, meu Companheiros, deveis limpar os vossos corações de toda paixão negra e má, para que a Vontade Total vos ache preparados a levar ao mundo sofredor a alegre mensagem da redenção do sofrimento; a mensagem daqueles que se libertaram; a mensagem da Libertação, através do Amor e da Compreensão.

Assim ensinei a Noé.

Assim eu agora vos ensino.

CAPÍTULO 25

O dia da videira e a preparação para ele.
Mirdad desaparece na sua véspera.

Naronda: Aproximava-se o Dia da Videira e nós, da Arca, inclusive o Mestre, juntamente com esquadrões de ajudantes voluntários que vieram de fora, estávamos ocupados, dia e noite, preparando tudo para a grande festa. O Mestre trabalhava com tanto afinco e era tão pródigo de sua força, que até mesmo Shamadam comentou o fato com evidente satisfação.

As grandes adegas da Arca haviam sido varridas e caiadas, e vintenas de grandes vasilhas de barro e de barris, contendo vinho, tinham sido limpas e arrumadas para receberem o vinho novo. Muitas outras vasilhas e barris, contendo vinho da vindima do ano anterior, estavam à mostra, para que os compradores pudessem provar e examinar seu conteúdo. Era costume vender, em cada Dia da Videira, o vinho do ano anterior.

Os espaçosos pátios da Arca tinham que estar bem limpos e arrumados, e centenas de tendas e barracas ali teriam de ser armadas, para nelas se hospedarem os peregrinos e para os mercadores exporem as suas mercadorias, durante toda a semana que duravam as festividades.

O grande lagar tinha que ser posto em ordem e estar pronto para receber imensa quantidade de uvas, que eram trazidas à Arca pelos seus muitos arrendatários e fregueses, às costas de jumentos, mulas e camelos. Era necessário assar enorme quantidade de pão e de outras provisões, para vender àqueles cujas provisões se houvessem esgotado ou que viessem inteiramente sem elas.

O Dia da Videira, que a princípio era uma ocasião para ação de graças, devido ao extraordinário senso e habilidade comercial de Shamadam, havia sido prolongado para uma semana e transformado em uma espécie de feira, à qual homens e mulheres de todas as esferas da vida, de perto e de longe, acorriam, cada ano em maior número.

Príncipes e mendigos, lavradores e artesãos, gente que buscava lucro e gente que buscava prazer e outras coisas, beberrões e abstêmios totais, peregrinos religiosos e vagabundos ímpios; homens do templo e homens da taverna, acompanhados de hordas de bestas de carga — eis a multidão díspar que invade o sossegado Pico do Altar, duas vezes por ano, no Dia da Videira, no outono e no Dia da Arca, na primavera.

Nenhum peregrino chega à Arca, em qualquer dessas ocasiões, de mãos vazias; todos trazem presentes de uma ou outra espécie, variando as prendas de um cacho de uvas ou uma pinha, até um colar de pérolas ou de diamantes. Isso além da taxa de dez por cento, que é cobrada de todos os mercadores.

É costume, no dia em que se iniciam as festas, sentar-se o Superior em uma plataforma alta, posta debaixo de um grande caramanchão adornado com inúmeros cachos de uva, e abençoar a multidão, abençoar e receber os presentes e depois beber com ela a primeira caneca da nova vindima. Ele costuma encher para si um copo, despejando o vinho de uma cabaça de pescoço longo, e depois entregar a cabaça a um dos Companheiros para passá-la à multidão, enchendo-a cada vez que se esvazia. Depois que todos enchem seus copos, o Superior pedelhes que os levantem bem alto e cantem com ele o Hino à Vide Sagrada, que se diz ter sido cantado pelo pai Noé e

sua família quando pela primeira vez provaram a seiva da Vide. Tendo cantado o hino, a multidão esvazia as suas taças com gritos de alegria e se dispersa para se dedicar a seus vários negócios e prazeres.

É este o Hino à Vide Sagrada:

Salve a Vide Sagrada!
Maravilhoso sarmento
que alimenta o seu rebento
e enche a fruta doirada
com esta bebida apreciada.
Salve a Vide Sagrada!

Estes órfãos do Dilúvio
do sangue desta ramada,
vem abençoar o eflúvio
da parreira abençoada.
Salve a Vide Sagrada!

Vós no barro aprisionados,
Romeiros extraviados:
O Resgate e o Caminho
estão na divina Vide.
A Vide, a Vide, a Vide!

Na manhã do dia anterior à abertura das festividades não foi possível encontrar o Mestre. Os Sete estavam inenarravelmente alarmados e, imediatamente, se organizou uma busca rigorosa. Durante o dia todo e à noite, com tochas e lanternas, o procuraram, na Arca e nas vizinhanças, porém, nem indícios do Mestre foi possível encontrar. Shamadam se mostrava tão interessado e tão preocupado, que ninguém suspeitou de que estivesse

envolvido no misterioso desaparecimento. Todos, porém, estavam convencidos de que o Mestre havia sido vítima de uma perversa cilada.

As grandes festividades prosseguiram, porém, os Sete estavam mudos e se moviam para cá e para lá como sombras. A multidão havia cantado o hino e bebido o vinho e o Superior havia descido da plataforma, quando se ouviu uma voz que se elevava acima da confusão e do ruído, feito pela massa do povo:

“Queremos ver Mirdad! Queremos ver Mirdad!”

Reconhecemos que a voz era de Rustidion, que havia espalhado, por léguas ao redor, tudo quanto o Mestre havia feito por ele. Dentro em pouco, o seu grito principiou a ser repetido pela multidão e o clamor pelo Mestre se tornou geral e ensurdecedor, o que enchia os nossos olhos de lágrimas e fechava nossas gargantas, como num torno.

Subitamente, o tumulto amainou e um grande silêncio se espalhou sobre a multidão. E quase não podíamos crer em nossos olhos, quando vimos o Mestre, na alta plataforma, acenando para a multidão.

CAPÍTULO 26

Mirdad fala aos peregrinos acerca do dia da videira e liberta a arca de um peso morto.

MIRDAD: Cuidado, Mirdad, com a vide cuja safra ainda não foi colhida, cuja seiva ainda não foi bebida.

Mirdad está ocupado com a sua colheita. Mas os ceifeiros, ah!, estão ocupados em outras vinhas.

E Mirdad está sufocado com uma superabundância de sangue. Mas os portadores das canecas e os bebedores estão muito embriagados com outros vinhos.

Homens do arado, da enxada e do podão, eu abençôo vossos arados, vossas enxadas e vossos podões.

Que tendes arada, capinado e podado até hoje?

Tendes arado as tristes terras baldias de vossas almas, aonde vem crescendo toda espécie de mato, havendo-se tornado assim uma espessa floresta, onde terríveis feras e venenosas serpentes vivem e se multiplicam?

Tendes capinado e arrancado as nocivas raízes que se enrolam no escuro e estrangulam as vossas raízes, destruindo a vossa safra ainda em botão?

Ou tendes podado aqueles ramos de vós próprios que estão carcomidos pelos vermes ou ressecados pelo furioso ataque das parasitas?

Bem, vós tendes aprendido a arar, capinar e podar vossas vinhas da terra. Mas a vinha que não é da terra, que sois vós, essa jaz tristemente abandonada e sem ter quem dela cuide.

Como será vão o vosso trabalho, se não cuidardes dos vinhateiros antes de cuidardes da vinha!

Homens de mãos calosas, abençôo os vossos calos.

Amigos do prumo e da régua; companheiros do malho e da bigorna; artistas do escopro e do serrote, como sois hábeis e competentes em todos os vossos ofícios!

Sabeis como encontrar o nível e a profundidade das coisas. Mas a vossa própria profundidade e o vosso nível não sabeis achar.

Rapidamente, dais forma a um pedaço de ferro bruto, como o malho e a bigorna. Mas não sabeis dar forma ao homem bruto, usando o malho da Vontade e a bigorna da Compreensão. Nem aprendestes, com a bigorna, a preciosa lição de receber pancadas sem reagir e sem devolvê-las a quem as deu.

Sois hábeis com o escopro e o serrote, tanto na pedra como na madeira. Mas o homem grosseiro e cheio de imperfeições, vós não sabeis tornar suave e macio.

Como são inúteis as vossas artes se não as aplicardes primeiramente aos artistas!

Homens, que para obter lucro negociais com as dádivas da vossa Terra-Mãe e os produtos das mãos de vossos semelhantes!

Abençô as necessidades, as dádivas e os produtos, e também abençô os negócios. Mas o lucro em si, que na verdade é uma perda, não encontra bênção em minha boca.

Quando, na funesta calada da noite, fazeis o balanço das atividades do dia, que é que lançais como lucro, e que é que lançais como perda? Lançais como lucro o dinheiro ganho acima e além do custo? Então, em verdade, foi inútil o dia que vendestes por uma soma de dinheiro, não importa fosse ela grande. E foi perdida para vós toda a infinita riqueza desse dia em harmonia, paz e luz. Perdidos também os seus incessantes chamados à Liberdade; e perdidos também os corações dos homens que ele vos

ofereceu como presentes, postos sobre as palmas de suas mãos.

Quando o vosso maior interesse é a bolsa dos homens, como podeis encontrar o caminho para os seus corações? E se não encontrardes o caminho para o coração dos homens, como podereis atingir o coração de Deus? E se não atingirdes o coração de Deus, que vida tereis?

E se o que considerais lucro, na realidade é perda, que imensa perda é essa!

Em verdade serão vãos todos os vossos negócios, se os lucros não forem computados em Amor e Compreensão.

Homens do cetro e da coroa!

É uma serpente o cetro na mão daquele que é muito rápido no ferir e vagaroso no aplicar os unguentos curativos; enquanto que, na mão que propicia o bálsamo do Amor, o cetro é um pára-raios que impede o infortúnio e a condenação.

Examinai bem as vossas mãos.

Uma coroa de ouro, cravejada de brilhantes, rubis e safiras é muito pesada, triste e desajeitada numa cabeça estufada de vanglória, ignorância e cobiça de poder sobre os homens. Sim, tal coroa sobre esse pedestal não passa de um cáustico escárnio do seu próprio pedestal. No entanto, uma coroa, das mais ricas pedras preciosas, se envergonharia do seu pouco valor, para se apoiar sobre a cabeça ornada pela aura da Compreensão e da vitória sobre si mesmo.

Examinai bem as vossas cabeças.

Quereis governar os homens? Aprendei primeiro a governar-se a vós mesmos.

Como podereis governar bem, senão sendo bem auto-governados? Pode uma onda bravia, espumante e impelida pelo vento, trazer paz e serenidade ao Mar?

Podem uns olhos lacrimejantes projetar um abençoado sorriso em um coração que chora? Pode a mão trêmula de medo ou de ódio conservar um navio na sua rota?

Os governantes de homens são governados por homens. E os homens estão cheios de tumultos, desordem e confusão. Tal qual o mar, estão expostos a todos os ventos da atmosfera. Tal qual o mar, têm seus fluxos e refluxos de maré, parecendo, às vezes, que vão devastar a praia. Tal qual o mar, porém, as suas profundezas são calmas e imunes às ventanias que lhes encapelam a superfície.

Se quereis realmente governar os homens, penetrai no abismo do seu íntimo, pois os homens são mais do que ondas espumejantes. Para penetrardes nas profundezas dos homens é preciso que tenhais penetrado em vossas próprias profundezas. E para isto precisais abandonar o cetro e a coroa, para que as mãos estejam livres para sentir e a cabeça desembaraçada para pensar e refletir.

Vão é o vosso governo, fora da lei estarão todas as vossas leis e confusão será a vossa ordem, se não aprenderdes a governar o homem rebelde, que há em vós, cuja diversão predileta é brincar com cetros e coroas.

Homens do turíbulo e do Livro! Que é que queimais no incensório? Que ledes vós no Livro?

Queimais a seiva amarela e aromática que flui de certas plantas e endurece ao ar? Mas isso é comprado e vendido nos mercados públicos, e o que se compra por algumas moedas basta para importunar bastante qualquer deus.

Pensais que o aroma do incenso pode abafar a fedentina do ódio, da inveja e da ambição; dos olhos trapaceiros, das línguas que prevaricam, das mãos lascivas; da descrença que se apresenta como fé, da sordidez terrena que toca trombeta, dizendo-se um abençoado paraíso?!

Mais agradável às narinas de vosso Deus seria o cheiro de todas estas coisas, se morressem por recusardes alimentá-las e as cremásseis, uma a uma, em vossos corações, espalhando as cinzas aos quatro Ventos do céu.

Que é que queimais no turíbulo? Propiciações, louvores e súplicas?

Um deus iracundo merece ser abandonado à sua ira, para que rebente. Um deus que tem sede de louvores, merece ser abandonado para que morra de sua própria sede. Um deus de coração dura deve morrer da dureza de seu coração.

Mas Deus não é iracundo, nem tem sede de louvores, nem é duro de coração. Vós é que sois iracundos, sedentos de louvores e duros de coração.

Nem quer que lhe queimeis incenso, mas que queimeis a vossa ira e o vosso orgulho e a dureza de vosso coração, para que possais ser como Ele: livre e onipotente. Ele quer que vossos corações sejam os incensórios.

Que ledes vós no Livro?

Ledes os mandamentos para serem inscritos a ouro nas paredes e cúpulas dos templos? Ou para serem inscritos, como verdades vivas, nos corações?

Ledes as doutrinas para serem ensinadas dos púlpitos e zelosamente defendidas com lógica, artifícios de linguagem e, se necessário for, com dinheiro e o gume das espadas? Ou ledes a Vida, que não é uma doutrina para ser ensinada e defendida, mas um Caminho a ser trilhado com a vontade de obter a Libertação, no templo ou fora dele, de noite ou de dia, nos lugares baixos tanto quanto nos altos? E enquanto não estiverdes nesse Caminho e tiverdes certeza do seu fim, como tereis a ousadia de convidar outros a o trilharem?

Ou ledes tabelas, mapas e listas de preços no Livro, mostrando aos homens quanto de céu se pode comprar em troca de tanto ou quanto desta terra?

Trapaceiros e agentes de Sodoma! Quereis vender o Céu aos homens e tomar em pagamento o quinhão que eles possuem da Terra. Quereis fazer da Terra uma gehenna e estimulais os homens a fugir, enquanto vos agarrais a ela. Por que não os fazeis vender sua parte no Céu por uma parte na Terra?

Se houvésseis lido bem o vosso Livro, mostraríeis aos homens como fazer da Terra um céu, pois para aquele que tem um coração celeste, a Terra é um céu. E para o homem que tem um coração terreno, o Céu é uma Terra.

Tirai os véus que cobrem o Céu nos corações dos homens, removendo as obstruções que há entre eles e os seus irmãos na Terra; entre o Homem e todas as criaturas; entre o Homem e Deus. Mas para isso teríeis que possuir, vós mesmos, um coração celeste.

O Céu não é um jardim florido que se possa comprar ou alugar. Mas é um estado de ser que se atinge na Terra ou em qualquer ponto do infinito Universo. Por que curvar o pescoço e alongar a vista para o além?

Nem é o Inferno um fogo devorador, ao qual se possa escapar com muitas orações, ou queimando incenso. Mas sendo um estado do coração, exprimenta-se o Inferno tão bem aqui na Terra, como em qualquer outro ponto da imensidade infinita.

Para onde fugiríeis de um fogo, cujo combustível é o coração a não ser que fugísseis do próprio coração?

É vã a procura do Céu, e em vão se foge do Inferno enquanto o Homem está preso à sua sombra. Tanto o Céu como o Inferno são estados de ser inerentes à Dualidade. Exceto quando o Homem se torna uma só mente, um só

coração e um só corpo; exceto quando ele não tiver mais sombra e possuir uma só Vontade, terá sempre um pé no Céu e outro no Inferno. E isso é, verdadeiramente, o Inferno.

Sim, é mais do que o Inferno ter asas de luz e pés de chumbo; ser elevado pela esperança e arrastado para baixo pelo desespero; desferrar as velas pela fé impávida, e vê-las ferradas pelo pavor da dúvida.

Nenhum céu é céu que para os outros seja inferno. Nenhum inferno é inferno que para os outros seja céu. E como o inferno de alguns é freqüentemente o céu de outros, e o céu de alguns é muitas vezes o inferno de outros, então Céu e Inferno não constituem estados passageiros e contraditórios, mas sim estágios pelos quais ambos têm que passar, em sua longa peregrinação para a Liberdade.

Peregrinos da Vide Sagrada!

Mirdad não tem nenhum céu para vender ou conceder para aqueles que queiram ser virtuosos. Nenhum inferno para servir de espantinho aos que queiram ser maus.

A não ser que a vossa virtude seja o vosso próprio céu, florescerá durante um dia para depois fenecer.

A não ser que a vossa maldade seja o vosso próprio espantinho, dormirá por um dia e acordará na primeira ocasião favorável.

Mirdad não tem céus nem infernos para vos oferecer, mas vos oferece a Sagrada Compreensão que vos elevará muito acima do fogo de qualquer inferno e do esplendor de qualquer céu. Não é com as mãos, porém com o coração que tereis de receber este presente, pois para recebê-lo deve estar o coração desembaraçado de qualquer outro desejo e vontade, salvo o desejo e a vontade de compreender.

Não sois estrangeiros na Terra, nem a Terra é para vós madrasta. Sois o coração de seu coração e a espinha dorsal de sua espinha dorsal. Ela se sente satisfeita em sustentá-vos sobre o seu forte e longo dorso. Por que insistis em sustentá-la sobre os vossos fracos peitos, gemendo, arfando e sentindo que vos falta o ar?

Os úberes da Terra estão manando leite e mel. Por que deixais que ambos se azedem com a vossa cobiça, tomando mais do que necessitais?

Serena e sossegada é a face da Terra. Por que a agitais e a encrespais com a amargura da luta e do medo?

A Terra é uma perfeita unidade. Por que insistis em desmembrá-la com espadas e fronteiras?

Obediente e despreocupada é a Terra. Por que sois vós insubordinados e cheios de preocupações?

No entanto, vós sois mais duradouros do que a Terra, o Sol e todas as esferas dos céus. Tudo isso passará, porém, vós não passareis. Por que haveis de tremer como folhas ao vento?

Se nada mais vos pode fazer sentir a vossa unidade com o Universo, a Terra poderá fazê-lo. No entanto, a Terra é somente um espelho no qual vossas sombras se refletem. É o espelho mais do que o que ele reflete? É a sombra produzida por um homem mais do que o homem?

Esfregai vossos olhos e despertai. Vós mais do que a terra. Vosso destino é mais do que viver e morrer e fornecer alimento abundante para as sempre famintas goelas da Morte. Vosso destino é vir a ser livre do viver e do morrer, do Céu e do Inferno e de todos os opostos inerentes à Dualidade. Vosso destino é serdes videiras frutíferas, nas eternas e frutíferas vinhas de Deus.

Como o ramo vivo de uma videira viva, ao ser enterrado na terra, desenvolve raízes e afinal de torna uma vida

independente que produz uvas como a sua mãe, à qual continua ligada, assim será o Homem o ramo vivo da Divina Videira, quando for enterrado no solo de sua divindade, tornando-se eternamente uno com Deus.

Deve o Homem ser enterrado vivo a fim de despertar para a Vida?

Sim, sem dúvida sim. Se não morrerdes para a dualidade da vida e da morte não podereis despertar para a unidade do Ser.

Se não fordes alimentados com as uvas do Amor, não sereis saciados com o vinho da Compreensão.

E se não vos embriagardes com o vinho da Compreensão não vos tornareis sóbrios com o beijo da Liberdade.

Não é Amor que comeis, quando comeis o fruto da videira terrestre. Comeis uma fome maior para aplacar uma fome menor.

Não é Compreensão que bebeis, quando bebeis o sangue da videira terrestre. Bebeis um curto esquecimento da dor, o qual logo cessa e a dor se torna duas vezes mais aguda. Fugis de uma personalidade aborrecida, somente para tornar a encontrá-la ao virar a esquina.

As uvas que Mirdad vos oferece, não estão sujeitas ao mofo e à podridão. Uma vez saciados com elas, estareis saciados para sempre. O vinho que delas ele destilou para vós, é demasiado forte para os lábios que temem ser queimados, mas estimulante para os corações que querem embriagar-se, com o esquecimento do eu na eternidade.

Há entre vós alguém que esteja faminto por minhas uvas? Que venha para a frente com a sua cesta.

Há alguém que tenha sede do meu sangue? Que traga o seu copo.

Mirdad está curvado ao peso de sua safra e afogando-se com a abundância da seiva.

O Dia da Vide Sagrada era um dia de esquecimento de si mesmo. Um dia embriagado de Amor e banhado na luz da Compreensão. Um dia de êxtase no compasso rítmico das asas da Liberdade. Um dia de eliminação das barreiras e de cada um mergulhar no todo e todos em um. Em que se tornou ele hoje?

Tornou-se num dia de mórbida auto-afirmação; um dia em que a ambição sórdida negocia com a ambição sórdida; em que a escravidão se diverte com a escravidão, e a ignorância corrompe a ignorância.

A própria Arca, que era antigamente uma destilaria da Fé, do Amor e da Liberdade, tornou-se agora um gigantesco lagar onde se espremem uvas e um monstruoso mercado. Ela recebe o produto de vossas vinhas e vo-lo torna a vender sob a forma de vinho estupefaciente. Do trabalho de vossas mãos, ela forja as algemas para os vossos pulsos. O suor de vossa testa, ela transforma em brasas, para marcar a fogo as vossas testas.

Para longe, para muito longe da rota que lhe havia sido delineada, desviou-se a Arca. Mas agora o seu leme está no ângulo certo. Precisava ser liberada de todo peso morto para que pudesse retomar a sua rota, com facilidade e segurança.

Em vista disso, todos os presentes serão devolvidos aos seus doadores e todos os débitos de seus devedores serão cancelados. A Arca nada recebe senão de Deus, e Deus não quer que ninguém deva, num mesmo a Ele.

Assim ensinei eu a Noé.

Assim eu agora vos ensino.

CAPÍTULO 27

A verdade deve ser pregada a todos ou somente a uns poucos escolhidos?

Mirdad revela o segredo do seu desaparecimento na véspera do dia da videira e fala da falsa autoridade.

Naronda: Muito tempo após a festa, quando dela só restava a memória na mente dos Sete, achavam-se estes reunidos em volta do Mestre, no Ninho da Águia. O Mestre estava em silêncio e os companheiros relembavam os memoráveis acontecimentos daquele dia. Alguns se maravilhavam da explosão de entusiasmo com que a multidão recebeu as palavras do Mestre. Outros comentavam o comportamento estranho e incompreensível de Shamadam, no momento em que centenas de documentos de dívidas, não resgatados, foram retirados da tesouraria da Arca e publicamente destruídos, bem como centenas de bilhas e barris de vinho, retirados das adegas e dados de graça e muitos presentes valiosos devolvidos a seus doadores; pois ele não se opôs, de modo algum, como nós esperávamos que fizesse, mas observava tudo aquilo imóvel e em silêncio, enquanto as lágrimas lhe corriam pela face.

Bennoon observou que embora a multidão o aclamasse até ficar rouca, não era devido às palavras do Mestre, mas devido aos débitos cancelados e aos presentes devolvidos. E chegou mesmo a, suavemente, censurar o Mestre, por desperdiçar o seu fôlego, com aquela multidão que nenhum prazer mais elevado buscava, senão o de comer, beber e alegrar-se. A Verdade, disse, não deveria ser pregada indiscriminadamente a todos, mas a uns poucos escolhidos.

Então falou o Mestre e disse:

MIRDAD: Vosso fôlego solto ao vento, certamente encontrará asilo em algum coração. Não procureis saber a quem pertence o coração. Cuidai apenas de que o alento seja puro.

Vossa palavra procurará e encontrará certamente algum ouvido. Não pergunteis de quem é o ouvido. Cuidai somente de que a palavra seja uma mensageira legítima da Liberdade.

Vosso pensamento silencioso certamente moverá alguma língua a falar. Não pergunteis de quem é a língua. Verificai somente se o pensamento está cheio de amorosa Compreensão.

Não penseis que algum esforço possa ser desperdiçado. Algumas sementes ficam enterradas por muitos anos, mas rapidamente brotam quando estimuladas pelo alento da primeira estação favorável.

A semente da Verdade está em todos os homens e em todas as coisas. A vossa tarefa não é semear a Verdade, mas preparar a estação favorável para que a semente possa brotar.

Todas as coisas são possíveis na eternidade. Não vos iludais, portanto, da libertação de quem quer que seja, mas pregai a mensagem da Liberdade a todos com a mesma fé e zelo — ao que não anseia e ao que anseia por ela, pois aquele que não anseia, certamente virá a ansiar e os que agora não têm asa, um dia estenderão as suas ao Sol e voarão aos inacessíveis páramos.

Micaster: Põe-nos tristes o fato de que até hoje, muito embora repetidas vezes lhe tenhamos perguntado, o Mestre ainda não nos haja revelado o segredo de seu

misterioso desaparecimento na véspera do Dia da Vide. Não seremos merecedores da sua confiança?

MIRDAD: Quem quer que mereça o meu amor, certamente merece a minha confiança. É a confiança mais do que o Amor, Micaster? Não vos estou dando, incessantemente, do meu coração?

Se não vos falei dessa circunstância desagradável, foi porque estava dando a Shamadam tempo para que se arrependesse. Foi ele que, com auxílio de dois estranhos, me levou à força para fora deste Ninho da Águia e me atirou no Abismo Negro. Infeliz Shamadam! Jamais poderia sonhar que o Abismo Negro receberia Mirdad com mãos de seda e lhe forneceria escadas mágicas para que ele voltasse ao pico.

Naronda: Ao ouvirmos isso, todos nós levamos um choque e ficamos estarecidos. Ninguém ousava perguntar ao Mestre como havia saído incólume daquilo que a todos parecia uma perdição certa. Ficamos em silêncio por algum tempo.

Himbal: Por que Shamadam persegue nosso Mestre, enquanto o nosso Mestre ama Shamadam?

MIRDAD: Não é a mim que Shamadam persegue. Shamadam persegue Shamadam.

Dai aos cegos uma semelhança de autoridade e eles arrancarão os olhos de todos os que vêem, até mesmo os olhos daqueles que trabalham duramente para fazer com que eles vejam.

Dai ao escravo, durante um só dia, o poder de fazer a sua vontade e ele transformará o mundo em um mundo de

escravos. Os primeiros a quem ele flagelará e algemará serão aqueles que trabalharam intensamente para libertá-lo.

Toda e qualquer autoridade deste mundo é falsa. Por isso ela tine as esporas e brande a espada e cavalga seus corcéis, com espalhafatosa pompa e cerimônias reluzentes, para que ninguém possa perceber a falsidade que há em seu coração. O seu trono cambaleante está apoiado em canhões e lanças. A sua alma, repleta de vaidade está enfeitada com amuletos que inspiram medo e emblemas de necromancia, para que os olhos curiosos não descubram a sua miséria.

Essa autoridade, além de ser cega, é maldição para o homem que anseia por exercê-la, pois tenta manter-se a todo custo, mesmo ao pavoroso custo de destruir o próprio homem, aqueles que aceitam sua autoridade e os que a ela se opõem.

Devido à sua cobiça pela autoridade, estão os homens em constante inquietação. Os que exercem autoridade estão constantemente lutando para mantê-la. Os que não a têm não cessam de lutar para subtraí-la das mãos dos que a exercem. Entrementes, o Homem, o Deus enfaixado, é pisoteado pelos pés e pelos cascos dos cavalos e abandonado no campo de batalha, esquecido, sem socorro e sem ter quem dele se apiede.

Tão renhida é a luta e tão enlouquecidos pelos sangue são os que lutam, que ninguém pára, a fim de levantar a máscara da noiva espúria e expor à vista de todos o seu horroroso semblante.

Acreditai, ó monges, que nenhuma autoridade vale um piscar de olhos a não ser a da Sagrada Compreensão, que não tem preço. Para alcançá-la, nenhum sacrifício é excessivo. Uma vez conseguida, permanecerá até o fim

dos Tempos. E dará às vossas palavras maior poder do que aquele de que possam desfrutar todos os exércitos do mundo e abençoará vossas ações com maiores benefícios do que todas as autoridades, em conjunto, poderiam sonhar em trazer ao mundo.

Isso porque a Compreensão é o seu próprio escudo; sua poderosa arma é o Amor. Não persegue nem tiraniza, mas cai como o orvalho, suavemente sobre os áridos corações humanos, tanto para aqueles que rejeitam as suas bênçãos, como para aqueles que com ela se saciam; pois, conscientes de sua força interna, jamais recorre à força externa e não sendo presa do medo, não usa da intimidação como arma, com que tente impor-se a qualquer ente humano.

O mundo é pobre, paupérrimo, de Compreensão. E por isso, tenta esconder a sua pobreza com o véu da falsa autoridade. E a falsa autoridade faz aliança defensiva e ofensiva com o falso poder, pondo-se ambos a comandar o Medo. E o Medo os destrói a ambos.

Não tem havido sempre o costume dos fracos aliarem-se para proteger a sua fraqueza? Assim as autoridades deste mundo e a força gruta trabalham de mãos dadas, sob o chicote do Medo, pagando diariamente, seu imposto à Ignorância, em guerras, em sangue e em lágrimas. E a Ignorância, com um sorriso benigno nos lábios, olha para tudo isso e diz: “Muito bem!”

“Muito bem!”, disse Shamadam a Shamadam ao atirar Mirdad ao Abismo. Mas sabia Shamadam, porém, que tendo-me atirado ao Abismo, havia atirado a si mesmo, e não a mim. Isso porque o Abismo não pode reter Mirdad; enquanto Shamadam tem que lutar com todas as forças e por muito tempo, a fim de subir pelas suas encostas escuras e escorregadias.

A autoridade deste mundo é como que um chocalho. Deixai os que ainda são bebês na Compreensão, que se divirtam com ela. Mas vós não precisais vos impor a homem algum. Aquilo que é imposto pela força, mais cedo ou mais tarde será deposto pela força.

Não busqueis autoridade sobre a vida dos homens: sobre ela, só a Vontade Total é senhora. Nem busqueis autoridade sobre os bens dos homens, pois os homens estão acorrentados a seus bens, tanto como às suas vidas; por isso desconfiam daqueles que interferem em suas correntes e os odeiam. Procurai, porém, um caminho para o coração dos homens por intermédio do Amor e da Compreensão; e uma vez ali instalados, melhor podereis trabalhar para libertá-los de suas correntes.

Assim, o Amor guiará vossas mãos, enquanto a Compreensão segura a lanterna.

CAPÍTULO 28

O príncipe de Bethar aparece com Shamadam no Ninho da Águia.

O colóquio entre o príncipe e Mirdad acerca de guerra e paz.

Mirdad é aprisionado por Shamadam.

Naronda: Logo que o Mestre acabara de proferir aquelas palavras, e enquanto principiávamos a meditar sobre elas, ouvimos pesados passos fora do Ninho da Águia, acompanhados de palavras abafadas. Subitamente, dois soldados gigantescos, armados até os dentes, surgiram à entrada da gruta e se puseram de guarda, um de cada lado, com as espadas desembainhadas reluzindo ao sol. A seguir chegou um jovem príncipe, em uniforme de gala, seguindo

timidamente por Shamadam, e atrás dele, mais dois soldados.

O príncipe era um dos mais poderosos e famosos potentados das Montanhas Alvas. Parou, por um momento à entrada, e observou cuidadosamente o rosto das pessoas presentes. Depois, fixando o olhar no Mestre, curvou-se e disse:

Príncipe: Salve, santo homem! Viemos prestar homenagem ao grande Mirdad, cuja fama atravessou o espaço e chegou à nossa distante capital.

MIRDAD: A fama viaja em um carro veloz no estrangeiro. Aqui ela coxeia e anda de muletas. O Superior é minha testemunha disso. Não confieis, príncipe, nos caprichos da fama.

Príncipe: No entanto, bem doces são os caprichos, e doce é para alguém ter o seu nome impresso no lábio dos homens.

MIRDAD: É como ter o nome escrito nas areias da praia, tê-lo impresso nos lábios dos homens. Os ventos e as marés o apagarão das areias. Um espirro o soprará para fora dos lábios. Se não quiserdes ser espirrado fora pelos homens, não imprimais vosso nome em seus lábios, mas gravai-o a fogo em seus corações.

Príncipe: Fechados com muitos cadeados estão os corações dos homens.

MIRDAD: Podem ser muitos os cadeados, mas a chave é uma só.

Príncipe: E tendes essa chave? Necessito muito dela.

MIRDAD: Vós também a tendes.

Príncipe: Ai de mim! Vós me avaliaís por um preço mais alto do que eu realmente valho. Há muito que procuro a chave para o coração do meu vizinho e em lugar algum a encontro. Ele é um poderoso príncipe e está inclinado a me fazer guerra. Eu sou forçado a levantar os braços contra ele, embora deseje a paz. Não vos deixeis iludir pelo meu diadema e minhas roupas cobertas de pedras preciosas, Mestre. Nelas não encontro a chave que busco.

MIRDAD: Elas escondem a chave, porém não a contêm. Embaraçam vossos passos, estorvam vossas mãos e distraem vossos olhos, tornando assim vossa busca improfícua.

Príncipe: Que quer o Mestre dizer com isso? Devo abandonar meu diadema e minhas vestes para encontrar a chave do coração de meu vizinho?

MIRDAD: Para conservar essas coisas tereis que perder o vosso vizinho. Para conservar o vizinho tereis que perdê-las. E perder o vizinho é perder a si mesmo.

Príncipe: Não compraria, por esse preço exorbitante, a amizade do meu vizinho.

MIRDAD: Não vos compraríeis por esse preço tão vil?

Príncipe: Comprar-me a mim?! Não sou prisioneiro para ter que pagar resgate. E, além disso, tenho um exército bem pago e bem armado para me proteger. Meu vizinho não pode gabar-se de ter um melhor.

MIRDAD: Ser prisioneiro de um homem ou de alguma coisa é simplesmente a prisão mais amarga que há de se atuar. Ser prisioneiro de um exército de homens e de um ror de coisas é o desterro sem resgate. Depender de algo é estar preso a isso. Dependei, pois, somente de Deus. Ser prisioneiro de Deus é, realmente, ser livre.

Príncipe: Devo, pois, deixar a mim mesmo o meu trono e os meus súditos sem proteção?

MIRDAD: Não deveis ficar desprotegido.

Príncipe: Então devo manter o meu exército?

MIRDAD: Deveis dissolver vosso exército.

Príncipe: Mas o meu vizinho imediatamente invadiria o meu reino.

MIRDAD: O vosso reino ele poderia invadir, mas a vós, nenhum homem pode engolir. Duas prisões fundidas em uma, não constituem um pequenino lar para a Liberdade. Regozijai-vos, se algum homem vos expulsar de vossa prisão; não invejeis, porém, o homem que vier fechar-se convosco, em vossa prisão.

Príncipe: Sou descendente de uma raça famosa pelo seu valor no campo de batalha. Jamais forçamos outros povos

à guerra. Quando, porém, nos forçam a ela, jamais nos esquivamos e jamais abandonamos o campo, a não ser com nossas bandeiras drapejando sobre os cadáveres do inimigo. Dais-me maus conselhos, senhor, ao dizer-me que devo deixar o meu vizinho fazer o que quiser.

MIRDAD: Não dissestes que quereis a paz?

Príncipe: Sim, quero-a.

MIRDAD: Então não luteis.

Príncipe: Mas o meu vizinho insiste em lutar contra mim, e eu preciso lutar contra ele para que possa haver paz entre nós.

MIRDAD: Quereis matar o vosso vizinho para poderdes viver em paz com ele! Que estranho espetáculo! Não há mérito em viver em paz com os mortos. É, porém, uma grande virtude viver em paz com os vivos. Se vos empenhais numa guerra contra qualquer homem vivo ou contra qualquer coisa, cujos gostos ou interesses possam, às vezes, colidir com os vossos, então deveis também empenhar-vos em uma guerra contra Deus que permite que estas coisas sejam assim. E deveis declarar guerra ao Universo, pois há nele inúmeras coisas que perturbam a vossa mente e incomodam o vosso coração e, queirais ou não queirais, se intrometem na vossa vida.

Príncipe: Que devo fazer, se desejo paz com o meu vizinho e ele quer lutar?

MIRDAD: Lutai!

Príncipe: Agora me aconselhais acertadamente.

MIRDAD: Sim, lutai! Não porém com vosso vizinho. Lutai com tudo aquilo que vos leva, a vós a vosso vizinho, à luta. Por que deseja vosso vizinho lutar convosco? Será por que tendes os olhos azuis e ele castanhos? Será por que sonhais com anjos e ele sonha com demônios? Ou será por que o amais e considerais tudo que é vosso, como sendo dele?

São as vossas vestimentas, ó príncipe, o vosso trono, vossa riqueza, vossa glória e as coisas de que sois prisioneiro, que fazem que o vosso vizinho queira lutar convosco.

Quereis vencê-lo sem levantar uma só lança contra ele? Quereis detê-lo na sua marcha contra vós? Então declarai guerra a estas coisas. Quando as tiverdes conquistado, libertando a vossa alma dessas muletas; quando as tiverdes lançado ao monte de lixo, talvez o vosso vizinho suspenda a sua marcha e embainhe a sua espada, dizendo de si para si: “Se estas coisas valessem uma guerra, meu vizinho não as teria lançado ao monturo.”

Se o vosso vizinho perseverar no seu propósito e se, na sua loucura, carregar para si o monturo, alegrai-vos por vos haverdes livrado de carga tão pestilenta e apiedai-vos da sorte do vosso vizinho.

Príncipe: Que dizeis de minha honra, que vale muito mais do que os meus bens?

MIRDAD: A única honra do homem é ser Homem — imagem e semelhança de Deus. Todas as outras honras são desonras.

Todas as honras, conferidas pelos homens, são facilmente destruídas pelos homens. Uma honra escrita pela espada é facilmente apagada pela espada. Nenhuma honra, ó príncipe, vale uma lança enferrujada, menos ainda uma lágrima que arde e ainda menos uma gota de sangue.

Príncipe: E a liberdade — minha liberdade e a de meu povo — não vale o grande sacrifício?

MIRDAD: A verdadeira Liberdade vale o sacrifício do eu. As armas do vosso vizinho na A podem defender. E o campo de batalha é, para Ela, a sepultura.

A verdadeira Liberdade é ganha ou perdida no coração. Quereis a guerra? Declarai-a dentro do vosso próprio coração. Desarmai vosso coração de toda esperança, medo e desejos vãos, que tornam o vosso mundo uma prisão sufocante e o achareis mais amplo de que o Universo: andareis por esse Universo à vossa vontade e nada será para vós empecilho.

Esta é a única batalha que vale a pena travar. Começai esta guerra e não mais tereis tempo para outras, que tornariam, para vós, bestialidade aborrecida e armadilhas diabólicas que desviariam a vossa mente e diminuiriam o vosso vigor, fazendo-vos assim, perder a grande guerra contra vós mesmo, a qual é realmente, uma guerra santa. Quem ganha essa guerra conquista a glória imorredoura. Mas a vitória, em qualquer outra guerra, é pior do que a derrota total. É esse o horror das guerras dos homens, em que tanto o vencedor como o vencido enfrentam a derrota.

Quereis a paz? Não a procureis em documentos palavrosos; não tenteis gravá-la nem mesmo nas rochas.

Isso porque a pena que rabisca “Paz”, também, com a mesma facilidade pode rabisca “Guerra”; e o escopro que

grava “Tenhamos paz”, pode facilmente gravar “Tenhamos guerra”. E, além disso, o papel e a rocha, a pena e o escopro, logo são atacados pela traça, pela podridão, pela ferrugem e por toda a alquimia que transmuta os elementos. Não é assim que sucede com o coração do Homem, que está fora do tempo, pois esse coração é o reduto da Sagrada Compreensão.

Logo que a Compreensão se revela, está alcançada a vitória, e a Paz se estabelece no coração, de uma vez para sempre. O coração compreensivo está sempre em paz, mesmo no meio de um mundo enlouquecido pela guerra.

O coração ignorante é um coração dividido em dois. O coração dividido em dois, forma um mundo dividido em dois. Um mundo, dividido em dois, cria sempre a luta e a guerra.

Por outro lado, o coração compreensivo é um coração uno. Um coração uno faz um mundo uno. E o mundo uno é um mundo de paz, pois são necessários dois para que haja uma guerra.

Eis porque vos aconselho a entrar em guerra com o vosso coração a fim de o fazerdes uno. O prêmio da vitória é a Paz eterna.

Quando puderdes ver, ó príncipe, em qualquer pedra um trono, e em qualquer caverna um castelo, então o Sol se alegrará em ser vosso trono e as constelações os vossos castelos. Quando um malmequer do campo for para vós a mais linda medalha, e um verme qualquer o vosso professor, então as estrelas se alegrarão em pousar no vosso peito e a Terra estará pronta para ser o vosso púlpito.

Quando puderdes governar o vosso coração que vos importará quem seja aquele que governa o vosso corpo? Quando o Universo todo for vosso, que vos importará

quem seja aquele que domina esta ou aquela parte da Terra?

Príncipe: Vossas palavras são sedutoras . Mas a mim me parece que a guerra é uma lei na Natureza. Não estão até os próprios peixes do mar em guerra constante? Não é o fraco presa do forte? Eu não quero ser presa de ninguém!

MIRDAD: O que vos parece guerra não é senão o modo da Natureza alimentar-se e propagar-se. O fraco é alimento do forte, tanto quanto o forte é alimento do fraco. Quem é forte e quem é fraco na Natureza?

Só a Natureza é forte; tudo o mais é fraco e obedece às leis da Natureza, navegando humildemente pelas correntezas da Morte.

Só o imortal pode ser classificado como forte. E o Homem é imortal, ó príncipe. Sim, maior do que a Natureza é o Homem. Ele como do coração de carne da Natureza para chegar ao seu coração sem carne. Ele se propaga para elevar-se acima da auto-propagação.

Deixai que os homens, que querem justificar os seus desejos impuros, pelos instintos puros dos animais, se denominem a si mesmos, ursos selvagens, ou lobos, ou chacais, ou o que quiserem, mas não permitais que achincalhem o nobre nome de Homem.

Crede em Mirdad, ó Príncipe, e ficai em paz.

Príncipe: O Superior disse-me que Mirdad é bem versado nos mistérios da magia; eu gostaria que manifestasse alguns de seus poderes para que eu pudesse crer nele.

MIRDAD: Se revelar Deus no Homem é magia, então Mirdad é mago. Quereis uma prova e uma manifestação de minha magia?

Aqui está: eu sou a prova e a manifestação. Ide avante. Fazei o trabalho que vieste executar aqui.

Príncipe: Bem, adivinhastes que eu tenho outro trabalho a fazer, que não o de me divertir com as vossas loucuras. O príncipe de Bethar é um mago de outra espécie; e agora vai fazer uma demonstração de sua arte.

O Príncipe falando a seus homens: Trazei as algemas e preendi as mãos e os pés deste Deus-Homem ou Homem-Deus. Mostraremos a ele e a seus companheiros de que espécie é a nossa magia.

Naronda: Como animais de rapina, os quatro soldados caíram sobre o Mestre e, rapidamente, principiaram a lhe algemar as mãos e os pés. Por um momento os Sete ficaram paralisados nos seus bancos, sem saber como interpretar o que se passava diante deles — se era uma farsa ou a vale. Micayon e Zamora foram os primeiros a compreender que a terrível situação era real. Saltaram sobre os soldados, como dois leões enfurecidos, e os teriam derrubado, se não se tivesse feito ouvir a voz serena e segura do Mestre.

MIRDAD: Deixai-os executar a sua arte, impetuoso Micayon. Deixai-os fazer o que desejam, bom Zamora. As algemas não assustam a Mirdad, como não o assustou o Abismo Negro. Deixai que Shamadam se regozije em remendar sua autoridade, com a do príncipe de Bethar. O remendo despedaçará a ambos.

Micayon: Como podemos ficar impassíveis, quando nosso Mestre está sendo algemado, como se fosse criminoso?

MIRDAD: Não fiquéis ansiosos por mim. Ficai em Paz. O mesmo farão a vós algum dia; mas isso prejudicará a eles e não a vós.

Príncipe: Assim será feito a todo velhaco e charlatão, que tiver a ousadia de fingir que tem autoridade e direito estabelecido.

Este santo homem (apontando para Shamadam) é de direito o chefe desta comunidade, e a sua palavra deve ser lei para todos. A Arca sagrada, de cuja generosidade desfrutais, está sob a minha proteção. Os meus olhos vigilantes pesquisam o seu destino; meu braço poderoso está estendido por sobre o seu teto e suas propriedades; minha espada decepará a mão que as tocar com má intenção. Que todos o saibam e tenham cuidado.

Novamente o príncipe dirigindo-se a seus homens: Tirai para fora este patife. Sua perigosa doutrina já quase arruinou a Arca. Logo arruinará nosso reino e a terra, se deixarmos que siga o seu perigoso curso. Vamos fazer com que doravante a pregue às sombrias paredes da prisão de Bethar. Fora com ele!

Naronda: Os soldados levaram o Mestre para fora, seguidos, orgulhosamente pelo príncipe e por Shamadam. Os Sete caminhavam atrás deste horrível procissão, seguindo o Mestre, com os olhos, os lábios selados pela dor, os corações transbordantes de lágrimas.

O Mestre caminhava, com passo firme e sereno e com a cabeça levantada. Tendo se distanciado um pouco, olhou para trás e disse:

MIRDAD: Ficai firmes com Mirdad. Não vos deixarei, enquanto não lançar a minha Arca e vos entregar o comando.

Naronda: E por muito tempo depois, estas palavras ainda nos soavam aos ouvidos, acompanhadas do retinir das correntes.

CAPÍTULO 29

Shamadam em vão tenta reconquistar os Companheiros. Mirdad retorna Miraculosamente e dá a todos os Companheiros, exceto a Shamadam beijo da fé.

Naronda: O inverno desceu sobre nós, copiosamente, brando e mordente. As montanhas, envoltas em neve, pareciam silenciosas e sem fôlego. Só os vales, lá em baixo, mostravam algumas manchas verde-pálido, e aqui e ali havia uma fita de prata líquida, que deslizava, coleante, em direção ao mar.

Os Sete se sentiam, alternadamente, envolvidos por ondas de esperança e de dúvida. Micayon, Micaster e Zamora se inclinavam para a esperança de que o Mestre voltaria, conforme havia prometido. Bennoon, Himbal e Abimar agarravam-se à dúvida de que voltasse. Todos, porém, sentiam uma terrível solidão e uma futilidade vexatória em continuar ali.

A Arca estava fria, triste e inóspita. Um silêncio gelado pairava no ar, como que se desprendendo de suas paredes, desafiando os esforços desesperados de Shamadam, para lhe dar vida e calor. Desde que Mirdad fora levado, Shamadam procurou afogar-nos com sua bondade. Ofereceu-nos os melhores alimentos e o mais rico vinho; mas o alimento não dava sustento e o vinho não estimulava. Queimava muita lenha e carvão; mas o fogo não aquecia. Mostrava-se muito gentil e afetuoso; mas a sua gentileza e afeição nos afastavam cada vez mais dele. Durante muito tempo, evitou falar no Mestre. Afinal, abriu seu coração e disse:

Shamadam: Vocês me julgam mal, meus companheiros, se pensam que não gosto de Mirdad. Eu o lastimo de todo o meu coração.

Mirdad pode não ser um homem mau; mas é um visionário perigoso e sua doutrina é completamente impraticável e falsa, neste mundo de fatos e práticas inflexíveis. Ele e os que o seguirem terão um fim trágico, no seu primeiro encontro com a dura realidade. Disso estou absolutamente certo. E quero salvar os meus companheiros de tal catástrofe.

Mirdad pode ter uma língua hábil, inspirada na irreflexão da mocidade; mas seu coração é cego, teimoso e contra Deus, ao passo que eu tenho o temor do verdadeiro Deus em meu coração e a experiência dos anos para dar ao meu julgamento peso e autoridade.

Quem poderia ter dirigido a Arca, durante tantos anos, melhor do que eu? Não tenho eu vivido convosco, tanto tempo, sendo para vós tanto irmão como pai? Não têm nossas mentes sido abençoadas com a paz, e nossas mãos com a superabundância? Por que permitir que um estranho venha demolir aquilo que levamos tanto tempo para construir, semear a desconfiança onde imperava a confiança e a luta onde reinava a paz?

É completa loucura, meus companheiros, soltar o pássaro que se tem na mão por dez que estão voando. Mirdad queria fazer-nos deixar esta Arca, que por tanto tempo vos obrigou e vos conservou perto de Deus, dando-vos tudo que um mortal pode desejar e mantendo-vos seguros, à margem do tumulto e da agonia do mundo. Que vos prometia ele em troca? Sofrimento, desilusões e pobreza, com uma luta sem fim, de quebra — isso e muitas coisas piores é o que vos prometia.

Prometia-vos uma Arca nos ares, na vastidão do nada — sonho de um louco — fantasia de criança — uma linda impossibilidade. É ele, por acaso, mais sábio do que o pai Noé, o fundador da Arca-Mãe? Dói-me ver que dais atenção às suas loucuras.

Posso eu ter pecado contra a Arca e suas sagradas tradições, quando apelei, contra Mirdad, para o braço forte do meu amigo, o príncipe de Bethar, mas tinha no coração o cuidado pelo vosso bem-estar; e só isso justificaria a minha transgressão. Quis salvar-vos e salvar a Arca antes que fosse muito tarde. Deus estava comigo e eu vos salvei. Regozijai-vos comigo, companheiros, e agradecei ao Senhor por nos ter poupado a ignonímia de ver, com nossos olhos pecaminosos, a destruição de nossa Arca. Eu, por mim, não sobreviveria a essa vergonha.

Agora, porém, eu me dedico, novamente ao serviço do Deus de Noé e à sua Arca, e ao vosso Serviço, meus amados companheiros. Sede felizes como antigamente, para que a minha felicidade se complete em vós.

Naronda: Shamadam chorou ao pronunciar estas palavras e causavam pena as suas lágrimas, pois sentia-se só, visto que elas não encontravam repercussão em nossos olhos, nem em nossos corações.

Certa manhã, quando o sol começou a mostrar-se por cima da montanha, depois de termos estado sitiados, bastante tempo, por uma atmosfera úmida e fria, Zamora apanhou a sua harpa e se pôs a cantar:

Zamora:

A canção está gelada nos lábios frios de minha harpa.
E congelado está o sonho no coração
imobilizado pelo gelo de minha harpa.

Onde está o alento que vai degelara tua canção,
ó minha harpa?

Onde está a mão que vai salvar o sonho,
ó minha harpa?

Vento mendigo, vai e pede para mim uma canção
às cadeias na prisão de Bethar.

Raio de sol matreiro, vai e furta para mim um sonho
das cadeias na prisão de Bethar.

As asa de minha águia estavam abertas no céu,
e debaixo delas eu era rei.

Agora sou apenas peregrino e órfão.

E a coruja domina o meu céu, pois minha águia voou
para um ninho distante: À prisão de Bethar.

Naronda: Uma lágrima soltou-se dos olhos de Zamora e suas mãos caíram imóveis. Sua cabeça pendeu sobre a harpa. Essa lágrima pôs em ação nossa tristeza reprimida e abriu as comportas de nossos olhos.

Micayon se pôs de pé de um salto e gritando: “Morro sufocado!”, abriu a porta e saiu para o ar livre. Zamora, Micaster e eu o seguimos para o pátio, até o portão de nossa clausura externa, além da qual não era permitido aos companheiros passar. Micayon puxou o pesado ferrolho com um forte safanão, abriu o portão de par em par e saiu como um tigre que foge de sua jaula. Os outros três seguiram Micayon.

O sol estava quente e brilhante, e seus raios, refletidos pela neve gelada, quase cegavam. Montanhas despidas de árvores e cobertas de neve ondulavam, diante de nós, até onde a vista podia alcançar e pareciam incendiadas numa

orgia de luz. Em toda volta, reinava um silêncio tão profundo, que parecia incomodar os ouvidos; só a neve, que se partia sob os nossos pés, quebrava aquela solidão. O ar, embora gélido, de tal modo nos acariciava os pulmões que sentíamos com se neles penetrasse sem esforço de nossa parte.

Até mesmo a atitude de Micayon mudou, quando ele parou para exclamar: “Como é bom poder respirar. Ah! somente respirar!”. De fato, parecia que era a primeira vez que sentíamos a alegria de respirar livremente, e que compreendíamos o sentido da Respiração.

Havíamos andado um pouco, quando Micaster divisou um objeto escuro, numa elevação longínqua. Alguns pensaram ser um lobo solitário, outros supuseram ser uma pedra limpa da neve pelo vento. Mas o objeto se movia em nossa direção e decidimos caminhar ao seu encontro. Cada vez mais ele se aproximava e cada vez mais assumia uma aparência humana. Subitamente, Micayon deu um grande salto para frente, gritando, ao saltar: “É ele! É ele!”

E era ela — com seu andar firme, sua atitude elevada, com sua nobre cabeça levantada. O vento suave ondulava sua roupa folgada e balançava-lhe os cabelos compridos. O sol dava um tom rosado ao seu rosto moreno-âmbar, mas os olhos escuros e sonhadores cintilavam como sempre, e enviavam ondas de amor sereno e triunfante. Seus pés macios, protegidos por sandálias de madeira, eram beijados pelo orvalho que os deixava rosados pelo frio.

Micayon foi o primeiro a ir ao seu encontro; atirou-se a seus pés. Chorando e rindo, como alguém que delira, exclamava: “Agora minha alma voltou ao meu corpo”.

Os outros três fizeram o mesmo; mas o Mestre os ergueu um a um, abraçando-os com infinita ternura, ao mesmo tempo em que dizia:

MIRDAD: Recebei o beijo da Fé. De hoje em diante, vós dormireis crendo e despertareis crendo; a Dúvida não mais fará ninho em vossos travesseiros, nem paralisará os vossos pés com hesitação.

Naronda: Os quatro, que haviam permanecido na Arca, ao verem o Mestre à porta, julgaram-no a princípio uma aparição e ficaram muito assustados. Quando porém, ele os saudou, cada um pelo seu nome e ouviram a sua voz, precipitaram-se aos seus pés, exceto Shamadam que ficou colado à sua cadeira. O Mestre falou e agiu com os três conforme havia falado e agido com os quatro lá fora.

Shamadam olhava, pálido e tremia da cabeça aos pés. Sua palidez cada vez aumentava mais, seus lábios se torciam e suas mãos buscavam algo na sua cinta. Subitamente, escorregou da cadeira e, engatinhando, chegou ao lugar em que o Mestre se encontrava de pé, passou os braços em volta dos pés de Mirdad e disse, convulsivamente, com o rosto voltado para o solo: “Também eu creio”. O Mestre o fez levantar-se também, mas sem o beijar, e lhe disse;

MIRDAD: É o Medo que faz tremer o corpo forte de Shamadam e obriga a sua língua a dizer: “Também eu creio”.

Shamadam treme e se curva diante da “magia” que tirou Mirdad do Abismo Negro e da prisão de Bethar. E Shamadam teme represália. Que a sua mente fique à vontade, quanto a isso, para que possa voltar seu coração na direção da Verdadeira Fé.

A fé que nasce de uma onda de Medo é somente a espuma do Medo; levanta-se e desaparece com o Medo. A Verdadeira Fé não floresce a não ser no caule do Amor.

Seu fruto é a Compreensão. Se tens medo de Deus, não crês em Deus.

Shamadam (afastando-se, sempre com os olhos voltados para o chão): Shamadam é um desgraçado e um exilado em sua própria casa. Permittede que eu, finalmente seja servo por um dia e vos traga um pouco de carne e alguma roupa quente. Deveis estar com muita fome e com muito frio.

MIRDAD: Tenho carne que as cozinhas não conhecem, e calor que não é emprestado pela lã fiada ou pelas línguas do fogo. Bom seria que Shamadam armazenasse mais da minha carne e do meu calor e menos dos outros mantimentos e combustíveis.

Vede! O mar veio passar o inverno nas alturas. E as alturas sentem-se alegres, por usarem o mar gelado como uma capa. E as alturas sentem-se quentes, na sua capa.

Também o mar se sente alegre, por descansar quieto e encantado nas alturas; mas somente por algum tempo, pois a Primavera chegará e o Mar, como uma serpente que hiberna, se desenrolará e exigirá a sua liberdade hipotecada. Novamente correrá de praia em praia e novamente subirá aos ares e vagará pelo céu e choverá onde lhe aprouver.

Mas há homens como tu, Shamadam, cuja vida é inverno constante e uma hibernação perene. São aqueles que ainda não receberam o encantamento da Primavera. Vê! Mirdad é o encantamento, Mirdad é um encantamento de Vida e não um feitiço de morte. Quanto tempo, ainda ficará hibernando?

Crê, Shamadam, que a vida que os homens vivem e a morte que eles morrem é apenas uma hibernação. E eu venho para despertar os homens do seu sono e chamá-los

de suas cavernas e de suas tocas para a liberdade da Vida sem morte. Crê, para teu bem, e não para o meu.

Naronda: Shamadam permaneceu imóvel e não lhe disse uma palavra. Bennoon sussurrou-me que perguntasse ao Mestre como conseguira escapar da prisão de Bethar; mas minha língua não me obedecia para fazer a pergunta que, não obstante, foi logo adivinhada pelo Mestre.

MIRDAD: A prisão de Bethar já não é mais prisão; tornou-se uma ermida. O príncipe de Bethar já não é mais um príncipe. Ele é, hoje, um peregrino esperançoso como vós.

Mesmo uma prisão, Bennoon, pode ser transformada em um brilhante farol. Mesmo um orgulhoso príncipe pode ser levado a depor a sua coroa, diante da coroa da Verdade. E até as cadeias que rangem podem vir a tocar música celeste. Nada é milagre para a Sagrada Compreensão, que é o único milagre.

Naronda: As palavras do Mestre, referentes à abdicação do príncipe de Bethar, caíram como um raio sobre Shamadam; e, para nossa consternação, ele foi subitamente presa de convulsões tão estranhas e tão violentas que tememos seriamente pela sua vida. Afinal, as convulsões terminaram com uma síncope, e deu-nos muito trabalho, antes que tivéssemos conseguido fazê-lo voltar a si.

CAPÍTULO 30

O Mestre revela o sonho de Micayon.

Naronda: Durante um longo período, antes e depois do Mestre voltar de Bethar, observamos que Micayon se comportava como quem se achasse em dificuldades. Conservava-se à parte, quase todo tempo, falando pouco, comendo pouco e raramente saindo de sua cela. Não confiava, nem em mim, o seu segredo. E todos nós nos admirávamos de que o Mestre nada fizesse para suavizar-lhe a dor, conquanto o amasse muito.

Certa vez, enquanto Micayon e outros estavam aquecendo-se ao braseiro, o Mestre começou a discursar sobre a Grande Nostalgia.

MIRDAD: Um homem certa vez sonhou. Eis como foi o seu sonho: Ele se viu sobre a verde margem de um largo e profundo rio, cujas águas deslizavam silenciosamente. Na margem havia uma multidão de homens, mulheres e crianças de todas as idades e idiomas; todos eles tinham rodas de vários tamanhos e cores que rodavam incessantemente, para cima e para baixo, pela margem. E as multidões estavam vestidas de cores festivas e ali estavam para se divertirem e festejarem. O ruído alegre que faziam, enchia o ar. Como se fosse um mar incansável, subiam e desciam, iam e voltavam.

Somente ele não estava vestido para a festa, pois nada sabia de festa alguma. E só ele não tinha roda alguma para rodar. E por mais que apurasse os ouvidos não conseguia entender uma só palavra do que dizia a multidão poliglota que falava algo semelhante ao seu próprio dialeto. E por mais que alongasse a vista, não conseguia encontrar um único rosto que lhe fosse familiar. E, além disto, a multidão, à medida que se acercava dele, lançava-lhe olhares significativos, como se estivesse a dizer: “Quem é esse indivíduo cômico?”. Subitamente, porém, ele

compreendeu que a festa não era dele e que era a ela inteiramente estranho; sentiu uma dor no coração.

Eis que ouviu um grande ruído que vinha da extremidade superior da margem e logo viu que a multidão se ajoelhava, cobria os olhos com as mãos e curvava a cabeça, abrindo alas e deixando no centro uma faixa estreita desimpedida e paralela ao rio. Só ele ficou de pé, no meio desta faixa, sem saber para que lado voltar-se.

Quando olhou para ver de onde vinha o tremendo ruído que se fazia, divisou um enorme touro que, cuspidando fogo pela boca e pelas ventas, corria pela faixa com a velocidade de um raio. Aterrorizado, olhou para a fera enlouquecida e procurou uma saída, à esquerda e à direita, porém não conseguiu encontrá-la. Sentia-se preso ao solo e estava certo de não sobreviver.

Justamente no momento em que o touro chegava tão perto do homem que este já lhe sentia devorador e o fumo asfixiante, sentiu-se elevado no ar. O touro permanecia em terra, por baixo dele, atirando para cima mais fogo e fumo; mas ele se elevava cada vez mais, e embora sentisse o calor do fogo e o fumo, começou a compreender que o touro já não lhe podia fazer mal algum e a confiar em que de fato não faria. E voltou-se para atravessar o rio.

Olhando para a verde margem viu o povo ainda ajoelhado como antes e o touro atirando flechas em vez de fogo e fumaça. Ouvia o sibilar das flechas que passavam por perto dele, algumas furavam-lhe as roupas, mas nenhuma delas lhe tocou a carne. Finalmente o touro, a multidão e o rio se perderam de vista e o homem continuou voando.

Passou voando por sobre uma gleba de terra ressecada na qual não havia o menor sinal de vida. Afinal desceu no sopé de uma alta e escarpada montanha desolada na qual não havia uma só folha de capim e nem mesmo uma

lagartixa ou formiga. E sentiu como se o seu único rumo fosse montanha acima.

Por muito tempo procurou um caminho seguro para subir, mas a única via de acesso que encontrava era uma trilha, que mal se podia ver, e pela qual parece que só as cabras poderiam subir. Decidiu-se a seguir essa trilha.

Mal tinha ele caminhado uma vintena de jardas, percebeu, não longe, à esquerda, uma estrada larga e macia. Tão logo parou e se dispôs a abandonar a trilha, a estrada se transformou em um rio humano. A metade dos entes humanos que o compunham subia com grande esforço, enquanto que a outra metade rolava pela encosta abaixo. Um número imenso de homens e mulheres lutava para subir e rolava para baixo, às cambalhotas, soltando gemidos e gritos que cortavam o coração.

O homem observou por algum tempo aquele pavoroso fenômeno e chegou à conclusão de que, em algum ponto daquela montanha, existia um enorme hospício e que aqueles que vinham rolando eram alguns dos internos que haviam fugido. E continuou pela trilha, caindo e levantando-se de novo de quando em quando, mas sempre progredindo rumo ao alto.

A uma certa altura, o rio humano secou e o seu leito desapareceu por completo. Mais uma vez o homem se encontrava só com a montanha e não havia um dedo estendido que lhe apontasse o caminho ou voz alguma que estimulasse a sua coragem, que sentia enfraquecer, ou que reanimasse as suas forças, que se estavam esvaindo, a não ser uma vaga fé de que seu caminho apontava para o alto.

E lá ia ele, vagorosamente, traçando com sangue a sua vereda. Depois de muito esforço, por caminho áspero e duro, chegou a um ponto em que a terra era macia e não havia pedras. Para sua indescritível alegria, viu alguns

delicados tufo de capim crescendo aqui e ali; e a grama era tão delicada, tão tenra, o solo tão aveludado, o ar tão perfumado e repousante que se sentiu como se lhe houvessem roubado a última gota de energia. Relaxou os músculos e caiu a dormir.

Foi despertado pela mão de alguém que o tocava e por uma voz que lhe dizia: “Levanta-te! O pico da montanha está à vista. E a Primavera aguarda-te lá em cima”.

A mão e a voz eram de uma belíssima donzela — um ser paradisíaco — vestindo roupa de ofuscante brancura. Amavelmente, o tomou pela mão e ele sentiu-se revigorado e invadido por extraordinário bem estar. Realmente pôde ver o alto da montanha e sentir o aroma da Primavera. Mal, porém, se pôs de pé para dar o primeiro passo, despertou do sonho.

Que faria Micayon se despertasse de um sonho como esse e se encontrasse deitado em uma cama comum, encerrado entre quatro paredes comuns, porém com a imagem da donzela ainda a lhe brilhar nos olhos e sentindo ainda no coração a fragrante resplandecência do alto da montanha?

Micayon (como quem foi espicaçado): Mas esse sonhador sou eu e esse foi o sonho que tive. Inclusive a visão da donzela de branco e do alto da montanha. Isso me vem perseguindo até hoje e não me dá sossego. Faz com que eu me sinta estranho a mim mesmo. Por causa disso, Micayon já não conhece mais Micayon.

No entanto, tive esse sonho logo depois que fostes levado para Bethar. Como podeis vir relatá-lo com todos os seus pormenores? Que espécie de homem sois, que até os sonhos dos homens são, para vós, um livro aberto?

Ah! que liberdade havia no pico daquela montanha! E como era linda aquela donzela! Como tudo aqui é vulgar

em comparação! Senti-me como se tiverris perdido minha própria alma devido ao sonho. E somente no dia em que vos vi, voltando de Bethar, senti que me voltava a alma e me senti calmo e forte. Mas esta sensação tornou a abandonar-me e tornei a ser separado de mim mesmo, por um incrível cordão.

Salvai-me, ó meu Grande Companheiro. Estou me consumindo por causa de uma visão.

MIRDAD: Não sabes o que pedes, Micayon. Queres ser salvo do teu Salvador?

Micayon: Quero ser poupado a esta insuportável tortura, de me sentir tão sem lar, em um mundo tão confortável. Gostaria de estar no alto da montanha com aquela jovem.

MIRDAD: Regozija-te porque o teu coração se tornou presa da Grande Nostalgia, pois essa é a promessa irrevogável de que encontrarás a tua pátria e teu lar e que estarás no alto da montanha com a jovem.

Abimar: Por favor, contai-nos mais alguma coisa sobre esta Nostalgia. Quais são os sintomas pelos quais a podemos reconhecer?

CAPÍTULO 31

A Grande Nostalgia.

MIRDAD: É como a neblina a Grande Nostalgia. Emitida pelo coração, ela fecha o coração; assim como a neblina emitida pelo mar oblitera tanto a terra como o mar.

E também a neblina oculta aos olhos a realidade visível, tornando-se ela própria a única realidade. Assim esta Nostalgia abafa os sentimentos do coração e faz de si mesma o sentimento predominante. E embora aparentemente seja tão sem forma, tão sem propósito e tão cega como a neblina, coma esta, ela está cheia de formas ainda não realizadas, é clara à vista e tem uma finalidade bem definida.

É ainda como a febre a Grande Nostalgia. Como a febre, que surge no corpo e mina a vitalidade deste, enquanto lhe está queimando os venenos, assim é a Nostalgia, nascida do atrito no coração; debilita este, enquanto lhe consome as impurezas e toda superfluidade.

E como um ladrão é a Grande Nostalgia. Como o ladrão furtivo, que alivia sua vítima de uma carga, porém o deixa aborrecido e amargurado, assim esta Nostalgia furtivamente alivia todas as cargas do coração, porém o deixa desolado e pesado, exatamente pela falta de carga.

Larga e verde é a margem em que dançam os homens e as mulheres, e lutam e choram pelos seus dias que se transformaram em nada. Aterrorizante, porém, é o Touro que expele fogo e fumaça pelas ventas e que lhes faz tremer os pés e os obriga a cair de joelhos; que lhes abafa as canções na garganta e lhes prega as pálpebras aos olhos nas suas próprias lágrimas.

Largo e profundo também é o rio que os separa da outra margem. E eles não o podem atravessar a nado, nem remar de uma à outra margem, e nem atravessá-lo num barco a vela. Poucos, muito poucos, se aventuram a atravessá-lo com um pensamento. Quase todos, porém, estão ansiosos por se agarrarem à margem em que se encontram e na qual cada um deles anda a fazer rodar a sua roda predileta do Tempo.

O homem que tem a Grande Nostalgia não possui nenhuma roda predileta do Tempo para rodar. No meio de um mundo tensamente ocupado e terrivelmente apressado, só ele não tem ocupação e nem pressa. Em meio à humanidade tão decorosamente vestida e comportada, quanto à palavra e às maneiras, ele se acha nu, gaguejante e desajeitado. Não pode rir com os que riem, nem chorar com os que choram. Os homens bebem e comem e sentem prazer no comer e no beber; ele come sem gulodice e a bebida se torna insípida em sua boca.

Outros se acasalam ou estão ansiosamente procurando com quem se acasalem; ele anda sozinho, dorme sozinho e sonha sozinho os seus sonhos. Os outros são ricos em humor e sabedoria do mundo; só ele é estúpido e ignorante. Os outros têm lugares confortáveis a que chamam de lar. Os outros têm certos locais na terra aos quais chamam sua terra natal e cuja glória cantam em alta voz; só ele não tem nenhum pedaço de terra que possa cantar ou chamar de terra natal. Isso porque tem os olhos fitos na outra margem.

É um sonâmbulo o homem que tem a Grande Nostalgia, no meio de um mundo aparentemente desperto.

É movido por um sonho que os outros a seu redor não vêem nem sentem; por isso eles encolhem os ombros e riem à socapa. Quando, porém, o deus do Medo — o Touro que põe fogo e fumaça pelas ventas — aparece em cena, então eles vão morder o pó da terra, enquanto aquele para quem eles encolheram os ombros e de quem riram à socapa é levantado pelas asas da Fé, acima de todos e do Touro e é levado para a outra margem, para o sopé da Montanha Escarpada. Árida, deserta e triste é a terra sobre a qual o sonâmbulo voa. Mas as asas da Fé são fortes e o homem continua voando.

Sombria, nua e terrificante é a montanha ao sopé da qual ele aterrissa, mas indômito é o coração da Fé, e o coração do homem continua batendo, valorosamente.

Dura, escorregadia e dificilmente visível é a sua trilha montanha acima, mas macia é a mão, firme o pé e agudo o olhar da Fé... e assim o homem sobe.

Encontra pelo caminho homens e mulheres que estão tentando subir a montanha por uma estrada larga e suave; são os homens e mulheres da Pequena Nostalgia, que estão ansiosos por atingir o alto da montanha, porém com um guia coxo e cego. Isso porque o seu guia é a sua crença no que os olhos podem ver e os ouvidos ouvir; no que as mãos podem apalpar e no que o nariz e a boca podem cheirar e provar. Alguns deles não vão além dos tornozelos da montanha; outros vão até os quadris; muitos poucos vão até a cintura. Todos eles, porém, juntamente com seus guias, escorregam e vêm às cambalhotas, ladeira abaixo, sem terem ao menos, olhado de relance para o belo alto da montanha.

Podem os olhos ver tudo o que há para ser visto e os ouvidos ouvir tudo o que existe para ser ouvido? Podem as mãos apalpar tudo o que há para ser apalpado e o nariz cheirar tudo o que há para ser cheirado? Somente quando a Fé, nascida da Imaginação divina vem ao seu auxílio, podem os sentidos realmente sentir e desse modo se tornarem escadas para a ascensão ao alto.

Os sentidos faltos de Fé são guias nos quais não se pode confiar. Conquanto a sua estrada pareça suave e larga, está cheia de armadilhas e laços escondidos e aqueles que por ela tentam alcançar o cimo da Libertação perecem no caminho ou escorregam e caem às cambalhotas ao sopé de onde partiram, onde se lastimam de muitos ossos quebrados e onde cosem muitos ferimentos abertos.

Os homens da Pequena Nostalgia são aqueles que, tendo construído um mundo com os seus sentidos, logo o acham pequeno e abafado e aspiram a um lar maior e mais arejado. Mas ao invés de procurarem novos materiais e um novo mestre de obras, empilham o mesmo material e chamam o mesmo arquiteto — os sentidos — para lhes construir o novo lar. E mal este está pronto, acham-no tão pequeno e abafado quanto o velho. E assim vão demolindo e construindo, sem jamais conseguirem o lar que lhes possa dar o conforto e a liberdade que anseiam: eis que confiam nos enganadores, para que os livrem dos enganos. E como o peixe que salta da frigideira para o fogo, fogem de uma pequena miragem, para serem iludidos por outra maior.

Entre os homens da Grande Nostalgia e os da Pequena Nostalgia está a grande multidão dos homens coelhos, que não sentem Nostalgia alguma. Estão satisfeitos em cavar as suas tocas, nelas viver, reproduzir-se e morrer; e acham suas furnas muito elegantes, espaçosas e quentes. Não as trocariam pelos esplendores de um palácio real. E zombam dos sonâmbulos, especialmente daqueles que caminham por uma trilha solitária, onde as pegadas são raras e difíceis de serem vista.

O homem que tem a Grande Nostalgia e se encontra entre os outros homens, é muito semelhante ao filhote de águia chocado pela galinha doméstica, junto com a sua ninhada. Seus irmãos pintinhos e a mãe-galinha desejam que o jovem filhote de águia seja tal como eles, com a sua natureza e hábitos, vivendo como eles vivem; e o jovem filhote de águia gostaria de que os outros fossem como ele: sonhando com um ar mais livre e um céu ilimitado. Logo, porém, seus irmãos de ninhada o consideram um estranho e um paria entre eles, e ele recebe bicadas de

todos — até mesmo de sua mãe. A voz das alturas, porém, lhe fala no sangue e a fedentina do galinheiro se torna insuportável para o seu nariz. No entanto, aceita em silêncio tudo aquilo, até que se encontre completamente emplumado. Abre então as asas e se lança ao espaço, com um amoroso olhar de despedida a seus antigos irmãos e a sua mãe, que cacareja, alegremente, enquanto cisca na terra em busca de sementes e vermes.

Alegra-te, Micayon. Teu sonho é um sonho profético. A Grande Nostalgia fez o teu mundo pequeno e te fez um estranho nesse mundo; libertou a tua imaginação da garra despótica dos sentidos e a imaginação te trouxe a tua Fé.

E a Fé te levantará muito acima deste mundo estagnado e abafado, levando-te através do cansativo vazio, ao alto da Montanha Escarpada, onde toda fé terá que ser testada e purificada dos últimos traços da Dúvida.

E a Fé assim purificada e triunfante te levará ao Alto eternamente verde, e ali te entregará nas mãos da Compreensão. Tendo cumprido a sua tarefa, a Fé se retirará e a Compreensão guiará os teus passos à impronunciável Liberdade do Alto, que é a verdadeira, ilimitada e universal morada de Deus e do Homem Liberto.

Suporta bem o teste, Micayon. Suportai-o bem, todos vós. Permanecer por um momento nesse Alto, equivale a suportar toda a espécie de dores. Mas residir para sempre, nesse Alto, vale a Eternidade.

Himbal: Não nos elevarás agora ao teu Alto, ao menos para um olhar rápido?

MIRDAD: Não tenhas pressa, Himbal; dá tempo ao tempo. Onde eu respiro, livremente, tu ficarias sem ar.

Onde eu caminho, à vontade, tu ficarias ofegante e tropeçarias. Agarra-te à Fé; a Fé realizará proezas gigantescas.

Assim ensinei eu a Noé.
Assim eu agora vos ensino.

CAPÍTULO 32

Acerca do pecado e da retirada dos aventais de folha de figueira.

MIRDAD: Já ouvistes falar o Pecado e agora deveis saber como o Homem se tornou pecador.

E declarais — não sem mérito — que se o Homem, a imagem e semelhança de Deus, é pecador, então Deus mesmo deve ser a origem do Pecado. Existe aí uma armadilha para o desavisado; e eu não quero, companheiros, que sejais presos na armadilha. Por isso vou retirá-la do vosso caminho, para que possais também retirá-la dos caminhos dos homens.

Não há pecado em Deus, a não ser que consideremos pecado dar do Sol algo de sua luz a uma vela. Nem há pecado no Homem, a não ser que consideremos pecado queimar-se uma vela inteiramente no Sol e assim juntar-se ao Sol.

Há, porém, pecado na vela que se recusa a ceder a sua luz e que, quando se aplica o fósforo a seu pavio, amaldiçoa o fósforo e a mão que o segura. Há pecado na vela que tem vergonha de se queimar no Sol e que, por isso, se oculta do Sol.

O Homem não pecou por desobedecer à Lei, mas por querer encobrir a sua ignorância da Lei.

Sim! Há pecado no avental de folha de figueira.

Não lestes a história da queda do Homem, tão simples e ingênua nas palavras, porém tão sublime e sutil no seu significado? Não lestes como o Homem, recém-saído do seio de Deus, era como um Deus recém-nascido passivo, inerte, não criador? Isso porque, embora dotado de todos os atributos da divindade, era como todos os recém-nascidos, incapaz de conhecer e de exercitar sua infinitas capacidades e talentos.

Como uma semente solitária encerrada em belíssimo frasco, achava-se o Homem no Jardim do Éden. A semente encerrada em um frasco, permanecerá semente e jamais as maravilhas que nela se acham encerradas debaixo da casca serão estimuladas para a vida e a luz, a não ser que seja escondida num solo análogo à sua natureza e que a casca seja rompida.

O Homem, porém, não possuía solo algum que lhe fosse análogo onde pudesse plantar-se e brotar.

A sua face jamais encontrara outra face na qual pudesse refletir-se. Era um ouvido humano que jamais ouvira outra voz humana. Era uma voz humana que jamais tivera eco em outra voz humana. Seu coração batia solitário.

Solitário, inteiramente solitário, encontrava-se o Homem em meio a um mundo bem aparelhado e lançado ao seu destino. Era um estranho para consigo mesmo; não tinha trabalho a executar nem plano a seguir. O Éden, para ele, era o que é para o recém-nascido um berço confortável — um estado de bem-aventurança passiva; uma incubadeira bem aparelhada.

A Árvore do conhecimento do Bem e do Mal e a árvore da Vida estavam, ambas, ao seu alcance; ele porém, não entendia a mão para escolher e provar dos seus frutos, pois o seu paladar, seus pensamentos, seus desejos e até mesmo

sua vida estavam todos encerrados nele mesmo, esperando para serem vagarosamente libertados. E ele, por si mesmo, não os podia libertar. Conseqüentemente, fez-se com que ele produzisse em auxiliar para si, a mão que o ajudasse a desatar seus muitos envoltórios.

Onde melhor se poderia obter este auxílio se não no seu próprio ser, tão rico devido à sua alta potência em divindade? Isto é muito significativo.

Eva não é novo pó nem novo alenta; mas o mesmo pó e o mesmo alento de Adão — ossos dos seus ossos e carne da sua carne. Não surge outra criatura em cena; mas o mesmo Adão solitário e duplicado — um Adão-masculino e um Adão-feminino.

E assim o rosto solitário e sem reflexo obtém uma companhia e um espelho; e o nome, sem eco em nenhuma voz humana, principia a reverberar em doces estribilhos, acima e abaixo pelas alamedas do Éden. O coração, cujo palpitar solitário, principia a sentir o seu pulso e a ouvir sua palpação, em um coração companheiro e num peito companheiro.

Assim o aço, sem faíscas, encontra o sílex que o fará emitir faíscas em abundância. Assim a vela que não havia sido acesa, é acesa em ambas as pontas.

Uma vela é um pavio, um é o pavio e uma a luz, embora venha de ambas as pontas. E assim, a semente no frasco encontra o solo onde possa germinar e revela os seus méritos.

Assim a Unidade, inconsciente de si mesmo, obtém Dualidade, para que, por meio da fricção e da oposição da Dualidade, possa compreender a sua unidade. Nisso também o Homem é a fiel imagem e semelhança de Deus, pois Deus — a Consciência Original — projeta de Si a

Palavra, e tanto a Palavra como a Consciência são unificadas na Sagrada compreensão.

Não é um castigo a Dualidade, mas um processo inerente à natureza da Unidade e necessário para o desenvolvimento da sua divindade. Como é infantil pensar de outro modo! Como é infantil acreditar que um processo tão maravilhoso possa terminar o seu curso em três vintenas de anos mais dez, ou mesmo em três vintenas de milhões de anos!

É tão pouco importante assim tornar-se um deus?

Será Deus um amo assim tão cruel e miserável que, tendo toda a eternidade para presentear, não concedesse ao Homem mais do que o pequenino intervalo de tempo de setenta anos para que este se unificasse e readquirisse o Éden, inteiramente consciente de sua divindade e de sua unidade com Deus?

É longo o curso da Dualidade e tolos são aqueles que o medem com calendários. A Eternidade não se mede pelas revoluções das estrelas.

Quando Adão, o passivo, o inerte, o não criador, foi tornado duplo, ele, conseqüentemente se tornou ativo, cheio de movimento e capaz de criar e procriar-se.

Qual foi o primeiro ato de Adão depois de se tornar duplo? Foi comer o fruto da árvore do Bem e do Mal e, desse modo, fazer todo este mundo duplo como ele. As coisas deixaram de ser como haviam sido: — inocentes e indiferentes. Estas se tornaram boas ou más, úteis ou prejudiciais, agradáveis ou desagradáveis; tornaram-se dois campos opostos, ao passo que antes era um.

E a serpente que enganou Eva para que provasse o Bem e o Mal, não era a profunda voz ativa, embora inexperiente da Dualidade, estimulando-se para a ação e a experiência?

Não admira que Eva fosse a primeira a ouvir essa voz e a obedecê-la. Eva era como se fosse a pedra de afiar, o instrumento destinado a tornar manifestos os poderes latentes de seu companheiro.

Não estivestes vós, já muitas vezes, a imaginar esta primeira Mulher, da primeira história humana, caminhando furtivamente por entre as árvores do Éden, com os nervos à flor da pele, com o coração palpitando como o de um pássaro que caiu na armadilha, com os olhos a procurar por todos os lados se alguém a estava observando, com a boca úmida e a mão trêmula estendida para a fruta? Não tendes suspenso a respiração ao imaginardes que ela apanhou a fruta e fincou os dentes na polpa macia para sentir-lhe momentaneamente a doçura que se teria de transformar em amargura eterna para ela e sua prole? Não tendes desejado, de todo coração, que Deus paralisasse a audácia louca de Eva, aparecendo-lhe no momento exato em que ela estava para cometer aquela ação estouvada e não depois, com Ele o faz na lenda? E tendo ela cometido aquele ato, não tendes desejado que Adão tivesse a sabedoria e a coragem de abster-se de se tornar seu cúmplice?

No entanto, nem Deus interveio, nem Adão se absteve. Isso porque Deus não queria que sua semelhança se lhe tornasse dissemelhante. Era Sua vontade e Seu plano que o Homem caminhasse o longo caminho da Dualidade a fim de desenvolver sua própria vontade, planejar e unificar-se pela Compreensão. Quanto a Adão, ele não poderia, mesmo que quisesse, rejeitar o fruto que lhe era oferecido por sua esposa. Era-lhe obrigatório comê-lo, simplesmente porque sua esposa havia comido dele, pois ambos eram uma carne e cada qual era responsável pelos atos do outro.

Indignou-se e irou-se Deus porque o Homem comeu o fruto do Bem e do Mal? Deus o proibira. E o fez porque sabia que o Homem não podia deixar de comer e Ele queria que o Homem o comesse; queria também que o Homem soubesse antecipadamente as conseqüências de comê-lo e tivesse a coragem de arcar com tais conseqüências. E o Homem teve coragem. E o Homem comeu. E o Homem arcou com as conseqüências.

E a conseqüência foi a Morte. Ao se tornar ativamente Dual pela vontade de Deus, morreu para a unidade passiva. Logo a Morte não é castigo, mas uma fase na vida inerente à Dualidade. A natureza da Dualidade é tornar todas as coisas duais e dar a tudo uma sombra. E assim Adão adquiriu sua sombra em Eva e ambos obtiveram, em suas vidas, uma sombra chamada Morte. Mas Adão e Eva, embora sombreados pela Morte, continuam a ter uma vida sem sombras na vida de Deus.

A Dualidade é uma fricção constante; e a fricção dá a ilusão de duas superfícies que se opõem, inclinadas à autodestruição. Realmente estão se completando, preenchendo e trabalhando de mãos dadas por um só objetivo: a paz perfeita, a unidade e o equilíbrio da Sagrada Compreensão. A ilusão, porém, está enraizada nos sentidos e persiste, enquanto estes persistem.

Eis porque Adão respondeu a Deus, quando Deus o chamou, depois dos seus olhos terem sido abertos: “Eu ouvi a tua voz no jardim e eu tive medo porque eu estava nu e eu me escondi”. Como também “a mulher que tu me deste para minha Companheira, ela me deu do fruto da árvore e eu o comi”.

Eva não era mais do que carne e ossos de Adão. Pensai, porém, neste novo Eu de Adão, o qual depois de seus olhos terem sido abertos, principiou a se ver como algo

diferente, separado e independente de Eva, de Deus e de toda criatura de Deus.

Este Eu era uma ilusão. Uma ilusão dos olhos recém-abertos era esta personalidade desligada de Deus. Não tinha substância nem realidade. Havia sido criada para que, após a sua morte, o Homem pudesse conhecer o seu Ser real que é o Ser de Deus. Este eu falso desaparecerá quando os olhos externos se apagarem e o olho interno for iluminado. Embora isto deixasse Adão confuso, servia para estimular a sua mente e espicaçar a sua imaginação. Ter um Eu que se possa considerar inteiramente pessoal é verdadeiramente muito lisonjeiro e tentador para o Homem, que não é consciente de nenhum Eu.

A Adão foi tentado e lisonjeado pelo seu Eu ilusório. Embora estivesse envergonhado dele, por ser muito irreal ou nu, dele não queria separar-se; ao contrário, agarrava-se a ele de todo coração e com toda a sua engenhosidade recém-nascida. Por isso costurou folhas de figueira e fez para si um avental, com que escondesse a nudez de sua personalidade, tentando conservar-se oculto da vista Onipresente de Deus.

E desse modo o Éden, o estado de bem-aventurada inocência, a unicidade inconsciente de si mesma, caiu do Homem dual, revestido de aventais de folhas de figueira; e espadas de fogo foram postas entre ele e a Árvore da Vida. O Homem saiu do Éden pelo duplo portão do Bem e do Mal; a ele voltará pelo portão singelo da Compreensão. Retirou-se dando as costas à Árvore da Vida; voltará com o rosto voltado para essa Árvore. Iniciou a sua longa e penosa viagem, envergonhado de sua nudez e tendo o cuidado de esconder a sua vergonha; chegará ao fim de sua viagem com a sua pureza sem aventais e o coração ufano de sua nudez.

Isso, porém, não se dará enquanto o Homem não seja, pelo Pecado, liberto do Pecado, pois o Pecado será a própria ruína do Pecado. E onde está o Pecado senão no avental de folhas de figueira?

Sim, o Pecado nada mais é do que a barreira que o Homem coloca entre ele próprio e Deus — entre o seu Eu transitório e o seu EU eterno.

A princípio, um punhado de folhas de figueira, essa barreira veio a tornar-se um poderoso baluarte. Desde o momento em que abandonou a inocência do Éden, o Homem tem estado ocupadíssimo em reunir cada vez mais folhas de figueira e a costurar um sem número de aventais. Os indolentes se satisfazem em remendar os rasgões de seus aventais com os trapos abandonados pelos seus próximos mais trabalhadores. E cada remendo na indumentária do Pecado é pecado, pois tende a perpetuar a vergonha que foi o primeiro e pungente sentimento que teve após separar-se de Deus.

Está o Homem fazendo algo para livrar-se desta vergonha? Não! Todo seu esforço é vergonha sobre vergonha, aventais sobre aventais.

Que são as artes e a instrução do Homem, senão folhas de figueira?

Seus impérios, nações, segregações raciais e religiões, na vereda da guerra, não são cultos de adoração à folha de figueira?

Seus códigos do bem e do mal, de honra e desonra, de justiça e de injustiça; seus incontáveis credos sociais e suas convenções, que são, senão aventais de folhas de figueira?

O seu avaliar o inavaliável e medir o imensurável e padronizar aquilo que está além do padronizável, não é remendar a já ultra-remendada tanga?

A sua avidez pelos prazeres que estão peçados de sofrimento; sua ambição pelas riquezas que empobrecem; sua sede pelo mestrado que subjuga; a sua cobiça pela grandeza que achincalha — não são todas essas coisas aventais de folhas de figueira?

Nesta corrida patética para cobrir a sua nudez, o Homem vestiu um grande número de aventais que, no correr dos anos, agarraram-se tão fortemente à sua pele que ele já não distingue os aventais da sua pele. E o Homem se sente sufocado e clama por quem o liberte de tantas peles. No entanto, em seu delírio, o Homem tudo faz para ser libertado de sua carga, menos aquilo que o poderia aliviar e que seria atirar fora essa carga. Ele quer libertar-se de sua carga e se agarra a ela, com todas as suas forças. Deseja estar nu e, no entanto, se mantém completamente vestido.

É chegada a hora de se despir. E eu vim para vos auxiliar a lançar fora vossas peles desnecessárias — vossos aventais de folhas de figueira — para que assim possais também auxiliar a todos aqueles que anseiam por se verem livres dos seus. Eu só ensino como fazê-lo, mas cada qual terá que se livrar dos seus, por mais doloroso que lhe seja o despir-se.

Não espereis por nenhum milagre, que vos salve de vós próprios, nem receeis a dor; a Compreensão nua converterá vossa dor em um perene êxtase de alegria.

Se vós enfrentardes a vós próprios, na nudez da Compreensão, e se Deus vos chamar e perguntar: “Onde estais?” — não vos envergonheis, nem temais, nem vos oculteis de Deus. Mas, ao contrário, deveis permanecer firmes, sem receio e divinamente calmos, respondendo a Deus:

“Segura-nos, Senhor Deus — nossa alma, nosso ser, nosso único Eu. Envergonhados, medrosos e sofrendo dores, caminhamos pela áspera e tortuosa vereda do Bem e do Mal que Tu nos apontastes na aurora do Tempo. A Grande Nostalgia apressou os nossos passos e a Fé sustentou os nossos corações, e agora a Compreensão nos libertou de nossas cargas, curou as nossas feridas e nos trouxe de volta à Tua Santa Presença, nus do Bem e do Mal, da Vida e da Morte; nus de todas as ilusões da Dualidade, nus exceto do manto do vosso Ser que tudo envolve. Sem folhas de figueira para esconder a nossa nudez, aqui estamos diante de Ti, livres da vergonha, iluminados e sem temor. Toma-nos, estamos unificados. Toma-nos, realizamo-nos”.

E Deus vos abraçará, com infinito Amor, e vos levará diretamente à Sua Árvore da Vida.

Assim ensinei eu a Noé.
Assim eu agora vos ensino.

Naronda: Também isso nos foi dito pelo Mestre à volta do braseiro.

CAPÍTULO 33

Acerca da noite — a cantora incomparável.

Naronda: Como o exilado sente saudades de seu lar, assim tínhamos nós saudades do Ninho da Águia que os ventos gelados e as tempestades de neve haviam tornado inacessível durante todo o inverno.

O Mestre escolheu uma noite de Primavera, cujos olhos eram suaves e brilhantes, cujo alento era cálido e perfumado, cujo coração palpitava rápido e desperto para nos levar ao Ninho da Águia.

As oito pedras planas que nos serviam de bancos ainda estavam dispostas, exatamente no mesmo semicírculo, tal como as havíamos deixado no dia em que o Mestre fora levado a Bethar. Era evidente que ninguém visitara o Ninho da Águia desde esse dia. Cada um de nós tomou o seu lugar costumeiro e ali ficou à espera de que o Mestre falasse. Ele, porém não abria a boca. Até mesmo a lua cheia, que nos mirava para desejar-nos boas vindas, parecia presa aos lábios do Mestre.

As cachoeiras da montanha, despenhando-se de pedra em pedra, enchiam a noite com as suas turbulentas melodias. De quando em quando, o pio sinistro de uma coruja ou a canção rascante de algum grilo chegavam aos nossos ouvidos.

Durante muito tempo permanecemos em silêncio, antes que o Mestre levantasse a cabeça e, abrindo seus olhos semicerrados, principiasse a nos falar:

MIRDAD: Neste silêncio que agora reina, Mirdad gostaria que ouvísseis as canções da Noite. Prestai ouvidos ao coro da Noite, que a Noite é, realmente, uma cantora incomparável.

Dos mais escuros esconderijos do passado, dos mais luminosos castelos do futuro, dos pináculos dos céus e das profundidades da terra, as vozes da Noite se desprendem e voam até os mais recônditos lugares do universo. Em poderosas ondas elas rolam e giram em volta dos vossos ouvidos. Descarregai completamente os ouvidos para que as possais ouvir bem.

Aquilo que o Dia, alvoroçada e despreocupadamente apaga, a Noite restaura com sua extraordinária magia. Não se escondem a lua e as estrelas do ofuscamento do Dia? Aquilo que o Dia afoga na sua fantasiosa simulação, a Noite exalta nas suas extáticas canções. Até mesmo os sonhos das plantas ampliam o coro da Noite:

Apurais vossos ouvidos às esferas
Que cantam pelo céu afora.
Ouvi suas cantigas de ninar
Para o nenê gigante que dorme
No seu berço de areias movediças,
Para o rei dos mendigos vestidos de trapos,
Para o corisco agrilhado,
Para o deus envolto em faixas.

Escutai a Terra que ao mesmo tempo dá à luz,
Amamenta, cria, faz casar e enterra.
Escutai as feras rondando, na floresta;
Répteis, rastejando pela sela;
Insetos zunindo suas canções místicas,
Pássaros ensaiando, em seus sonhos,
Contos dos prados, cantigas dos regatos;
Árvores e arbustos e tudo que respira
Sorvendo a vida na taça da morte.

Do alto da montanha e do vale;
Do deserto e do mar;
Do ar e debaixo da relva
Lança-se um desafio ao Deus velado pelo Tempo.

Escutai as mães do mundo, —
Como choram, como se lamentam;

E os pais do mundo, —
Como gemem, como se afligem.
Escutai como seus filhos correm
Para o canhão e do canhão,
Censurando Deus e amaldiçoando o Destino,
Fingindo Amor e respirando ódio,
Bebendo devoção e suando medo,
Semeando sorrisos e colhendo lágrimas,
Estimulando com seu sangue vermelho
A fúria do dilúvio que se prepara.

Escutai como os seus estômagos encolhem
E as suas pálpebras inchadas piscam,
E os seus dedos mirrados vão às apalpadelas
Buscando a carcaça da esperança;
E seus corações se distendem e rebentam
De monte em monte e de pilha em pilha.

Escutai os motores satânicos zumbir
E as grandes cidades ruir;
As poderosas cidadelas
Dobrem os sinos de seus próprios funerais;
E os monumentos do passado
Cair nos atoleiros de lama.

Escutai as orações do justo
Soando, alegremente, em sintonia com os gritos de
luxúria.
E o balbuciar sem arte da criança
Em rapsódia com o perverso tagarelar,
O sorriso envergonhado da donzela
Gorjeando com a astúcia da prostituta;
E o êxtase do valente

Cantarolar as maquinações do velhaco.

Em todas as tendas e choças de todas as tribos e clãs,
As trombetas noturnas executam o hino de guerra do
Homem.

Mas a Noite, a feiticeira, funde as canções.
Os desafios, os hinos de guerra e tudo o mais,
Em canção, demasiado sutil, para ser ouvido.
Canção tão grandiosa, tão infinita no compasso,
De tão profundo tom, tão melodioso coro,
Que até o coro e sinfonia dos anjos,
Em comparação, não passam de ruído e murmúrio.
Essa é a canção de triunfo do Homem Liberto.
As montanhas cochilando no regaço da Noite;
Os desertos reminiscentes com suas dunas;
Os vales sonâmbulos, as estrelas errantes,
Os habitantes nas cidades dos mortos.
A Santa Triunidade e a Vontade Total
Saúdam e aclamam o Homem Liberto.

Felizes são aqueles que ouvem e compreendem.
Felizes são aqueles que, ao se encontrarem sós com a
Noite,
Sentem-se calmos, profundos e vastos como a própria
Noite;
Cujas faces não são feridas, no escuro, pelos males
Que eles não cometeram no escuro;
Cujos olhos não estão cheios das lágrimas
Que fizeram seus semelhantes verter;
Cujas mãos não coçam de más intenções e de ganância;
Cujos ouvidos não assobiam dos silvos de sua luxúria;
Cujos pensamentos não são mordidos pelos seus pensamentos;
Cujos corações não são moradas de todas as preocupações

Que surgem, ininterruptamente, de todos os cantos do Tempo;
Cujos receios não cavam túneis em seus cérebros;
Que podem dizer corajosamente à Noite: “Revela-nos o Dia”,
E dizer ao Dia: “Revela-nos a Noite”.
Sim, três vezes felizes são os que, estando a sós com a Noite,
Sentem-se tão à vontade, tão em paz, tão infinitos como a Noite.
Para eles, somente, é que a Noite canta a canção do Homem Liberto.

Se vós quiserdes enfrentar a calúnia do Dia, com a cabeça erguida e os olhos abertos, fazei por conquistar logo a amizade da Noite.
Sede amigos da Noite. Lavai, completamente, vossos corações, no próprio sangue da vida e colocai-o no coração da Noite. Confiai vossos ardentes desejos ao seio da Noite e imolai aos seus pés vossas ambições, para serdes livres pela Sagrada Compreensão. Sereis então invulneráveis a todos os dardos do Dia e a Noite testemunhará por vós, perante os homens de que realmente sois Homens Libertos.

Embora os dias febricitantes vos atirem para um lado e para outro;
E as noites sem estrelas vos envolvam em sua melancolia;
E sejais atirados às encruzilhadas do mundo,
Em que não há rastos ou sinais que vos mostrem o caminho,
Não temais nenhum homem ou circunstância,
Nem tenhais a menor sombra de dúvida

De que os dias e as noites, bem como os homens e as coisas,

Que os comandeis, pois tereis conquistado a confiança da Noite.

E o que conquista a confiança da Noite

Pode, facilmente, comandar o dia vindouro.

Dai ouvidos ao coração da Noite, pois nele bate o coração do Homem Liberto.

Se eu tivesse lágrimas, as ofereceria esta noite a todas as estrelas que cintilam e a todo grãozinho de pó; a todo regato marulhante e a toda cigarra cantora; a toda violeta que irradia no ar sua alma olorosa; a todo vento que sopra; a toda montanha e a todo vale; a toda árvore e a toda folha de capim; a toda paz e a toda beleza desta Noite. Derramaria minhas lágrimas diante delas, como apologia pela ingratidão e pela ignorância selvagem dos homens.

Os homens, escravos do nefasto “Vintém”, estão ocupados no serviço do seu senhor, excessivamente ocupados para que possam dar atenção a qualquer voz ou vontade que não sejam a sua própria voz e a sua própria vontade.

E pavoroso é o negócio do senhor dos homens. É transformar o mundo em um matadouro em que eles são os magarefes e o gado a ser abatido. E assim, embebedados pelo sangue, os homens matam os homens na ilusão de que o que mata herda a parte dos que são mortos, em todas as riquezas da terra e da munificência dos céus.

Infelizes ingênuos! Desde quando um lobo se torna cordeiro por ter matado outro lobo? Desde quando a serpente se torna pomba por ter esmagado e devorado outras serpentes? Desde quando um homem, por matar outro homem, só herda as suas alegrias, sem herdar

também as suas tristezas? Desde quando um ouvido furando outros ouvidos, se torna mais afinado para com as harmonias da Vida, ou um olho se torna mais sensível às emanções da Beleza, em furando outros olhos?

Haverá um homem ou grupo de homens que possa exaurir as bênçãos de uma só hora, seja de pão e vinho ou de luz e de paz? A Terra não dá à luz mais entes do que pode alimentar. Os céus não exigem nem furtam a subsistência de seus filhos.

Mente aquele que diz aos homens: “Quem quer encher a sua arca de prata, tira a vida alheia e herda daquele a quem mata”.

Como pode ele prosperar com as lágrimas, o sangue e a agonia dos homens que não puderam prosperar no seu amor e no leite e no mel da Terra, e na profunda afeição dos céus?

Mentem aqueles que dizem aos homens: “Cada nação para si própria”.

Como poderia a centopéia caminhar para frente um só centímetro se cada uma de suas pernas se movesse em uma direção diferente, ou impedir o progresso das outras ou planejar a destruição das outras? Não é por acaso a humanidade um monstro centípede cujas pernas são as várias nações?

Mente quem diz aos homens: “Dirigir é uma honra, ser dirigido é uma vergonha”.

Não é o cocheiro guiado pelo burro que o transporta? Não está o carcereiro preso ao dever de vigiar o encarcerado?

Na verdade, o burro dirige o seu cocheiro e o criminoso prende o seu carcereiro.

Menta quem diz aos homens: “Ganha a corrida o mais esperto, o direito pertence ao mais forte”.

A vida não é uma corrida disputada com os músculos e a força. O aleijado e o mutilado muitas vezes alcançam a vitória muito mais rapidamente do que o sadio. E, às vezes, até um mosquito vence o gladiador.

Mente aquele que diz aos homens que o mal não pode ser corrigido senão pelo mal. Um mal superposto a outro, jamais poderá tornar-se um bem. Deixai em sossego o mal e em pouco tempo ele se destruirá a si mesmo.

Mas os homens são crédulos para com a filosofia de seu senhor, o Vintém e os seus vorazes abutres; acreditam piamente e religiosamente cumprem as suas mais disparatadas fantasias, ao passo que não ouvem a Noite que canta e prega a libertação, e nem ao próprio Deus ouvem ou n'Ele confiam. E vós, companheiros, sereis por eles marcados, como doidos ou impostores.

Não fiqueis ofendidos com a ingratiidão e a dolorosa zombaria dos homens; trabalhai com amor e interminável paciência, para libertá-los de si mesmos e do dilúvio de fogo e sangue, que em breve virá sobre eles.

Já é tempo dos homens pararem de matar os homens.

O sol, a lua e as estrelas estão desde a eternidade esperando ser vistos e ouvidos e compreendidos; o alfabeto da Terra aguarda ser decifrado; as estradas do Espaço esperam ser viajadas; o fio enredado do Tempo aguarda ser desenredado; a fragrância do Universo, ser inalada; as catacumbas da Dor, serem demolidas; a caverna da Morte, ser devastada; o pão da Compreensão ser provado; e o Homem, Deus enfaixado, ser libertado de suas faixas.

Já é tempo dos homens pararem com a pilhagem dos homens e unirem fileiras para levarem à frente a tarefa comum. Imensa é a tarefa, porém doce será a vitória. Tudo mais, em comparação, é banal e vazio.

Sim, já é tempo. Poucos, todavia, darão ouvidos. Os outros terão que aguardar novo chamado — nova alvorada.

CAPÍTULO 34

Acerca do Ovum Materno.

MIRDAD: No silêncio desta noite, Mirdad gostaria que vós meditásseis sobre o Ovum Materno.

O Espaço e tudo o que nele há, é um ovo cuja casca é o Tempo. Este é o Ovum Materno.

Envolvendo este Ovum, como ar envolve a Terra, está Deus Manifestado, o Macro-Deus, a vida incorpórea, infinita e inefável.

Encerrado neste Ovum está Deus Latente, o Micro-Deus, a Vida englobada, também infinita e inefável. Conquanto imensurável no que se refere às medidas humanas, o Ovum Materno tem limites. Embora ele próprio não seja infinito, está cercado pelo infinito em todos os lados.

Os inúmeros ova (plural latino de ovum), representando todas as coisas e seres, visíveis e invisíveis, estão de tal modo arrumados dentro do Ovum Materno, que o maior em expansão contém o imediatamente menor, com espaços intermediários, até o ovum menor de todos, que é o núcleo central, encerrado no espaço-tempo infinitesimal.

Um ovum dentro de um ovum, dentro de outro ovum, desafiando os números humanos, todos fertilizados por Deus: — eis aí o Universo, meus companheiros.

No entanto, percebo que minhas palavras são muito escorregadias para as vossas mentes, mas a boa vontade as tornará em degraus seguros e firmes, que vos hão de levar à perfeita Compreensão. Firmai-vos em mais do que

palavras e em mais do que vossas mentes, se desejardes chegar às alturas a que Mirdad deseja que chegueis.

As palavras são, quando muito, relâmpagos que revelam horizontes; elas não são o caminho para esses horizontes, muitos menos os próprios horizontes. Por isso, quando vos falo do Ovum e dos ova, do Macro-Deus e do Micro-Deus, não vos apegueis à letra, mas segui o relâmpago. Assim verificareis que minhas palavras são poderosas asa para vossa claudicante compreensão.

Meditai sobre a Natureza que vos cerca. Não verificais que está construída sobre os princípios do ovum? Sim, é do ovum que ireis encontrar a chave de toda criação.

É um ovum vossa cabeça, vosso coração e vossos olhos. E ova são todos os frutos e sementes. É um ovum toda gota de água, e ovum é o espermatozóide de qualquer criatura viva; e as inúmeras esferas que traçam suas rotas sobre a face dos céus — não são todas elas ova que contêm a quintessência da Vida? — o Micro-Deus em vários estágios de desenvolvimento? Não está toda a Vida, sendo constantemente incubada, a sair de um ovum para tornar a entrar em outro ovum?

Realmente miraculoso e contínuo é o progresso da criação. A corrente da Vida da superfície do Ovum Materno parte do centro e do centro vai, ininterruptamente, para a periferia. À medida que se vai expondo no Tempo e no Espaço, o Micro-Deus e o núcleo central passa de ovum a ovum, da mais baixa à mais alta ordem de Vida, sendo a mais baixa a de menor expansão e a mais alta a de maior expansão no Tempo e no Espaço, variando o tempo necessário para a passagem do ovum de uma para outra ordem, de um piscar olhos, em alguns casos, até um éon em outros. E assim prossegue o processo até que a casca

do Ovum Materno é rompida e o Micro-Deus emerge como Macro-Deus.

A Vida, pois, é um desenvolvimento, um crescimento e um progresso; não, porém, como os homens consideram e falam sobre o crescimento e o progresso, pois crescimento para eles é um acréscimo de volume e progresso, o caminhar para frente. O crescimento, porém, é uma expansão total no Tempo e no Espaço e o progresso é um movimento que se estende, igualmente, em todas as direções: para trás, bem como para frente, para baixo e para os lados, bem como para cima. Portanto, o crescimento fundamental, é o crescimento do Espaço; e o progresso fundamental é o avançar do Tempo, fundindo-se no Macro-Deus e atingindo a sua libertação das cadeias do Tempo e do Espaço, que é a única liberdade que merece tal nome. E é esse o destino traçado para o Homem.

Meditai bem sobre estas palavras, ó monges. A não ser que o vosso próprio sangue as assimile com satisfação, vossos esforços para vos libertardes e para libertar os outros poderão acrescentar mais elos às vossas cadeias e às do vosso próximo. Mirdad quer fazer-vos compreender que podereis auxiliar todos os que anseiam a também compreender. Mirdad quer que vos liberteis para que possais guiar para a Liberdade a raça daqueles que anseiam por se libertarem. Eis porque tentará elucidar ainda melhor este princípio do ovum, especialmente naquilo que se refere ao Homem.

Todas as ordens de seres, abaixo do Homem, estão incluídas em um grupo de ova. Há, pois, para as plantas, tantos ova quantas variedades de plantas existem, as mais evoluídas encerrando as menos evoluídas. O mesmo quanto aos insetos, peixes e mamíferos; sempre os mais

evoluídos encerrando todas as ordens da Vida, abaixo delas, até o núcleo central.

Assim como a gema e a clara dentro de um ovo comum serve para alimentar e desenvolver o embrião nele encerrado, também todos os ova, encerrados em qualquer ovum, servem para alimentar e desenvolver o Micro-Deus ali encerrado.

Em cada ovum sucessivo, o Micro-Deus encontra um alimento espaço-tempo ligeiramente diferente daquele que lhe foi fornecido pelo ovum precedente. Daí a diferença na expansão espaço-tempo. Ele é difuso e informe no Gás e se torna mais concentrado no Líquido quando então se aproxima de uma forma; no Mineral assume uma forma definida e com uma fixidez permanente enquanto está desprovido de quaisquer atributos da Vida conforme se manifestam nas formas superiores. No Vegetal, toma forma com a capacidade de crescer, multiplicar-se e sentir; no Animal sente, move-se, propaga-se e possui memória e rudimentos da capacidade de pensar. Mas no Homem, além de tudo isso, adquire a personalidade e a capacidade de contemplar, de expressar-se e de criar. Verdade é que a criação do Homem, em comparação com a de Deus, é semelhante a um castelo de cartas construído por uma criança, comparando a um magnífico templo ou um elegante castelo construído por um superarquitecto. Não obstante, é uma criação.

Cada homem se torna um ovum individual, o mais evoluído encerrando o menos evoluído e também todos os animais, vegetais ova inferiores, até o núcleo central. Enquanto o mais evoluído — o Liberto — encerra todos os ova humanos e subhumanos.

O tamanho do ovum que encerra qualquer homem é medido pela amplitude dos horizontes de espaço-tempo

desse homem. Enquanto a consciência do Tempo de um determinado homem não ultrapassa o curto período que vai de sua infância até o momento presente, e seus horizontes de Espaço não abrangem mais do que seus olhos podem alcançar, os horizontes de outro, abrangem passados imemoráveis e futuros, muito além em distância e léguas de espaço, ainda não atingidos pelos seus olhos.

O alimento fornecido a todos os homens, para seu desenvolvimento é o mesmo; não é, porém, a mesma, a sua capacidade de alimentar-se e de digerir, pois não saíram do mesmo ovum na mesma ocasião e no mesmo lugar. Daí a diferença nas suas expansões de espaço-tempo; e aí está o motivo de não se encontrarem dois exatamente iguais.

Da mesma mesa, tão rica e prodigamente posta, diante dos homens, um se banqueteia com a pureza e a beleza do ouro e se satisfaz, enquanto o outro se banqueteia com o próprio ouro e está sempre com fome. O caçador, em vendo uma corça, é impelido a matá-la e comê-la. O poeta, ao ver a mesma corça é transportado, como se tivesse asas, aos espaços-tempos, com os quais o caçador jamais sonha. Micayon, vivendo na mesma Arca em que vive Shamadam, sonha com a liberdade final e o alto da montanha da libertação das cadeias do Tempo e do Espaço, enquanto Shamadam está constantemente se amarrando com laços cada vez mais compridos e mais fortes de Espaço e de Tempo. Na realidade Micayon e Shamadam, embora se acotovelem, estão muito longe um do outro. Micayon contém Shamadam; porém Shamadam não contém Micayon. Por isso Micayon pode compreender Shamadam, mas Shamadam não pode compreender (*) Micayon.

(*) – É curioso verificar que, etimologicamente, em português, a palavra compreender significa prender conjuntamente, sendo por isso sinônimo de abranger, o que está em perfeito acordo com o texto.

A vida de um Liberto toca a vida de todos os homens por todos os lados, pois contém as vidas de todos os homens. No entanto, a vida de nenhum homem toca, por todos os lados a vida de um Liberto. Ao homem mais simples, o Liberto dá a impressão do mais simples dos homens. O altamente evoluído, o reconhece como altamente evoluído. Mas há certos aspectos do Liberto que somente outro Liberto pode perceber e compreender. Eis porque ele é um solitário, e se sente como quem está no mundo, porém, não é do mundo.

O Micro-Deus não quer permanecer encerrado. Está sempre trabalhando pela sua libertação, da prisão no Tempo e no Espaço, usando uma inteligência muito superior à humana. Nos entes inferiores, os homens a chamam de instinto. Nos homens superiores, a chamam de senso profético. E é tudo isso e muito mais do que isso. É aquele poder sem nome a que alguns deram, muito adequadamente, o nome de Espírito Santo e que Mirdad denomina de Espírito da Sagrada Compreensão.

O primeiro Filho do Homem que furou a casca do Tempo e atravessou a fronteira do Espaço foi chamado com muita razão, o Filho de Deus. Sua compreensão da divindade é, adequadamente, denominada Espírito Santo. Podeis estar certos de que vós também sois filhos de Deus e que também em vós o Espírito Santo procura entrar. Trabalhai com Ele e jamais contra Ele.

Enquanto, porém, não houverdes furado a casca do Tempo e atravessado a fronteira do Espaço que ninguém diga “EU

SOU DEUS”. Antes diga “DEUS É EU”. Conservai bem isto em vossa mente para que o orgulho e vã imaginação não corrompam os vossos corações e milite contra o trabalho do Espírito Santo, dentro de vós, pois a maior parte dos homens trabalha contra o Espírito Santo, adiando a libertação final.

Para conquistar o Tempo, tereis que, com o Tempo, combater o Tempo. Para vencer o Espaço tereis de deixar que o Espaço devore o Espaço. Fazer-se de amável anfitrião de qualquer deles é permanecer prisioneiro de ambos e refém das infundáveis travessuras do Bem e do Mal.

Aqueles que descobriram o seu destino e anseiam por vivê-lo, não perdem tempo embalando o Tempo, nem passos andando no Espaço. No intervalo de uma curta vida poderão enrolar os eons e aniquilar imensas vastidões. Não esperam que a Morte os leve a um ovum próximo aos deles; confiam em que a Vida os auxiliará a perfurar a casca de muitos ova de uma só vez.

Para isso precisais estar desapegados de tudo para que o Tempo e o Espaço não tenham domínio sobre os vossos corações. Quanto mais possuídes, mais sereis possuídos. Quanto menos possuídos, menos sereis possuídos.

Sim, sede destituídos de tudo, exceto de vossa Fé, vosso Amor e vosso anseio pela libertação, por meio da Sagrada Compreensão.

CAPÍTULO 35

Centelha no caminho que conduz a Deus

MIRDAD: No silêncio desta noite, Mirdad lançará algumas faíscas no vosso caminho, em direção a Deus.

Evitai as discussões. A Verdade é um axioma, não necessita de prova. Tudo que necessita ser sustentado com argumentos e provas, mais tarde ou mais cedo é derrubado com provas e argumentos.

Provar algo é negar o seu oposto. Provar o oposto é negar o que havia sido afirmado. Deus não tem opostos. Como podereis prová-Lo ou negá-Lo?

Para ser instrumento da Verdade, a língua jamais poderá ser um instrumento de flagelo, um dente que rasgue a carne, um catavento, um acrobata ou um abutre.

Falai para aliviar o está em falta. Calai para vos aliviar.

As palavras são barcos que navegam pelos mares do Espaço e tocam em muitos portos. Tende cuidado com a espécie de carga, com que os carregais: pois tendo seguido seu curso, terminarão por descarregar sua carga à vossa porta.

Assim como a vassoura é para a casa, a “busca-de-si-mesmo” o é para o coração. Varrei bem os vossos corações.

Um coração bem varrido é uma fortaleza inconquistável.

Conforme vós vos alimentardes dos homens e das coisas, também eles e elas, de vós se alimentarão. Sede alimento sadio para o próximo, se não quiserdes ser envenenados.

Quando estiverdes em dúvida sobre o passo que deveis dar a seguir, permanecei parados. Vós sois desagradáveis às coisas que vos desagradam. Apreciai-as e deixai-as em paz, removendo assim um obstáculo do vosso caminho.

A mais insuportável praga é considerar algo como uma praga.

Escolhei entre estas duas coisas: possuir tudo ou nada possuir. Nenhum meio termo é possível.

Toda pedra de tropeço é um aviso. Lede cuidadosamente o aviso e a pedra de tropeço se tornará um farol.

O ereto é irmão do corcunda. O primeiro é um atalho, o segundo o caminho que dá a volta. Tende paciência com o corcunda.

A paciência é saúde quando se apóia na Fé. Quando não está acompanhada de Fé, é paralisia.

Ser, sentir, pensar, imaginar, saber — Cuidado com a seqüência certa dos estágios, no circuito da vida humana.

Cuidado ao elogiar e ao receber elogios, mesmo quando sinceros e merecidos. Quanto à lisonja, sede surdos e mudos às suas pérfidas promessas.

Tomais emprestado tudo quanto dais, quando sois conscientes de estar dando.

Na realidade nada que seja vosso podereis dar. Só podeis dar aos homens aquilo de que sois depositários para eles. Aquilo que na verdade é vosso — e exclusivamente vosso — não o podereis dar, nem mesmo se assim o desejásseis.

Conservai-vos equilibrados e sereis o padrão e a balança para os homens medirem-se e pesarem-se, a si mesmos.

Não há pobreza nem riqueza. Há a habilidade de usar as coisas.

Realmente pobre é aquele que usa mal o que tem. Realmente rico é o que usa bem o que possui.

Até mesmo uma côdea de pão pode ser uma riqueza incalculável. E mesmo, um celeiro transbordante de ouro, pode ser pobreza irremediável.

Quando muitas estradas convergem, não precisais hesitar quanto àquela a tomar. Para o coração que busca a Deus, todas as estradas a Deus conduzem.

Aproximai-vos reverentemente de todas as formas de Vida. Na mais insignificante delas, está escondida a chave da mais significativa.

Todas as formas de Vida são significativas — sim, maravilhosas, transcendentas e inimitáveis. A Vida não se ocupa de ninharias inúteis.

Para sair das oficinas da Natureza, a obra precisa ser merecedora do amoroso cuidado da Natureza e da mais meticulosa arte. Não será também merecedora do vosso respeito?

Se os mosquitos e as formigas merecem respeito, que dizer dos nossos semelhantes?

A ninguém desprezais. É melhor ser desprezado por todos os homens, a desprezar um só deles.

Desprezar um homem é desprezar o Micro-Deus que nela há. E desprezar o Micro-Deus, em qualquer homem, é desprezá-Lo em vós mesmos. Como pode alguém atingir o seu porto de refúgio, se escarnece do único piloto que o pode conduzir a esse porto?

Olhai para cima para que possais ver o que está em baixo. Olhai para baixo, a fim de que possais ver o que está em cima.

Descei o quanto houverdes subido; caso contrário perderei o equilíbrio.

Hoje sois alunos; amanhã sereis professores. Para serdes bons professores, deveis ser bons alunos.

Não deveis tentar eliminar o Mal do mundo; até mesmo a erva daninha serve de bom adubo.

Somente árvores altas e fortes não fazem a floresta. É preciso sempre que haja alguns arbustos e trepadeiras.

A hipocrisia pode ser conservada e encoberta durante algum tempo; não o pode ser para sempre; nem pode ser destruída e exterminada.

As paixões escuras se geram e prosperam nas trevas. Colocai-as à luz e sua geração diminuirá.

Se dentre mil hipócritas conseguirdes trazer um único à simples honestidade, em verdade vos digo, que grande terá sido o vosso sucesso.

Acendei um farol e não andeis a chamar os homens para que o veja. Aqueles que necessitarem de luz, não precisarão ser convidados a ela.

A sabedoria é uma carga para o semi-sábio, assim como a tolice o é para o tolo. Ajuda o semi-sábio a carregar sua carga e deixa de lado o tolo; o semi-sábio poderá ensiná-lo melhor do que vós.

Muitas vezes achareis que o vosso caminho é intransitável, sombrio e falto de companheiros. Sedes perseverantes e continuai a trilhá-lo; ao chegar a cada curva encontrareis um novo companheiro.

Nenhuma estrada no Espaço sem trilhas, ainda está sem ter sido usada. Quando os rastros são escassos e distantes um dos outros, o caminho é seguro e reto, embora rude e solitário em alguns trechos.

Os guias podem mostrar o caminho àqueles a quem deve ser mostrado, porém não os podem obrigar a trilhá-lo. Lembrai-vos de que sois guias.

Para bem guiar, alguém precisa ser bem guiado. Confiai no vosso Guia.

Muitos vos dirão: “Mostrai-nos o caminho”. Muito poucos, pouquíssimos vos dirão: “Por favor, guiai-nos pelo caminho”.

No caminho da realização, o pouco vale mais do que o muito.

Engatinhai, onde não puderdes andar. Andai, onde não puderdes correr. Correi, onde não puderdes voar. Voai, onde não puderdes fazer o universo parar, dentro de vós.

Não uma vez, nem duas, nem mesmo cem vezes, deveis levantar o homem que tropeça ao tentar seguir a vossa

orientação. Continuai a levantá-lo até que não tropece mais, lembrando-vos de que vós também já fostes crianças.

Ungi os vossos corações e vossas mentes com o perdão, para que possais sonhar sonhos ungidos.

A Vida é uma febre de intensidade variável e de diversas espécies, dependente da obsessão de cada homem, e os homens estão sempre em delírio. Bem aventurados os que deliram com a Sagrada Liberdade, que é fruto da Sagrada Compreensão.

As febres do homem são transmutáveis. A febre da guerra pode ser transmutada na febre da paz; a febre de acumular ouro, em febre de acumular amor. Essa é a alquimia do Espírito, que sois chamados a praticar e ensinar.

Pregai Vida ao que está morrendo; e ao que está vivendo, pregai Morte. Mas àqueles que anseiam pela Realização, pregai o libertar-se de ambas.

Grande é a diferença entre “prender” e “ser preso”. Prendeis somente aquilo que amais. Aquilo que odiais vos prende. Evitai o serdes presos.

Mais Terras estão girando em seus trajetos pelos vácuos do Tempo e do Espaço. A vossa é a mais jovem da família e que robusta criança ela é!

Um movimento estacionário — que paradoxo! No entanto é esse o movimento dos mundos em Deus.

Olhai para os dedos de vossas mãos, para verificardes como as coisas diferentes podem ser iguais.

O Acaso é o brinquedo dos sábios... Os tolos são os brinquedos do Acaso.

Nunca vos queixeis de coisa alguma. Queixar-se de alguma coisa é transformá-la em um flagelo do queixoso. Suportá-la bem é flagelá-la bem. Mas compreendê-la, é torná-la uma serva fiel.

Muitas vezes sucede que o caçador, visando uma corça, atira e erra, matando um coelho cuja presença nem havia notado. O caçador hábil, nesse caso, dirá: “Era realmente o coelho que eu havia visado e não a corça. E obtive a minha caça”.

Visai bem, e qualquer resultado será um bom resultado. Jamais errareis uma visada, se aquilo que mirais vos visa. Uma visada que se erra é sempre uma visada atingida. Tornai os vossos corações à prova de decepções. As decepções são aves de rapina criadas por corações fracos, que descem aos cadáveres de suas esperanças abortadas.

Uma esperança que se realiza, torna-se mãe de muitas esperanças que nascem mortas. Cuidado! Não deis os vossos corações em casamento à Esperança, se não quereis que eles se transformem em cemitérios.

Uma em cada cem ovas, lançadas ao mar, por um peixe, pode dar origem a um peixinho. No entanto, as outras noventa e nove não são perdidas. A Natureza se mostra, assim, pródiga e discriminadamente indiscriminada. Sede igualmente pródigos e, discriminadamente indiscriminados em semear os vossos corações nos corações e mentes dos homens.

Não busqueis recompensa alguma pelo trabalho feito. O trabalho é recompensa suficiente para o trabalhador que ama o seu trabalho.

Lembrai-vos da Palavra Criadora e do Equilíbrio Perfeito. Quando houverdes atingido esse Equilíbrio, por meio da Sagrada Compreensão, só então vos tereis tornado libertos e então vossas mãos colaborarão com as mãos de Deus.

Possam, a paz e o silencio desta noite, vibrar em vós, até que os afogueis na paz e no silêncio da Sagrada Compreensão.

Assim ensinei eu a Noé.
Assim eu agora vos ensino.

CAPÍTULO 36

O dia da Arca e os seus rituais.

A mensagem do príncipe de Bethar a respeito da lâmpada viva.

Naronda: Desde que o Mestre voltara de Bethar, Shamadam andava amuado e retraído. Ao chegar, porém, o Dia da Arca, tornou-se animado e vivo, tomando a direção pessoal dos intrincados preparativos, até nos mínimos pormenores.

Tal como o Dia da Videira, o Dia da Arca havia sido prolongado de um único dia, para uma semana inteira, de alegres festividades e animado comércio de toda sorte de mercadorias e bens móveis.

Dos muitos rituais peculiares a este Dia, os mais importantes são: a matança de um boi para ser oferecido em sacrifício, o acendimento do fogo do sacrifício e o acendimento, nesse fogo, da nova lâmpada que deve substituir a antiga no altar. Tudo isso é executado pelo Superior, com grande cerimônia a que o público assiste, terminando cada assistente por acender a sua vela na nova lâmpada, velas essas que são depois apagadas e zelosamente conservadas como talismãs, contra os maus espíritos. No fim do cerimonial, é costume o Superior fazer um sermão.

Os peregrinos do Dia da Arca, tal como os do Dia da Videira, raramente deixam de trazer alguns presentes e donativos de qualquer espécie. A maior parte traz bois,

bodes ou carneiros, aparentemente para serem sacrificados, juntamente com o boi oferecido pela Arca, mas que na realidade se destinam a aumentar o rebanho da Arca e não a serem abatidos. A nova lâmpada é, em geral, presenteada por algum príncipe ou magnata das Montanhas Alvas. E, como é considerado uma grande honra e um privilégio fazer esse presente, e como os concorrentes são muitos, estabeleceu-se o costume de fazer-se a escolha, todos os anos, por sorteio, executado no encerramento das festividades do ano anterior. Os príncipes e magnatas rivalizam-se em zelo e devoção, cada qual desejando que a sua lâmpada supere todas as anteriores em custo, beleza de desenho e riqueza de artesanato.

A sorte, para este ano, havia designado o príncipe de Bethar. Todos aguardavam ansiosos para verem a nova lâmpada, pois o príncipe era famoso pela sua riqueza generosa, bem como pelo seu fervor para com a Arca.

Na véspera desse dia, Shamadam chamou-nos, bem como ao Mestre, à sua cela e nos disse o que segue, dirigindo-se ao Mestre do que a nós:

Shamadam: Amanhã será dia santo, e devemos comportar-nos de modo a conservá-lo santo.

Sejam quais forem as dissensões do passado, vamos enterrá-las aqui e agora. A Arca não deve sofrer um retardamento no seu progresso ou uma diminuição do seu ardor. E Deus não permita que tenha de parar.

Eu sou o Superior desta Arca. O meu pesado dever é comandá-la. Fui investido do direito de lhe traçar a rota. Este dever e este direito me foram conferidos por sucessão, como certamente o serão a um de vós quando eu

morrer. Assim como esperei a minha vez, esperai pela vossa.

Se fiz mal a Mirdad, ele que perdoe a minha injustiça.

MIRDAD: Não fizeste mal a Mirdad, mas o fizeste, e gravemente, a Shamadam.

Shamadam: E não é Shamadam livre para fazer mal a Shamadam?

MIRDAD: Livre para fazer mal? Como são incoerentes essas palavras! Fazer mal, embora seja a si mesmo, é ficar escravo do mal que se pratica. Ao passo que fazer mal a outrem, é ficar escravo do escravo. Como pesa o mal!

Shamadam: E se estou disposto a suportar o peso do meu erro, a ti que te importa?

MIRDAD: Diria um dente cariado à boca: “Que te importe a minha dor, se estou disposto a suportá-la?”

Shamadam: Deixa-me! Deixa-me! Retira de mim a tua mão pesada e não me flageles com a tua língua esperta. Deixa-me viver o resto dos meus dias como os tenho vivido e trabalhado até hoje. Vai e constrói a tua arca em qualquer outro lugar, mas deixa esta Arca. O mundo é bastante grande para ti e para mim, para a tua arca e para a minha. Amanhã é o meu dia. Fica de fora e deixa-me executar o meu trabalho, pois não vou tolerar a interferência da parte de nenhum de vós.

Tende cuidado! A vingança de Shamadam é terrível como a de Deus. Tende cuidado! Tende cuidado!

Naronda: Ao sairmos da cela do Superior, o Mestre sacudiu a cabeça e disse:

MIRDAD: O coração de Shamadam ainda é o coração de Shamadam.

Naronda: Na manhã seguinte, para gáudio de Shamadam, as cerimônias se executaram pontualmente e sem quaisquer incidentes desagradáveis, até o momento em que a nova lâmpada deveria ser apresentada e acesa.

Nesse momento, um homem muito alto e imponente, vestido de branco, começou a abrir caminho com dificuldade por entre a multidão, dirigindo-se ao altar. Num instante, um sussurro passou de boca em boca: o homem era um emissário especial do príncipe de Bethar, que trazia a nova lâmpada e todos estavam ansiosos para ver o precioso tesouro.

Shamadam curvou-se diante do mensageiro, acreditando que ele trouxesse o precioso presente para o novo ano. Mas o homem, tendo dito algo em voz baixa a Shamadam, tirou do bolso um pergaminho e, depois de explicar que era a mensagem do príncipe de Bethar, que o havia encarregado de apresentar pessoalmente, começou a ler:

Emissário do Príncipe de Bethar: Do ex-príncipe de Bethar a todos os seus concidadãos das Montanhas Alvas, reunidos neste dia na Arca — paz e amor fraternal.

De minha fervorosa devoção pela Arca, todos vós sois testemunhas vivas. Como a honra de presentear a lâmpada para este ano me tocou, não poupei esforços nem riqueza para que o meu presente fosse digno da Arca. E meus esforços foram recompensados, pois a lâmpada que a

minha riqueza e a habilidade de meus artesãos finalmente criaram era uma verdadeira maravilha para se ver.

Deus, porém, foi clemente e bondoso e não quis que eu expusesse a minha pobreza miserável, e por isso me levou a conhecer uma lâmpada cuja luz é ofuscante e inextinguível, cuja beleza é insuperável e inoxidável. Ao possuir esta lâmpada fiquei terrivelmente envergonhado por ter algum dia pensado que a minha outra lâmpada tinha qualquer valor. Lancei-a, pois, ao monte de lixo.

E é esta lâmpada viva, não trabalhada por mãos de homens, que eu com todo empenho, confio a todos vós. Daí uma festa a vossos olhos contemplando-a e nela acendei as vossas velas. Vede, está ao vosso alcance: o nome é MIRDAD.

“Assim sejais dignos da sua Luz”.

Naronda: Mal havia ele pronunciado as últimas palavras e Shamadam, que estivera de pé a seu lado, subitamente desapareceu, como se fosse um fantasma. O nome do Mestre correu pela imensa multidão como uma rajada de poderoso vento, através de uma floresta virgem. Todos queriam ver a lâmpada viva, da qual o príncipe de Bethar falara com tanto entusiasmo em sua mensagem.

Dentro em pouco, se viu o Mestre subir os degraus do altar e voltar-se para a multidão. E, subitamente, aquela massa humana se comportou como um só homem, atenta, ansiosa e alerta. Então o Mestre falou e disse:

CAPÍTULO 37

O Mestre avisa a multidão sobre o dilúvio de fogo e sangue, ensina o caminho de salvação e lança a sua Arca.

MIRDAD: Que buscai em Mirdad? Uma lâmpada de ouro, cravejada de pedras preciosas, para decorar o altar? Mas Mirdad não é ourives nem joalheiro, embora seja um farol e um porto.

Ou buscais um talismã que vos proteja do mau olhado? Talismãs, Mirdad os têm em quantidade, porém de outra espécie.

Ou procurais uma luz com a qual possais caminhar em segurança, cada um no caminho que lhe foi destinado? Na realidade isso é muito estranho! Tendes o sol, a lua, as estrelas e ainda temeis tropeçar e cair?! Ou os vossos olhos são inadequados à luz, ou a luz é escassa para os vossos olhos. E qual de vós poderia passar sem os olhos? Quem acusaria o sol de ser avarento?

De que valem os olhos que impedem que os pés tropecem no seu caminho, mas que deixam o coração tropeçar e sangrar ao andar inutilmente e às apalpadelas, à procura de um caminho?

De que vale a luz que enche os olhos, mas deixa o espírito vazio e sem iluminação?

Que buscais em Mirdad? Se buscais ver corações e espíritos banhados na luz que desejais e pela qual clamais, então realmente o vosso clamor não é em vão, pois eu só cuido do espírito e do coração do Homem.

Que trouxestes como ofertas neste Dia, que é um dia de gloriosa Realização? Trouxestes bodes, carneiros e bois? Que ínfimo preço quereis pagar pela vossa Libertação! No entanto, é muito mais reduzido o preço da Libertação que deveis comprar.

Não seria glória alguma para um homem ser libertado à troca de um bode. E é realmente uma grande desgraça para qualquer homem oferecer a vida de um pobre bode, como remissão pela sua.

Que tendes vós feito para participar do espírito deste Dia, que é um dia de Fé revelada e Amor supremamente justificado?

Para dizer o que é certo, tendes praticado uma multiplicidade de ritos e murmurado várias orações. Mas a dúvida vos tem acompanhado em cada movimento e o ódio tem dito: “Amém”, a cada oração.

Não estais aqui para celebrar a conquista do Dilúvio? Como podeis celebrar uma vitória que vos deixou vencidos?! Ao submeter as profundezas do seu próprio coração, Noé não submeteu as profundezas dos vossos, mas simplesmente vos mostrou o caminho. E na verdade as profundezas de vossos corações estão cheias de raiva e ameaçam naufragar-vos. Enquanto não superardes o vosso dilúvio, não merecereis este Dia.

Cada um de vós é um dilúvio, uma arca e um comandante. E enquanto não chegar o dia em que possais desembarcar em terra virgem e recém-lavrada, não tenhais pressa de celebrar a vitória.

Deveis saber como foi que o Homem se tornou um dilúvio para si próprio. Quando a Sagrada Vontade Total partiu Adão em dois, para que ele se conhecesse e compreendesse a sua unicidade com o Uno, então ele se tornou um Adão masculino e um Adão feminino. Foi então inundado de desejos que são os filhos da Dualidade, desejos tão numerosos, tão infinitos em aspectos, tão imensos em magnitude, tão torpes e tão prolíficos, que até hoje o homem é um naufrago sob as suas ondas. Mas uma onda o tem levado a vertiginosas alturas, e já outra o arrasta para o fundo. Isso porque os seus desejos são aos pares, como ele também é um par. E embora dois opostos realmente se completem um ao outro, para o ignorante eles

parecem agarrar-se, esmurrar-se e jamais querer dar-se um só momento de trégua.

Este é o dilúvio que o Homem é chamado a enfrentar, hora a hora, dia a dia, durante sua muito longa e árdua vida dual.

Este é o dilúvio, cujas fontes se abrem no coração e vos arrastam em sua correnteza.

Este é o dilúvio, cujo arco-íris não brilhará em vosso céu, enquanto o vosso céu não se houver casado com vossa terra e ambos sejam um.

Desde que Adão semeou-se em Eva, os homens têm colhido furacões e dilúvios. Quando predominam as paixões de certas espécies, a vida do homem sai fora do equilíbrio e os homens são engolidos por um ou outro dilúvio para que o equilíbrio se restabeleça. E o equilíbrio não se restabelecerá definitivamente enquanto o homem não aprender a amassar os seus desejos na masseira do Amor, para com eles assas o pão da Sagrada Compreensão.

O dilúvio que cobriu a Terra nos dias de Noé não foi o primeiro nem o último que a humanidade conheceu. Somente foi o que deixou marca mais alta na série dos dilúvios devastadores. O dilúvio de fogo e sangue, que em breve inundará a Terra, ultrapassará essa marca. Estais preparados para flutuar ou sereis submergidos?

Ai! Estais muito ocupados, acrescentando pesos sobre pesos; muito ocupados, envenenando vossa sangue com prazeres transbordantes de dor; muito ocupados, abrindo estradas que não vos levam a parte alguma; demasiado ocupados, apanhando sementes no quintal dos armazéns da Vida, sem ao menos espiar pelo buraco da fechadura. Como evitareis de ser submergidos, meus extraviados?

Vós, nascidos para voar nas alturas, para vagar pelo espaço infinito, para vencer o universo com vossas asas, vos engaiolastes na gaiola das cómodas convenções e crenças que vos cortam as asas, prejudicando a vossa vista e petrificando vossos músculos. Como escapareis do dilúvio vindouro, ó meus extraviados?

Vós, imagem e semelhança de Deus, já quase apagastes a semelhança e a imagem; vosso porte divino diminui, tornando-vos anões, a ponto de já não reconhecerdes de quem descendeis. Vossa fisionomia divina, a tendes enlameado e disfarçado com máscaras apalçadas. Como podereis enfrentar o dilúvio que provocastes, meus extaviados?

A não ser que deis ouvidos a Mirdad, a Terra jamais será para vós mais do que sepultura, e o Céu, nada mais do que mortalha. No entanto foram preparados, um para servir de berço, e outro, de trono.

Mais uma vez vos digo, Vós sois o dilúvio, a arca e o comandante. Vossas paixões são o dilúvio. Vosso corpo é a arca. Vossa fé o comandante. Vossa vontade tudo penetra. E acima de tudo isso, está a vossa compreensão.

Assegurai-vos de que a arca é estanque e pode navegar; não gasteis, porém, toda vossa vida nesse mister, pois não sabeis qual o dia em que ides navegar, e no fim, tanto vós como vossa arca apodreceríeis e naufragaríeis no mesmo local. Assegurai-vos de que o capitão é competente e calmo. Mas acima de tudo, aprendei a procurar as origens dos dilúvios e treinai vossa vontade para secá-los, um a um. Então, certamente o dilúvio se enfraquecerá e, finalmente, se acabará.

Queimai a paixão, ou ela vos queimará.

Não olheis para dentro da boca da paixão para verificardes se tem dentes agudos ou mandíbulas cobertas de mel. A

abelha que recolhe o néctar das flores, recolhe também o veneno.

Não analiseis o rosto da paixão para verificar se é simpático ou antipático. Para Eva, o rosto da serpente era mais simpático do que o de Deus.

Não coloqueis a paixão na balança para verificardes o seu peso. Quem compararia o pelo de um diadema com o de uma montanha? No entanto, o diadema realmente pesa muito mais do que a montanha.

E há paixões que cantam canções celestiais durante o dia, mas silvam, mordem e dão ferroadas sob a mortalha da noite; há paixões gordas e pesadas de alegria que rapidamente se transformam em esqueletos de tristeza; paixões de olhar dócil e suave que subitamente se tornam mais ferozes do que lobos, mais traiçoeiras do que hienas; paixões mais perfumadas do que rosas, enquanto nelas não se toca, e que são mais repugnantes do que abutres e gambás, tão logo se as toca ou se as puxa.

Não peneireis as vossas paixões, separando-as em boas e más, pois é tempo perdido. O bem não pode subsistir sem o mal; o mal não pode ter raízes, senão no bem.

A árvore do Bem e do Mal é uma só e um só é o seu fruto. Não podeis conhecer o sabor do Bem sem conhecer, ao mesmo tempo, o sabor do Mal.

O úbere do qual sugais o leite da Vida, é o mesmo que produz o leite da Morte. A mão que vos embala no berço, é a mesma que cava a vossa sepultura.

Esta é, meus extraviados, a natureza da Dualidade. Não sejais tão presunçosos e obstinados, a ponto de tentardes mudá-la. Não sejais tão tolos, a ponto de tentar rachá-la em duas metades, para ficardes com a que vos agrada a atirardes fora a outra.

Quereis dominar a Dualidade? Tratai-a como não sendo nem boa, nem má.

O leite da vida e da morte não se tornou já azedo em vossa boca? Não é tempo já de enxaguardes a boca com algo que não seja nem bom nem mal, por ultrapassar ambos? Não é tempo já de almejardes o fruto que não é doce nem amargo, pois não cresce na árvore do Bem e do Mal?

Quereis libertar-vos das muletas da Dualidade? Então arrancai a sua árvore — a árvore do Bem e do Mal — de vossos corações. Sim, arrancai-a com raízes e galhos, para que a semente da Vida Divina, a semente da Sagrada Compreensão, que está além de todo bem e de todo mal, possa germinar e brotar em seu lugar.

Não traz alegria a mensagem de Mirdad, direis vós. Rouba-nos a alegria de esperar pelo amanhã. Torna-nos espectadores estúpidos e desinteressados da vida, quando poderíamos ser competidores vociferantes, pois é doce competir, seja qual for o resultado da contenda. E é doce arriscar em uma corrida, mesmo que o prêmio seja uma ninharia.

Assim dizeis vós em vossos corações, esquecendo-vos de que vossos corações não mais vos pertencem, desde que suas rédeas estão nas mãos de boas e más paixões.

Para serdes donos de vossos corações, amassai todas as vossas paixões — boas e más — na masseira do Amor, para poderdes assá-las no forno da Sagrada Compreensão em que toda dualidade é unificada em Deus.

Cessai agora de criar dificuldades para um mundo em que já existe excesso de dificuldades.

Como pretendeis tirar água limpa de um poço, no qual incessantemente despejais toda sorte de lixo e de lama? Como podem as águas de uma lagoa estar claras e serenas, se a todo momento as agitais?

Não tireis a sorte para obter o sossego em um mundo desassossegado, pois podeis obter o Desassossego.

Não tireis a sorte para obter um amor em um mundo odioso, pois podeis obter Ódio.

Não tireis a sorte para obter a vida em um mundo agonizante, pois podeis obter a Morte. O mundo não vos pode pagar em outra moeda que não seja a sua — moeda que sempre tem duas faces.

Tirai, porém, a sorte com o vosso infinito EU-Divino, que é tão rico em pacífica Compreensão.

Não exijais do mundo o que não exigirdes de vós próprios. Nem exijais de homem algum aquilo que não permitirdes que ele exija de vós.

E que é aquilo que, se vos fosse concedido pelo mundo, vos auxiliaria a superar o vosso dilúvio e desembarcar em um mundo isento da dor e da morte, ligado ao céu por Amor eterno e pela paz da Compreensão? Será poder, bens, fama, autoridade, prestígio e respeito? Será a ambição realizada e a esperança concretizada? Todas estas coisas são fontes que alimentam o vosso dilúvio. Fora com isso tudo, fora, fora meus extraviados!

Permanecei calados para serdes explícitos.

Sede explícitos para que possais compreender explicitamente o mundo.

Quando bem compreenderdes o mundo, vereis como ele é pobre e incapaz de vos proporcionar o que procurais: liberdade, paz e vida.

Tudo o que o mundo vos pode dar é um corpo — uma arca na qual navegareis pelo mar da vida dual. E isso não deveis a homem algum neste mundo. É dever do universo vê-lo fornecer e sustentá-la; mantê-la limpa e seca para enfrentar o dilúvio; tão limpa e seca como a arca de Noé, para prender nela as feras e as manter sob vosso controle,

tal como Noé prendeu as feras e as manteve sob perfeito controle — é o vosso dever e somente vosso.

Ter uma fé desperta e de olhos vivos para metê-la ao leme, uma fé inabalável na Vontade Total, que é vosso guia para os bem-aventurados portões do Éden — esse é o vosso trabalho, e somente vosso.

Ter uma vontade intemerata para assumir o comando, uma vontade que se supere e participe da Árvore da Vida da Sagrada Compreensão, é também vosso trabalho, e somente vosso.

O Homem se dirige a Deus. Nenhum destino, aquém desse, vale o seu esforço. Que dizer se a rota for longa, com borrascas e tempestades? A Fé vinda de um coração puro e olhos vivos, não vencerá as borrascas e tempestades?

Apressai-vos. O tempo desperdiçado em preguiça está repleto de dores. E os homens, mesmo os mais ocupados, são na verdade, preguiçosos.

Todos vós sois arquitetos navais. E sois todos marujos. Essa é a tarefa que vos foi assinalada desde a eternidade para que possais navegar o oceano sem limites, que sois vós próprios e, afinal, encontrareis a harmonia inexprimível do Ser, cujo nome é Deus.

Todas as coisas precisam ter um centro, do qual irradiem e à volta do qual girem.

Se a vida — a vida do Homem — é um círculo e o encontrar a Deus for, portanto, o centro, então todo o vosso trabalho deverá ser concêntrico em relação a esse centro, ou será um devaneio, embora lavado em suor de sangue.

E como a tarefa de Mirdad é levar o Homem a seu destino — vede! — preparou para vós uma arca magnífica, uma arca bem construída e bem comandada. Não uma arca de

madeira, vedada com betume; nem para transportar corvos, lagartos e hienas. Mas uma arca de Sagrada Compreensão que, realmente, será um farol para todos os que anseiam pela Libertação. Seu lastro não será de frascos de vinho e prensas de lagar, mas de corações repletos de amor por tudo e por todos. Nem a sua carga será de terras e bens móveis, prata, ouro e jóias, mas de almas divorciadas de suas sombras e vestidas da luz e da liberdade da Compreensão.

Que venham para a bordo aqueles que querem partir as amarras que os prendem à Terra, aqueles que desejam ser unificados e aqueles que anseiam por Libertar-se.

A Arca está pronta
O vento é favorável.
O mar está sereno.
Assim ensinei eu a Noé.
Assim eu agora vos ensino.

Naronda: Quando o Mestre parou, um sussurro correu pela assembléia, que até então estivera imóvel como se houvesse suspenso até a respiração para ouvir as palavras dEle.

Antes de descer os degraus do altar, o Mestre chamou os Sete, pediu a harpa e, com auxílio deles, começou a cantar o hino da Nova Arca. A multidão logo aprendeu a melodia e como uma onda poderosa enviava aos céus o doce estribilho:

Deus é o comandante, navega minha Arca!

Aqui termina a parte do Livro que me é permitido publicar para o mundo.

Quanto ao restante, a sua hora ainda não é chegada.

Tão logo chegue esse momento, todos serão avisados.